Portugal em Londres

Carlos Fontes

Londres, Islington, 2024

Portugal em Londres

As relações entre Portugal e a Inglaterra datam do início da independência no século XII, uma relação que foi sendo aprofundada ao longos dos séculos. Fui à procura de vestígios desta relação em Londres. Tenho andado a calcorrear ruas, visitar monumentos, museus, bibliotecas, cemitérios e jardins. Um pouco por toda a cidade o que não faltou foi encontrar evocações de personagens e episódios de histórias que nos remetem para o local onde parti. Acabei a imaginar um guia de como andar por Londres sem sair de Portugal. Não se tratada de saudade que a curta distância ou as sempres limitadas estadias o não permitem conceber. Trata-se antes da lição que aprendi de Xavier de Maistre (*Viagem à volta do Meu Quarto, 1790*): uma viagem ainda que circunscrito a um quarto pode ser uma aventura fascinante e infindável. O importante não é a viagem ou as coisas cujo olhar percorre, mas o que ao viajante elas dizem. Se não lhe falam, por mais que se tenha viajado nada aproveita do caminho percorrido. A canseira se a houve foi em vão. Quem desta lição se aproveitou foi Almeida Garrett nas *Viagens na Minha Terra* (1846) , cujo exílio em Inglaterra lhe abriu novos horizontes para a renovação da literatura portuguesa ao tempo.

Nestas deambulações falsamente cronológicas, que nestas coisas de viagens nunca sabemos se a primazia está no que vemos ou nas memórias que temos sobre o que observamos. Ambas, estou em crer, fundem-se num dado instante que torna impossível saber a que vem primeiro. Relendo o texto, fico que com a sensação de ter procurado ainda que de forma inconsciente perscrutar o modo como os ingleses olham para Portugal a partir do valorizaram nas suas colecções públicas. Um tarefa que descarto, embora as figuras de Catarina de Bragança ou Wellington não deixem de ser nesta perspetiva particularmente sedutoras. Feitas as apresentações venham de lá as deambulações muito pessoais por Londres. O leitor aproveite-as como quiser.

Carlos Fontes
(Jornal da Praceta)

1. Ir a Londres e não comer **Fish and Chips** (peixe e batata frita) num pub é como ir a Roma e não ver o papa. A minha surpresa está no peixe, garantiram-me que era bacalhau. É dificil acreditar. Mais fácil foi aceitar que a célebre *marmelade* inglesa, afinal era a marmelada portuguesa feita com marmelos e açúcar. A sua importação massiva deu origem ao vocábulo inglês no século XVI e acabou adoptado por outras línguas europeias.

O meu desencanto no **British Bar (BB)**, no Cais Sodré foi o facto de não servirem **Fish and Chips**. Não consta que a Taverna Ingleza, que existiu neste local também o servisse. Foi nele, como é sabido que Eça de Queiroz, sentou o Primo Bazilio a beber xerez (1877) e não cerveja. O BB que o substituiu, abriu as portas a 18 de Fevereiro de 1919, e em respeito aos pubs ingleses passou a servir cervejas de todo o mundo, apagando a heresia do xeres queirosiano, mas não serviu o **Fish and Chips**. Também não o servem, os dois pubs mais ingleses de Alvalade, o **Grog** e o **Old Vic**.

É impossível fugir ao tema do bacalhau, tantas maneiras é servido em Portugal. Em Londres, o nosso primeiro ponto de encontro só podia ser no **British Library.**

Foi nesta biblioteca que descobrimos a personagem que terá espalhado o gosto pelo "fiel amigo" entre os portugueses: **Berengária de Portugal, filha de D. Sancho I**. Está

representada num belissimo códice manuscrito iluminado - **Genealogia dos Reis de Portugal,** feito por volta de 1530. É uma personagem pouco conhecida dos amantes do bacalhau. Em 1214 casou-se com Valdemar II, rei da Dinamarca. O rei e a sua corte eram então abastecidos de bacalhau em todos os sítios da Dinamarca por onde passassem. A rainha Berengária deve ter viajado com o rei, e do consumo frequente de bacalhau ganhou-lhe o gosto. Terá passado o seu gosto aos habitantes da sua terra natal. O certo é que os portugueses não tardaram a ir pescá-lo aos mares do norte. Em 1353, D. Pedro I e Eduardo II de Inglaterra assinam um tratado comercial da pesca do bacalhau. Um tratado desta importância para os portugueses tinha que ter precedentes, foi isso que propomos averiguar, e como se verá há muito para contar.

Cafés e Pubs. É infindável o que podemos descobrir na **British Library**, por agora chega**.** Enquanto procuramos saber a linha de metro que nos iria levar à próxima paragem, avistamos um livro de Georges Steiner (*The Idea of Europe*, 2004). O mapa da Europa na sua polémica afirmação seria desenhado pelos cafés. Estes são os seus marcos essenciais. Não há cafés em Moscovo. Poucos existem em Inglaterra, embora estivessem na moda, no século XVIII. Nenhuns na América do Norte, com excepção de Nova Orleães. Os grandes cafés europeus eram locais de discussão de ideias políticas, literárias, artística, onde se forjavam não raro conspirações. O pub inglês ou o bar irlandês têm uma cultura própria, distinta. A sua vocação é não o debate de ideias, ou a produção literária, política ou filosófica. Falta-lhes mesas de jogo ou jornais. O seu ambiente não o permite. Esta passagem do texto de Steiner, mil vezes reproduzida, menoriza o papel civilizacional dos pubs. A resposta a dar carecia de leituras, fica para outra altura.

Não foi preciso ir à British Library para saber a origem do Fish and Chips. A primeira loja foi aberta por Joseph Malin, um imigrante judeu, no leste de Londres por volta de 1860. Outro dos pioneiros deste prato tipicamente britânico foi John Lees, que o vendia, em 1863, numa cabana de madeira no Mercado Mossley em Lancashire (Norte de Inglaterra). Hoje a sobrevivência do bacalhau está ameaçada pelo excesso de capturas.

2. O encontro na **Abadia de Westminster.** Está ligada a muito dos acontecimentos determinantes da história da Inglaterra. Eduardo (c.1003-1066), o último rei anglo-saxão) , iniciou em 1042 a construção de um panteão real. Em 1066, **Guilherme I** (1028-1087), **Duque da Normandia** invadiu a Inglaterra, apoderou-se do trono estabeleceu em Londres residência permanente da corte. Fez-se coroar na **Abadia de Westminster**, iniciando uma longa tradição. Um das suas obras foi reconstruir a Torre de Londres (1091) em pedra, mandou ainda erguer o Westminster Hall (1097), futuro Palácio do mesmo nome.

Por volta de 1087, um grande incêndio em Londres, destruiu muitas casas, levando ao aparecimento de casas em pedra e telha. Na margem norte do Tamisa começou a construção e expansão de uma cais marítimo que atraiu comerciantes de toda a Europa. A cidade no final do seu reinado Guilherme I contava com cerca de 15 mil habitantes. É provável que em França tenha conhecido **D. Henrique (1066-1112)**, **futuro conde de portucale (1096) e pai do primeiro rei de Portugal.** Após a sua morte em Caem, a Inglaterra e a Normandia mergulharam num período de brutais lutas entre os seus descendentes.

Não muito longe fica o nosso próximo encontro, a estátua de **Richard I, rei de Inglaterra** e mentor da terceira cruzada, junto ao **Parlamento britânico**. É seguramente um local obrigatório de visita para os portugueses. Foi enorme o contributo das cruzadas na formação do reino de Portugal, assim como das ordens militares que surgiram para proteger os peregrinos que se dirigiam à Terra Santa. Crença, glória e santidade eram o manto que cobria pilhagens e a morte de populações. Época de conquistas territoriais que estivaram na génese de nações como a portuguesa.

A **primeira cruzada** (1096-1099) pouco sabemos da sua relações com o Condado Portucalense que lutava pela sua autonomia. Registamos todavia que a **duquesa Dona Teresa**, tenha chamado em seu auxilio os Templários.

A **segunda Cruzada** (1145-1149) foi decisiva para a formação do reino de Portugal (1143). De toda a Europa Cristã, motivados pelas pelas palavras de São Bernardo, milhares de combatentes partiram então para Jerusalém. Cerca de 13 mil veio por barco ao longo da costa de Portugal. Eram ingleses (e normandos), escoceses, flamengos, frisios e alemães. A pedido do primeiro de Portugal - **D. Afonso Henriques** - ajudaram-no em 1147, na conquista da cidade de Santarém e Lisboa aos mouros. A Igreja dos Mártires, no centro de Lisboa, recebeu os restos mortais e perpétua a sua memória. Foi, dizem os historiadores, a grande conquista desta cruzada que se saldou num fracasso.

Em retribuição desta ajuda, Gilberto, capelão de uma das naus, natural de Hasting foi nomeado para primeiro bispo de Lisboa, tendo-se adoptado o Rito Sarum que irá perdurar até 1536. Para a história ficou também relato desta conquista pelo Pe. Osbern, onde ao Outro raramente é dado o direito a existir.

A situação em Inglaterra acalmou quando, em 1154, **Henrique II** (1133-1189), neto de Guilherme I, subiu ao trono. Para além de Inglaterra, possuía a Normandia, a Bretanha, as regiões do Loire e o ducado da Aquitânea, isto é, a região entre o Loire e os Pirineus. Procurou interferir nas políticas matrimoniais nos reinos ibéricos, de forma a afastá-los dos reis de França, numa cumplicidade que se foi instalando. A irmã de **D. Sancho I** de Portugal, D. Teresa (Matilde na Flandres, 1151-1218), em 1184, saiu de Lisboa a bordo de navios fretados por Henrique II até La Rochelle para se casar com Filipe de Alsácia, do Conde da Flandres.

Este enorme poder dos reis de Inglaterra tornou-se um perigo para rei de França, que passaram a lutar para os expulsar. Numa teia de conspirações em 1189 foi preso e obrigado a assinar uma paz humilhante, sucedeu-lhe o seu filho **Ricardo I** (1157-1199), conhecido pelo Coração de Leão.

Ricardo I, após ser coroado na **abadia de Westminster,** começou a preparar uma expedição à Terra Santa, a **terceira cruzada** (1189-1192). A regência do trono foi entre a seu irmão, dito João-Sem Terra. De novo cruzados ingleses (e normandos), alemães e de outros lugares da Europa para lá que se dirigiram. Um numeroso grupo fê-lo de barco ao longo da costa de Portugal. D. Sancho I, filho do primeiro rei, com a sua ajuda conquistou **Silves**, uma importante cidade em domínio dos muçulmanos no Algarve. Está justificada, uma vez mais, a sua referência nesta espécie de guia londrino. Ricardo I, após o seu regresso a Londres, mandou envolver a Torre de Londres com cortinas de muralhas concêntricas. Morreu com 42 anos, quando cercava o castelo de um do seus vassalos franceses, sucedeu-lhe o seu irmão João-Sem-terra (1166-1216).

João-Sem-terra, continuou a aprofundar as suas relações com Portugal. Pediu a D. Sancho I a sua filha, mas não lhe foi concedido. Em 1214 tropas portuguesas lutaram ao seu lado na **Batalha de Bouvines**, em defesa de **Fernando de Portugal** (1188-1233), conde da Flandres contra Filipe II de França. Este filho de D. Sancho I desejava o retorno das cidades de Aire-sur-la-Lys e Saint-Omer, que havia recentemente perdido para Filipe II da França no tratado de Pont- A-Vendin. João Sem-Terra, em consequência da derrota, viu-se forçado a assinar a **Magna Carta** pelos nobres descontentes. O seu ponto

principal dizia respeito à protecção da liberdade pessoal pessoal contra o abuso do poder: "Nenhum homem livre poderá ser detido, preso, declarado fora da lei, exilado ou punido de qualquer forma sem primeiro ter sido julgado pelos seus pares, segundo as leis do reino". O documento de inicio apenas abrangia o direito dos nobres, mas lentamente aplicado a todos os ingleses. A carta declarava também que o lançamento de impostos carecia da prévia autorização de um Grande Conselho, génese do parlamento inglês. Foi inserido igualmente um parágrafo que legitimava o direito de rebelião armada contra o rei, caso se fizesse sentir a sua necessidade.

Na **quarta cruzada** (1202-1204), os barcos partiram de Veneza e acabaram no saque de Constantinopla pelos venezianos. Não consta que os cruzados tenham passado por Portugal, o que veio a acontecer na **Quinta cruzada** (1217-1221). Os cruzados templários e hospitalários, em outubro de 1217, ajudaram a reconquistar definitivamente Alcácer do Sal.

As relações entre os dois reinos foram-se consolidando, tendo sido estabelecido um tratado de amizade e comércio em 1294, entre **D. Dinis e Eduardo I,** renovado em 1308, como indissolúvel e perpétuo. Eduardo I participou na nona cruzada (1270- 1272), quando regressou após ser coroado assumiu como objectivo reunir as ilhas britânicas sob um mesmo reino, tendo conquistado o País de Gales. A conquista da Escócia revelou-se uma impossibilidade, dada a união dos escoceses e a sua tática de guerra (guerrilha).

Entre Portugal e a Inglaterra tem sido assinalado neste período, algumas preocupações comuns, como a construção de estruturas políticas, administrativas, financeiras e jurídicas, embriões dos estados modernos. Separam-se todavia na forma como abordaram a questão judaica. Eduardo I para sustentar as guerras em que se envolveu sobrecarregou a população de impostos. Perante os protestos publicou em 1290 o Édito de Expulsão dos judeus, cujo cargo de cobradores impostos os tornavam particularmente odiados. D. Dinis, seguiu outra política, favoreceu os judeus registando-se inclusive o seu crescimento na cidade de Lisboa no final do século XIII.

Pubs. Ao escrever as últimas linhas a minha pergunta era só uma: Qual o pub? Não muito longe de Westminster fica o **Red Lion** (48 Parliament Street) muito frequentado por políticos e funcionários. No século XV já existia aqui uma taberna. O edifício actual data de 1890. Foi o que nos ocorreu ainda ao pensarmos na Magna Carta, selada a 15 de Junho de , cuja clausula 35, como é sabido, menciona a cerveja: "Que haja em todo o reino uma medida única para o vinho e uma medida única para a cerveja e uma medida única para o milho..".

2.1. Middle Temple Gate. É altura de irmos para um novo lugar - Middle Temple Gate. Das quatro grandes ordens militares em Portugal, duas delas tinham uma dimensão europeia: os Templários e os Hospitalários. Ambas permitiram uma rede de contactos e de apoio entre os vários reinos europeus, cuja relevância nem sempre é salientada. A Ordem de Santiago e a Ordem de Avis eram ordens militares ibéricas

A **Ordem do Templo em Inglaterra** (Templar knights of England), fundada em 1119. Por volta de 1148 tinham a sua sede em High Holborn, mudaram-se depois para a zona entre entre Fleet Street e o Tamisa (actual Middle Temple Gate), onde construíram uma Igreja (Igreja do Templo,1160- 1185) inspirada na Igreja Redonda do Santo Sepulcro em Jerusalém. O seu poder não parou de aumentar, Henrique II concedeu-lhes terras por

todo o reino. Durante a regência de João-Sem-Terra, o Tesouro real ficou à sua guarda, A riqueza acumulada pelos templários era enorme. Não pagavam o dízimo. Foram os primeiros a emitir cheques. Um peregrino entregava-lhes os valores em casa, era-se passada uma nota promissória e, na Terra Santa, recebia o valor correspondente ao que entregara. Em 1191, eles eram tão ricos que conseguiram comprar a ilha de Chipre. Os desaires militares na Terra Santo (1291), levantaram dúvidas sobre a sua utilidade. O grupo de jazentes na Igreja, entre os quais está William Marshal of Pembroke, sem o qual não teria havia a Magna Carta, estão todos de pernas cruzadas, mas nenhum era templário. Após a extinção da Ordem, os terrenos foram para a Ordem dos Hospitalários.

Em Portugal os seus bens dos templários foram transferidos, em 1312, para a Ordem de Cristo, cuja primeira sede não foi em Tomar, mas em Castro Marim.

A **Ordem dos Hospitalários** (Order of the Hospital of Saint John), fundada em 1080, tinha em Clerkekenwell (Londres) desde 1140 a sede do priorado. Tanto prestava apoio hospitalário, como estava envolvida em acções militares. Foi extinta em Inglaterra quando Henrique VIII se separou da Igreja Católica e criou a Igreja Anglicana, sendo o seu património confiscado pela coroa. A moderna ordem foi criada em 1888, para prestar os primeiros socorros e o transportes de doentes em ambulâncias, um serviço público inexistente em Inglaterra. Com este renascimento, o dia de S. João, 24 de Junho, que havia sido banido pelos protestantes, voltou a ser comemorado em Inglaterra.

Em Portugal a Ordem é mais antiga. Foi aqui implantada, por volta de 1126 ou 1128, no antigo Condado Portucalense, crescendo a sua importância após a independência do condado. **D. Afonso de Portugal** (1135-1207), em 1202, foi eleito Grão-Mestre da Ordem. No **Museum of the Order St. John** (St John`s lane), em Londres, encontramos uma apreciável colecção de documentos e objectos relacionados com Portugal, onde esta ordem teve sempre grande importância, como: *Varj componimenti in lode dell'eminentissimo*, da primeira e única edição de louvores poéticos apresentados ao fidalgo português Antonio Manoel Vilhena (1663-1736) por ocasião da sua eleição como Grão-Mestre da Ordem de São João de Jerusalém em 1722. Compilando poemas laudatórios em italiano, latim, francês e grego, a obra foi editada por Ettore Marulli, cavaleiro da Ordem de São João da Itália, e publicada em Nápoles em 1723. A peça que mais apreciamos é uma escrivaninha, em ébano, entregue ao grã-mestre da ordem, Nicolau Cotoner (1608-1680), pelo Rei Regente de Portugal, Pedro II, em 1670, como presente diplomático.

Pubs. Entre os muitos usos que os edifícios que o priorado londrino conheceu, depois da extinção, foi a abertura no seu portão, em 1720, do histórico pub, **The Old Jerusalem Tavern**, onde se reuniram muitos artistas e escritores, como Charles Dickens. O tempo urge e ainda temos muitos anos para percorrer. Não é o pub do meu imaginário, esse ainda ando à procura. Numa epifania, em agosto de 1981, quando fazia uma deambulação pelas ruas de Londres deparei-me com o mesmo numa esquina. Era muito pequeno, as nossas cabeças podiam quase atingir o teto. O forro a madeira, os bancos gastos pelo uso, e a luz mortiça conferia-lhe um ambiente aparentemente intimista. As mesas ocupavam o centro de alguns cubículos, como se fossem altares privativos para uma mais intensa degustação de cervejas. Desde então sempre que vou a Londres procuro, sem êxito, descobrir o meu pub de eleição. Não excluo a possibilidade do mesmo ter encerrado, como milhares de outros por toda a Grã-Bretanha. No essencial o que o distinguia dos cafés, não estava na sua arquitectura, mas na bebida e o que a mesma proporciona: a cerveja. A sua natureza é comunitária, saboreada em grupo é

melhor fazê-lo com companhia que sozinho. Os entendidos na matéria, atribuem-lhe três propriedades únicas: gera alegria, sociabilidade e companheirismo. Não se bebe cerveja para esquecer desgostos ou dramas pessoais, e sim para conviver. Daí o burburinho, a algazarra dos pubs e o seu contraste com a serenidade dos cafés. É pois muito curta a sua definição, como uma "bebida alcóolica obtida a partir da fermentação do malte". Nada nos diz destas propriedades intrínsecas, nem da infinidade de aromas e sabores que nela podemos descobrir. Estamos agora física e anímica em condições para prosseguir em mais uma curta deambulação, sobre um tempo histórico marcado pela guerra.

3. **Pool of London** é o o nosso próximo ponto de encontro**.** Foi nesta zona de **Southwark** que na Idade Média estava centrado o comércio com o continente. Os barcos atracavam em pequenos molhes. O aumento do trafego obrigou à sua expansão para pequenas aldeias ribeirinhas. O porto ao longo do século XV foi ganhado progressiva importância em relação a Southampton com o processo de centralização da corte e o desenvolvimento da produção de panos. Em 1500, cerca de 45% da lã de Inglaterra e 70% das exportações de tecidos passavam pelo porto de Londres, grande parte dos quais para a Antuérpia (onde os portugueses tinham uma feitoria) e Calais. Durante o século XVI a exportação de tecidos era o principal produto de exportação de Londres. A principal alfândega situava-se a montante da Torre de Londres. A protecção contra as tempestades e os ladrões era frágil. Foi preciso esperar pelo final do século XVII, para se realizarem grandes obras de renovação. Assunto que fica para outro encontro.

Londres, por volta de 1300, contava entre 80 e os 100 mil habitantes, o que a tornava uma grande cidades na Europa. Paris ultrapassava todas com os seus 250 mil habitantes. Lisboa, tinha cerca de vinte mil, Sevilha, a maior cidade de Castela entre quinze a vinte mil habitante em meados do séc. XIII. Roma cerca de trinta mil habitantes. A Peste Negra de 1348/1349 dizimou 10 mil londrinos que foram enterrados em West Smithfield. A população concentrava-se na margem norte do Tamisa, embora em Southwark houvesse já um assentamento significativo.

Antes de prosseguirmos, temos que falar de **poder** e **economia**, para compreendermos novos acontecimentos decisivos nas relações entre Portugal e a Inglaterra.

Guerra dos Cem anos (1336-1422). **Eduardo III**, com apenas 14 anos de idade, em 1327 ascende ao trono de Inglaterra. Não suportava o apoio que a França dava aos escoceses, nem a dependência da produção e comércio textil flamengo com lã inglesa, ou mesmo o fim dos territórios que lhe restavam em França. Partiu para a guerra, reclamando o trono da França, afirmando-se como seu legitimo herdeiro (**1336**). A guerra teve uma forte impacto nos reinos da Península Ibérica, forçando-os a tomarem partido entre dois reis, o de Inglaterra e o da França. Na primeira fase da guerra (1336-1388), a Inglaterra saiu vitoriosa (Batalha de Crécy, 1346) destruindo a marinha francesa e a frota mercantil castelhana (1350) sua recente aliada.

Neste contexto internacional os dois reinos continuam a encontrar interesses comuns: a Inglaterra pretendia o acesso por mar ao mediterrâneo, Portugal o acesso aos mercados do norte da Europa. **D. Afonso IV**, rei de Portugal, em 1325, envia uma embaixada a Londres para negociar com **Eduardo II** o casamento da sua filha mais velha, Maria, com o principe de Gales (futuro Eduardo III). O casamento não se concretiza pois, Eduardo II fora deposto. Eduardo III toma mais uma iniciativa e avança para uma nova aliança. Em **1344**, manda uma embaixada para solicitar a mão de uma princesa portuguesa (D. Leonor), filha mais nova de Afonso IV, com o principe de Gales, o chamado "principe negro". Quando os embaixadores chegaram a Portugal, D. Leonor já havia casado com Pedro IV de Aragão. Apesar destes desencontros, as relações comerciais não pararam de crescer.

Nada impediu o reforço destas relações. **D. Afonso IV** estabeleceu com Eduardo III novos tratados para facilitar o comércio e a amizade em 1352 e 1353, este com a

duração de 50 anos, negociado por Afonso Martins Alho. Entre os oito pontos do documento, constavam a garantia de comércio livre para os mercadores nacionais em todas as cidades e vilas inglesas, o direito de pescas nas costas da Inglaterra e da Bretanha, e ainda o negócio da importação de bacalhau em troca de facilidades na exportação de cera, peles, e couros, vinhos, frutas secas, azeite, sal e cortiça.

O afastamento de Castela da França, leva à aproximação de Portugal de Castela (paz de 1358). Tudo se altera quando Castela faz uma nova aliança militar com a França (1368-69), um aliança que destrona o poder maritimo dos ingleses no Atlântico. O rei português (D. Fernando) está numa posição dificil, ao mesmo tempo que procura garantir a paz com Castela (1371), tenta igualmente assegurar o apoio da Inglaterra de modo conseguir a liberdade de navegação no Atlântico.

Uma dúvida levanta-se: Durante a Guerra dos Cem Anos, houve ou não uma estagnação económica?. A primeira constatação é que as rotas comerciais da Inglaterra com o Mediterrâneo foram alteradas, passaram fazer-se por mar ao longo da costa portuguesa. Em Portugal, apesar da Peste Negra, sabemos que a economia prosperou e reforçaram-se os laços económicos com a Inglaterra.

Nos séculos XIV e XV, os portos mais importantes deste comercio eram Bristol, Southampton, Londres e Sandwich (Kent). O primeiro, muito dinâmico, mantinha um comércio muito activo com Portugal. O segundo, desde o século XI que dominava nas exportações para a Flandres, alvo de ataques pelos franceses na Guerra dos Cem anos. O porto de Sandwich, muito afectado por esta guerra, tirava partido da sua proximidade ao continente.

O número de mercadores ingleses em Portugal e de portugueses em Inglaterra disparou, assim como o volume de negócios. Tudo isto explica, em grande medida, a aproximação que se verificou entre estes reinos.

Alianças. No enorme acervo documental do **National Archives de Londres** (Kew, Richmond, Surrey), preserva-se um documento fundamental para compreender as relações entre Portugal e a Inglaterra: o **Tratado de Tagilde**, firmado a 10 de Julho de 1372 na Igreja de S. Salvador de Tagilde (Vizela, Braga) entre D. Fernando I de Portugal e os representantes de John of Gaunt (João de Gante), Duque de Lencastre, filho de Eduardo III rei de Inglaterra. Foi celebrado no contexto da guerra dos Cem Anos e estabelecia uma aliança sobre a disputa do trono de Castela. O Duque pretendeu apoio à sua pretensão ao trono de Castela. O rei português procurava aliados na Europa. O Duque acabou por mudar os seus intentos, mas a aliança não morreu.

Em **Westminster** foi confirmado a 16 de Junho de 1373 o ́Tratado de Tagilde entre o rei D. Fernando I e o rei Eduardo III de Inglaterra. A aliança abrangia agora a ajuda mútua em conflitos militares, e assim nasceu a histórica **Aliança Luso-Britânica**. O tratado nunca foi revisto, mantendo-se até aos nossos dias, sendo sucessivamente confirmado.

A aliança com Portugal, garantia a Inglaterra apoio ao seu comércio maritimo, numa altura muito dificil. Uma frota basca, em meados de 1380, fez um ataque com grande exito no Tamisa. Ricardo II de Inglaterra neste ano, Em 1380, dá plenos poderes a João Fernandes Andeiro para negociar uma nova aliança com Portugal, assinada a 15 de Julho, envolvendo o casamento de Beatriz com o filho do conde de Cambridge, o que

não se concretizará. Beatriz era a única descendente de D. Fernando, fruto do seu casamento com Leonor de Teles, defensora dos interesses castelhanos na corte portuguesa. Casou-se em 1383, com o rei de Castela, abrindo desta forma uma guerra pela sucessão do trono de Portugal.

Pubs. É tempo de fazermos uma pausa. A versão ontológica de Steiner sobre os cafés e os pubs ingleses carece de uma resposta. Chegou a altura de a começar a dar, sem pressas. Foi com esta firme convicção que tomamos a direcção do **The Old Bell Tavern** em Fleet Street, um memorável pub do século. XVII, mesmo ao lado do também histórico **Yo Olkd Cheshire Cheese**. Assaltou-nos a memória que também não ficava distante o **Ye Olde Mitre Tavern** (Ely Court, Ely Place). Qual optar para beber uma cerveja? Nos três sem excepções. Entre um e outro, pensei que a melhor resposta a dar Steiner estava na antiguidade da cerveja face ao café.

A história da cerveja tem milhares de anos, os egípcios conheciam-na. O café nem tanto. O contributo da cerveja para a civilidade e a amizade entre os homens terá certamente sido maior. Saciados, e reconfortados com esta constatação era altura de retomar o nosso tema noutro lugar mais distante.

3.1. Windsor. Este é o nosso ponto de encontro. Recordamos que a primeira consequência do Tratado de Londres (1373), foi o apoio inglês às intermitentes guerras com Castela e depois na guerra da sucessão no trono de Portugal, envolvendo D. João, mestre de Aviz, contra o rei de Castela (1383-1385).

Neste contexto de grande incerteza, em 1381 chegou a Lisboa o auxilio militar inglês, liderado pelo Conde de Cambridge, Edmundo de Langley. A situação complicou-se, com os desaires da marinha inglesa e portuguesa, em 1382, face à armada castelhana. O próprio conde regressou a Inglaterra em Setembro em barcos castelhanos ! Portugal é de novo confrontado entre escolher entre a Inglaterra ou Castela/França. A burguesia ligada ao comércio maritimo prefere a primeira. A guerra com Castela tornou-se inevitável e será decida não no mar, mas em terra.

Quando falece D. Fernando, em 1383, o rei de Castela reclama o trono de Portugal. A primeira invasão ocorre em 1384, mas os castelhanos são obrigados a retirar do cerco que fazem a Lisboa. Na sua segunda invasão, em 1385, avançam com um poderoso exército por terra. A experiência dos militares ingleses foi decisiva na célebre Batalha de Aljubarrota, a 14 de Agosto de 1385. Na páscoa de 1385, ao abrigo do Tratado de 1373, da Gasconha cerca de 200 arqueiros ingleses, veteranos da guerra dos cem anos e cerca de 500 outros mercenários, a maioria ingleses e da gascões entraram em Portugal. Castela contava com o apoio de franceses. A derrota dos castelhanos no campo de batalha constituiu um marco na história do país e na afirmação de uma nova dinastia, a de Avis, ligada à Inglaterra.

Jean d'Wavrin Chronique d'Angleterre: The Battle of Aljubarrota (Castile vs Portugal, 1385). Royal 14 E IV f. 204 recto, in British Library.

Após a importante vitória em Aljubarrota, o passo seguinte foi o **Tratado de Windsor**. Firmado a 9 de maio de 1386, entre **D. João I de Portugal** e **Ricardo II de Inglaterra**, ratifica um tratado de "amizade e confederação perpétua", estreitando as relações no domínio político, militar, económico e na circulação de naturais. O rei de Portugal, compromete-se também a enviar no verão dez galés, armadas e equipadas à sua custa que até 29 de Setembro estarão ao serviço do rei de Inglaterra contra os seus inimigos. A 14 de Fevereiro de 1387, celebrou-se na cidade do Porto, o casamento entre D. João I e **Dona Filipa de Lencastre**, filha de João de Gante, 1.º Duque de Lencastre, com sua mulher Branca de Lencastre. Para Inglaterra foi D. Beatriz, filha ilegitima de D. João I, para se casar em Londres, a 26 de Novembro de 1405 com Thomas FitzAlan (1381-1415), 5º conde de Arundel e 10º. Conde Surrey. Foi um dos nobres ingleses responsáveis pela deposição de Ricardo II e ascensão de Henrique IV, que lhe restituiu os dois condados e grandes propriedades nas Marcas Galesas. A outra filha de D. João I, D. Beatriz casou-se com Filipe da Borgonha, outro grande aliado da Inglaterra.

Jean d'Wavrin *Chronique d'Angleterre*: Marriage John I of Portugal and Philippa of Lancaster, Royal 14 E IV f. 284, **in** Britsh Library.

Jean d'Wavrin *Chronique d'Angleterre*: King of Portugal, in Britsh Library

Doze de Inglaterra. A história efabulada continua. Realizado o casamento, o Duque de Lencastre regressou a Londres, onde se deparou com um problema para o qual encontrou a resposta em Portugal. Doze damas inglesas pediram-lhe que as defende-se de doze rufias que afirmavam que as mesmas não tinham beleza nem virtude. O Duque não encontrou ninguém em Inglaterra para as defender. Lembrou-se da valentia e o sentido de honra dos portugueses que tanto o impressionaram na luta que travaram contra os castelhanos. Pediu a D. João I, seu genro, que arranjasse doze desses valentes cavaleiros, e este assim o fez. Escolheu-os na região da Serra da Estrela. Onze partiram do Porto de barco para Londres, e um - o Magriço - seguiu um trajecto mais longo por terra até onde pudesse, para ver mundo. O torneio foi feroz, mas no final os portugueses acabaram por reparar a honra das damas ultrajadas. O Duque deu uma enorme festa. Não há registo de semelhante proeza em Londres, a não ser em Portugal. A história circulou em manuscrito. Camões pegou nela, e n`*Os Lusiadas*, estrofes 43 a 69, colocou um marinheiro de uma das naus da armada de Vasco da Gama, a contá-la aos seus companheiros de bordo. Não foi o primeiro fazê-lo, nem sequer o último. História de cavalaria ou exaltação patriótica, nas várias versões e interpretações serviram para tudo.

Ceuta. A aliança entre Portugal e a Inglaterra permitiu uma manobra secreta, com ambos o reinos a armarem-se para uma grande expedição em 1415. Castela e a França alarmaram-se, ignorando o seu destino. Henrique V às 15 horas de 11 de Agosto deu o sinal de partida para França, onde chegou a 14 de Agosto. A frota portuguesa partiu de Faro a 7 de Agosto e a 12 chegaram a Ceuta. A manobra serviu aos ingleses para iludirem os franceses sobre o destino da frota Portuguesa, assim como para enganar o Reino de Fez (Marrocos) sobre este destino. No ano anterior, recorde-se, navios e lanças inglesas participaram, numa expedição portuguesa a Ceuta. Tudo fazia crer que tinham ambos o mesmo objectivo. A 26 de Janeiro de 1415 foram isentadas de taxas o armamento saído de Inglaterra para Portugal. O Conde da Holanda, terá entrado nesta manobra de diversão, declarando guerra a Portugal, aumentado a incerteza sobre o destino da frota portuguesa. Os dispositivos militares castelhanos, sobretudo a sua temida frota, foi obrigada a vigiar os movimentos da armada de Portugal, ficando impedida de ajudar a França na célebre batalha de Azincourt. A presença da frota castelhana no golfo de Biscaia neste ano foi muito limitada. Também os escoceses limitaram a sua ajuda aos

franceses provavelmente por falta de navios. Esta estratégia luso-inglesa contribuiu para a vitória de ingleses em Azincourt e para a conquista de Ceuta.

Economia. As relações económicas nunca foram verdadeiramente pacíficas. Os mercadores ingleses tinham em Portugal mais privilégios que os portugueses em Inglaterra. O conhecido "poema"- *The Libel of English Policy* (c.1436), o primeiro poema inglês onde aparece uma referência explicita a Portugal afirma claramente que o país era confiável, porque a Inglaterra podia aqui negociar. Nesta altura, a Inglaterra procurava isolar a Flandres, fazendo um boicote ao seu comércio e produção não lhe fornecendo lã, como represália pela sua aproximação à França. Esta facilidade de negociar com Portugal era afinal a verdadeira natureza da amizade entre os dois reinos.

Mito da Inglaterra. Desde a sua fundação, como reino independente que Portugal procurou afastar-se da Hispania, construir outras raizes. A aliança luso-inglesa e o casamento de D. João I e Filipe de Lencastre ajudaram a criar o **mito da Inglaterra:** um país amigo, confiável, que está na origem da sua refundação, com a dinastia de Aviz. O problema é que João I rapidamente percebeu que o seu sogro tinha a sua agenda própria. As supostas facilidades comerciais eram um logro. Os mercadores portugueses viam barcos e a carga confiscados pelos ingleses, como meio de pagamento das dívidas da Coroa portuguesa, como ocorreu com o meio- irmão do rei, o infante D. Dinis (c. 1354-1397). Os mercadores do Porto, insatisfeitos com a situação, exigiram o direito de se apoderar da propriedade dos mercadores ingleses em Portugal, para compensar as perdas sofridas ao longo da costa inglesa. Henrique IV (1366-1413), filho e sucessor de Eduardo III (1312- 1377), perante as queixas de D. João I, procurou um tratamento mais equitativo mas nunca o conseguiu.

3.2. Capela de St. Jorge. A ficção nasce da realidade, assim o demonstra o brasão de **Alvaro Vaz de Almada**, um dois doze de Inglaterra, na capela de São Jorge, no Castelo de Windsor. Foi nomeado cavaleiro da **Ordem da Jarreteira**, **a mais antiga de Inglaterra**, e também Conde de Avranches (c.1390). A bravura como que se bateu por Henrique V de Inglaterra na **Batalha de Azincourt** (1415), levaram o soberano a atribuir-lhe ambas as distinções. O exercito de Henrique V era constituído na sua maior parte por arqueiros ingleses e galeses, com arco longo. Conta-se que o franceses, com maior número de combatentes, ameaçaram os arqueiros de lhes cortar o dedo do meio, mostrando o seu maior levantado. Após terem sido derrotados, os ingleses passaram a mostrar os dedos do meio aos franceses como um gesto obsceno. Henrique V mandou matar todos os prisioneiros franceses de Azincourt. A França era na altura governada por um rei que sofria de insanidade mental (Carlos VI), os ingleses souberam aproveitar-se da situação durante alguns anos. Foram expulsos da França apenas em 1453. Na segunda dinastia de Portugal, fizeram parte parte da Ordem da Jarreteira, D. João I, D. Duarte, D. Afonso V e D. João II, D. Manuel I, os infantes D. Henrique, D. Pedro, Duque de Coimbra. Filipa de Lencastre desde 1378 fazia parte das damas desta Ordem. A tradição foi retomada com a nomeação de D. João IV, seguiu-se D. João VI prosseguindo depois até ao último rei, D. Manuel II, incluindo o principe real D. Luis Filipe, assassinado com o seu pai em 1908.

Já que estamos na capela de St. Jorge, concluamos esta capitulo com o fim de duas dinastia inglesas e o inicio de outra. A referência ao assassinato de um rei em Portugal, fez-me lembrar dois reis ingleses igualmente assinados: **Henrique VI** (reinou de 1429 a 1461 e de 1470 a 1471, com uma prisão pelo meio) e **Ricardo III** (1483-1485). Henrique

VI sofria de insanidade intermitente e foi nesta capela enterrado e nela ganhou a fama de santidade. Foram-lhe atribuídos vários milagres, como ressuscitar mortes ou curar cegos. Um local de romarias muito popular até inicio do século XVI. Para além da insanidade, o que ditou o seu fim foram as derrotas militares em França. As duas principais casas da nobreza Lencastre e a York -, desencadearam uma guerra para o substituirem e depois pela sua sucessão (1455-1485). Acabou assinado na Torre de Londres. O seu sucessor **Eduardo IV**, ligado à casa de York, foi duas vezes rei (1461-1470 e 1471-1483), acumulou assassinatos e acabou sepultado também nesta capela. O seu filho **Eduardo V** ao fim de 86 dias de reinado foi deposto, preso e morto, pelo seu tio Ricardo III.

Ricardo III tratou de mandar assassinar os seus rivais, mas não se livrou ser questionada a sua legitimidade pelas duas casas. Nos últimos meses dos seu curto reinado, procurou desesperadamente casar com uma princesa portuguesa, descendente da casas dos Lencastres: **Joana Lencastre** (1452-1490), filha de D. Afonso V e irmã de D. João II. Foi pedida em casamento por Luis XI de França para o seu irmão Carlos, Duque de Orleães. Pelo Imperador Frederico, para Maximiliano (1472) e por Carlos VIII de França. Ricardo III, entre Março e Abril de 1485, mandatou **Sir. Edward Brampton (Duarte Brandão)** para negociar as condições. No caso de haver casamento, D. João II exigia o casamento de D. Manuel (futuro rei) com Isabel de York. Ricardo III prometia, como contrapartida, enviar um exercito para ajudar D. João II na luta contra a revolta da nobreza. O Conselho de Estado, reunido em Agosto de 1485, procurou pressionar a princesa a aceitar o casamento, mas esta continuou a resistir. As negociações foram, seguidas de perto por um suposto "Conde de Escalas" (Scalus), provavelmente Edward Woodevill. Ricardo III morreu a 22 de Agosto na Batalha de Bosworth Field, por um improvável rei: **Henrique VII** que inaugurou a dinastia dos Tudor. Os restos mortais de Ricardo III foram descobertos em 2012 debaixo de parque de estacionamento. Joana regressou ao convento de Aveiro, em princípio de 1486, ganhou a aura de santidade e foi beatificada em 1693.

Pubs. O dia está a chegar ao fim e temos mais uma sugestão a fazer: ***The Royal Windsor*** *(Datchet Rd, windsor*). A escolha de cervejas ingleses exige algum trabalho até encontrarmos a perfeita. A variedade é enorme, um caderno para anotações pode ser um excelente auxiliar para degustações e provas.

4. Escolhemos **Belgrave Square** para o início de uma viagem pelo mundo, sem sair de Londres. Aí se encontra desde 2 de Fevereiro de 2002, uma estátua do **infante D. Henrique**, era filho de um rei português e de uma nobre inglesa, da autoria de Simões de Almeida (sobrinho). Figura mitificada dos descobrimentos marítimos, mestre da Ordem de Cristo sucedânea em Portugal dos Templários.

As explorações marítimas começaram antes dele, no entanto foi desde o inicio do século XV passaram a ser realizadas de forma sistemática. A população de Londres, nesta altura, rondaria os 50 mil habitantes, muito diminuída devido à peste negra (1348). Tinha um número de habitantes muito inferior a cidades como Paris, Roma, Veneza, Bruges ou Istambul. Lisboa teria cerca de 35 mil habitantes. No final do século Londres atingia já os 100 mil, Lisboa ficava-se pelos 60 mil, apesar de viver a euforia dos descobrimentos e onde todos os caminhos vinham dar. A explicação deste aumento populacional de Londres, como é sabido, ficou em grande parte a dever-se à expulsão dos camponeses dos campos.

Não faltam em Londres testemunhos sobre a expansão marítima dos portugueses, iniciada no século XIV com as primeiras tentativas de se apoderarem das Canárias. Após a conquista de Ceuta (1415) de forma sistemática exploraram o Oceano Atlântico. Nem todos estavam de acordo. Muitos eram os que defendiam que as navegações se deviam centrar no mediterrâneo. Navegando ao longo do litoral do continente africano não tardaram a atingir a India (1498). Pouco depois já andavam a cartografar a Terra Nova (Canadá) e o Brasil, como mostra o célebre Planisfério de Cantino (1500-1502). Uma expansão acompanhada de enormes avanços na construção naval, cartografia, navegação pelos astros, sempre em múltiplas interacções com outros povos. Cristovão Colombo, observador e participante nestas aventuras, na carta que envia aos reis de Espanha na 3ª. viagem às Indias, afirma que as mesmas haviam custado a vida a metade da população portuguesa. Um exagero que não deixa de ter um fundo de verdade. Dada a profusão de testemunhos, o melhor é continuarmos a deambular por Londres. Ficam aqui algumas sugestões com breves notas.

Tijela com barco português (c. 1425 -1450). Fábrico em Málaga (secção islâmica). in Victoria and Albert Museum (V&A Museum)

A conquista de Ceuta, em 1415 marcou o início da expansão para além da Europa. Outras cidades foram conquistas em Marrocos, como Tanger (1471), Safim (1508), Azamor (1513) e Mazagão (1514).

Portuguese Cannon (1953), Mazagan, Maroco, pintura John Minton.in **Tate Modern**.

Pirataria, escravos, malagueta e finalmente o ouro tornaram rentáveis o negócio das explorações marítimas. Em 1471 chegaram à chamada Costa do Ouro ou Costa da Mina, onde em 1482 iniciaram a construção de uma fortaleza-feitoria.

Moeda de Ouro de D. João II, 1481-1495, in Britisch Museum

A chegada ao Cabo da Boa Esperança, em 1488, na actual África do Sul foi um acontecimento de repercussões geográficas, mas também astronómicas. As dimensões do globo terrestre aumentaram desmesuradamente, abrindo caminho ao modelo Heliocêntrico de Nicolau Copérnico, como o mesmo refere.

Estátua de Bartolomeu Dias, na fachada de South Africa House (1933, em Trafalgar Square, edifício da autoria do arquitecto Herbert Baker.

Vasco da Gama, por António Manuel da Fonseca (1838), National Maritime Museu

O sonho alimentado durante décadas concretizou-se, em 1497, com a chegada de Vasco da Gama à India. Para os ingleses é também uma data memorável, por razões diversas, nomeadamente porque foi na Ásia que encontraram a riqueza para construirem o seu império mundial, daí o destaque que lhe conferem nos seus museus.

The Arrival of Vasco da Gama (After an 1898 painting by José Veloso Salgado) 2014, fotografia 2020, obra de Pushpamala na Tate Modern.

Pubs. Após o percurso errático que lhe propusemos, chegou a altura de uma pausa. Vamos aproveitar para esclarecer as relações entre a cerveja e o café, numa espaço dedicado ao chá. Estamos à porta do **Twinings Tea Shop** (216 Strand). A história de Thomas Twining esclarece a afirmação de Steiner sobre os cafés Londrinos. Cedo abandonou o oficio de tecelão para outro mais rentável: ajudante de Thomas D'Aetha comerciante de chá na Companhia das Índias Orientais. O chá foi inicialmente consumido como um remédio para as constipações e outras maleitas, antes de ser uma bebida reconfortante. Era conhecido em Portugal no século XVI, e em Inglaterra quando **Catarina de Bragança** aqui chegou, mas deve-se-lhe a ela a sua divulgação a partir de 1680**.** Twining lucrou com a mudança de ofício. Em 1706 já tinha meios para comprar o Tom's Coffee Shop, em Devereux Court, perto de Strand. Vendia chá e café. O negócio de chá da familia Twining prosperou. Em 1825 já inclui um banco que se fundiu em 1892, o Lloyds Bank.

Antes do chá, a bebida da moda era outra. Os londrinos eram viciados em café. Depois de Constantinopla, na segunda metade do século XVII, Londres era a cidade do mundo com maior número de cafés. De portas abertas a todos, os cafés eram espaços de convivialidade. A difusão da imprensa nos cafés ampliou a sua importância como espaços de discussão e formação da "opinião pública", isto é, os comentários da imprensa feitos nos cafés. Não tardou a apelar-se ao fim dos cafés, mimavam a ordem social. As ideias de Liberdade, Igualdade e Fraternidade vindas de França, assustaram a burguesia inglesa. No final do século XVIII, os cafés já rareavam em Londres, substituídos por casas de chã, um negócio com o Oriente (India e China) onde a Inglaterra viu maior futuro. O leão ladeado por dois chineses que se mostram no pórtico do **Twinings Tea Shop** remete-nos para esse tempo. Nesta narrativa, devedora de Steiner, os espaços públicos

de discussão em Inglaterra foram confinados a clubes, associações, lojas maçónicas. Uma casa de chá ou um pub não é um café, o ambiente é outro. Foi neste espaço que estivemos a reler algumas anotações sobre as relações da Inglaterra e o mar no século XV. O elemento liquido está quase sempre presente nestas páginas, o local que nos espera fica a uma curta distância.

4.1. Estamos no **College of Armes** (130 Queen Victoria Street), tendo à nossa frente um manuscrito de Roger Machado, escrito em português, sobre vinhos (Ms. Arundel 51, fl. 21). Um local adequado para falarmos do reinado de **Henrique VII (1485-1509)** que marcou uma profunda mudança estratégica da Inglaterra, após sair de uma guerra civil e de ter perdido os seus vastos territórios em França. Era então um reino pouco povoado e devastado por sucessivas guerras. Foi neste período que teve inicio um processo de centralização política, e de viragem de uma potência continental para uma potencia maritima aberta ao Atlântico.

A **aliança** com Portugal foi reforçada. A Inglaterra passou a contar entre os seus diplomatas com um português: **Roger Machado** (?-1510). Estabelecido na Flandres, ligado provavelmente ao comércio internacional de vinhos. Terá ido para Inglaterra em 1471, integrado na comitiva **Eduardo IV** quando este regressou do seu exílio na Flandres. Neste ano surge como arauto do **College of Armes** (fundado em 1484) para o registo de brasões e linhagens. Os arautos eram membros da casa real e actuam como autoridades da coroa. Machado e passa a representar Henrique VII em diversas missões diplomáticas no estrangeiro, nomeadamente em Castela, França, Itália e Portugal, onde esteve várias vezes. Em 1489 foi a Castela comm o objectivo de negociar o matrimonio de Artur, herdeiro do trono inglês, com Catarina, filha dos reis católicos. Seguiu depois para Portugal para entregar a D. João II, as insígnias da Ordem da Jarreteira, voltou depois para confirmar o Tratado de Windsor. Não deixa de ser significativo que em vários tratados da Inglaterra com outros países, Portugal passou a estar incluido como aliado e confederado. Assim aconteceu nos Tratados e tréguas de 1497/98 da Inglaterra com a Escócia, está de novo presente no Tratado de 1502 quando a Escócia faz uma Auld Alliance com França. É chamado novamente como aliado de Inglaterra no Tratado de Paz com a França em 7 de Agosto de 1514. Apesar da correspondência diplomática não ser relevante neste reinado, o certo é que nas expedições marítimas, estão incluídas várias clausulas de salvaguarda das possessões portuguesas.

As **descobertas dos portugueses** causam um vivo interesse em Inglaterra, muito atrasada na ciência e construção naval. O Porto de Londres não estava apetrechado para grandes expedições maritimas. Bartolomeu Colombo, saiu de Lisboa em 1488, onde vivia e dirigiu-se a Londres munido de um mapa, para convencer o rei a financiar uma expedição para ocidente, este mostrou-se interessado, só que não tinha marinha. Importava quase tudo.

De Portugal importavam desde o inicio do século XV, pilotos, marinheiros, carpinteiros ou calafates. O primeiro navio que adquiriu no estrangeiro foi uma carraca portuguesa. Não admira que na construção naval tenham adotado o modelo de a caravela portuguesa. Na cartografia, a divida ainda era maior, com destaque para a "escola" de Lisboa. No **Museu Britânico** alguns mapas espelham esta influência, como o mapa de Cristoforo Soligo (1486) ou o atlas *Egerton 2803* (1508/1510).

Bristol, neste contexto, era o único porto inglês capaz de iniciar um processo de expansão maritima e assim. aconteceu. Um cidade virada ao Atlântico, cujos mercadores

tinham uma forte ligação a Portugal continental, aos Açores e à Madeira. Foi naturalmente daí que partiram as primeiras expedições para ocidente, onde portugueses e ingleses já navegavam para à pesca do bacalhau. Vejamos a sequência: Em 1491 João Fernandes Lavrador e Pero de Barcelos comandam uma expedição à Terra Nova, a mando de D. João II rei de Portugal. John Cabot vem a Lisboa, em 1492, onde conhece João Fernandes Lavrador. Em 1495 falece D. João II, e João Fernandes parte precipitadamente para Inglaterra. Em 1497, John Cabot como é sabido, realiza a partir de Bristol, com êxito, a primeira expedição oficial a mando de Henrique VII, descobrindo a Terra Nova. Foi também auxiliado pela companhia de Tomás Thorne, com filial em Lisboa. O grande objectivo era descobrir caminho a norte do Atlântico para a India. No regresso dirigiu-se para Londres onde foi recebido em festa. Henrique VII financiou ainda outras expedições para ocidente. Em 1502, concede uma carta-patente aos açorianos João Gonçalves e Francisco Fernandes para, em conjunto com Elyot e Ashurste, partirem à descoberta, atribuindo-lhes tenças vitalícias.

A viragem de Londres para o Atlantico está ligada à criação de uma **marinha inglesa** tecnologicamente avançada, com velas, canhões e barcos de grandes dimensões. foi Henrique VII que iniciou esta modernização. Henrique VIII, prosseguiu a politica anterior, transferiu o arsenal real de Portsmouth para junto do seu palácio em Greenwich, um local mais fácil de defender em caso de guerra. A construção naval fez um progresso notável no século XVI. Uma modernização será alimentada pelo corso, a pirataria e algumas explorações maritimas no Atlântico.

4.2. Torre de Londres. Do College of Armes à **Tower of London** o trajecto é curto e imprescindível nesta visita. Foram aqui presos vários portugueses, numa cumplicidade decorrente da aliança entre os dois países. Um deles, terá sido o **Infante D. Dinis** (1354-1403), filho de D. Pedro e D. Inês de Castro. Em 1371 ao serviço de Henrique II de Castela invadiu Portugal, o que nunca lhe foi perdoado. Quando em 1387 voltou ao reino, o seu meio irmão D. João I, para o afastar da corte, mandou-o numa embaixada diplomática a Inglaterra, mas quando aí chegou foi preso. Ricardo II de Inglaterra libertou-o, mas enviou-o para o sul do país sempre vigiado. Conseguiu fugir e no estuário da Escalda (Bélgica) foi feito prisioneiro pelos pescadores. D. João I recusou-se a pagar o resgate. O Conde da Flandres pagou-o, mas ao fim de um ano, como não foi lhe devolvido o valor, devolveu-o aos pescadores que o acabaram por libertar. A custo conseguiu fugir para Castela onde protegido, criou larga descendência, os Conde de Cifuentes.

A segunda ilustre personagem que esteve nas masmorras da Tower of London foi **Lopo de Albuquerque**, **Conde de Penamacor**, preso em 1488 a mando de D. João II, rei de Portugal e Cavaleiro da Jarreteira (1482), sucedendo à vaga de Guilherme Fitzalan, Conde de Arundel.

O Conde esteve envolvido 1484 numa tentativa para matar o rei. Descoberta a conjura, as prisões e mortes que se seguiram levaram-no a refugiar-se em Castela. Daqui foi para a Flandres e outros países, dirigindo-se por fim para Inglaterra, onde usou um nome falso "Pedro Nunes". O seu filho adoptivo - Diego Mendez de Segura, futuro secretário de Cristovão Colombo - acompanhou-o nestas viagens. Em Inglaterra procurou, segundo os cronistas Rui de Pina e Garcia Resende, prejudicar os interesses de Portugal em África, aliciando armadores ingleses para fazerem expedições à Guiné e a outros domínios do reino. O rei português ao saber da sua acção, mandou de imediato uma caravela a Inglaterra, comandada por Alvaro Caminha para o raptar, não sendo a missão bem

sucedida. Mandou depois, João Alvarez Rangel, com cartas para o rei inglês, pedindo-lhe que o prendesse. O Conde acabou por ser preso na Torre de Londres (1488 ?). Mal soube do sucedido, D. João II envia o licenciado Aires de Almada, para que o mesmo fosse trazido para Portugal, o que lhe foi negado. Terá regressado a Castela onde viveu, mas foi misteriosamente sepultado em Portugal. A história desta traição de Lopo de Albuquerque foi objecto de inúmeras histórias ao longo do século XVI e XVII, entre elas destaca-se a comédia *Antona García*, de Tirso de Molina (Madrid,1622-25), na qual o conde é uma das personagens principais.

Tudo isto foi-me lembrado quando vi no **Museu da Ciência** (South Kensington), na colecção de Henry Wellcome, uma **mascara usada pelos carrascos em Portugal** para não serem reconhecidos (1500-1800). A pena de morte em Portugal foi abolida em 1847.

Pubs. Muitas são as histórias em torno de Tower of London, por agora chega a de Lopo de Albuquerque. Que tal uma cerveja no **The George and Vulture Tavern** (3 Castle Court) perto da Tower of London. Um pouco mais longe está **The Prospect of Whitby** (57 Wapping Wall), o caminho sempre junto ao Tamisa compensa a espera. Se foi a Kensington para ver o que escrevemos, faça uma paragem no pub **The Windsor Castle** (114 Campden Hill Road).

4.3. Domus Conversorum. O caso de **sir Edward Brandon** ou **Brampton** (Duarte Brandão, c. 1440–1508), não seria único. Filho de um ferreiro judeu de Lisboa, fugiu para Londres após um assassinato, e aí converteu-se ao cristianismo, vivendo 4 anos na Domus Conversorum. Foi batizado na Inglaterra c. 1468, assumindo o nome de seu padrinho, o rei **Eduardo IV,** por quem se bateu contra a Casa Lencastre. Recebeu vários comandos militares e navais, sendo recompensado com privilégios mercantis e concessões de terras. Em 1482 era governador da ilha de Guernsey e em 1484 nomeado cavaleiro. Prestou importantes serviços a D. Afonso V quando este andou por França, sendo disso amplamente recompensado por D. João II e D. Manuel. Em Portugal, onde faleceu, foi nomeado membro do Conselho Real. Apoiou Perkin Warbeck na sua candidatura ao trono inglês como suposto filho de Eduardo IV, que acabou decapitado como falsário.

Em Portugal, no século XV, era muito significativo o número de judeus. Um número que aumentou quando em 1492 foram expulsos de Espanha. No final do século, numa população calculada em cerca de 1, 5 milhões mais de 10 % eram judeus. Estavam bem integrados na sociedade ocupando elevados cargos no reino, desempenhando um papel importante no comércio, finanças, medicina, ensino e entre outras áreas. Introduziram a **tipografia** no país.

O primeiro casamento de D. Manuel I com uma princesa espanhola alterou esta relação com os judeus. O acordo matrimonial implicava a sua conversão forçada ao cristianismo, a expulsão ou a morte. Apesar de alguma resistência, em 1536 a **Inquisição** acabou por ser estabelecida em Portugal. Os principais inimigos não eram apenas os judeus, mas também protestantes, como George Buchanan (1506-1582. No Colégio de Santa Barbara em Paris, privou pela primeira vez com portugueses. Era um critico dos frades franciscanos, acabando por ser perseguido pela Igreja católica. Apesar disto, André de Gouveia, *Principal* do Colégio de Guyenne de Bordeus, convidou-o para nele ensinar latim. Na criação do Colégio Real que André Gouveia foi incumbido, convenceu prestigiados humanistas a ensinarem em Portugal. Um deles foi George Buchanan.

Chegou aqui no 1º. semestre de 1547, não tardou a ser alvo de um processo da Inquisição e encarcerado, sendo libertado em Fevereiro de 1552. Um acontecimento que abalou o prestígio do colégio que, em 1555, foi entregue aos jesuítas. Regressou à Grã-Bretanha, afirmando-se como um membro proeminente da Igreja Reformadora Escocesa. Combatente da usurpação real do poder do povo. Nos seus poemas, fez um ajuste de contas com a Inquisição, D. João III, a Universidade e o ambiente de Coimbra. Era o inicio de uma série de publicações de britânicos sobre o mesmo tema. (Retrato por Arnold Brockorst, 1581, in National Portrait Gallery, London).

Em Londres, a comunidade de judeus portugueses, apesar do edito de 1290, cresceu. Face ao seu aumento, o judaísmo voltou a ser proibido.

A **British Library** possui algumas das obras mais significativas da produção artística de iluminura judaica de Lisboa, no período entre 1470 e 1498. O acesso a estas obras é muito restrito, mas estão amplamente reproduzidas. Não podemos em rigor falar de comunidade de judeus portugueses em Londres no século XV, no entanto essa possibilidade existe.

Biblia de Lisboa (Lisbon Bible), Vol. 1, f. 23v (1482). Escrita e iluminada em Lisboa. British Library (Londres), Or. 262

Maimonides - Mishneh Torah, volume 2. Escrita e iluminada em Lisboa (1471-1472). f. 434v, Colophon. British Library (Londres),Harley 5699

5. Carey Street a artéria pouco dirá ao comum dos londrinos, no entanto uma pequena estátua nela existente simboliza a nova época, e uma nova deambulação.

Londres no início do século XVI continuava circunscrita às suas muralhas medievais. A situação tornou-se insustentável dada a crescente pressão demográfica, alimentada pela concentração da propriedade rural e a apropriação pelos grandes senhores de terras comuns (*enclosure*). Aldeias e vilas rurais começaram a ficar despovoadas, atirando a sua população para as grandes cidades. Entre 1500 e 1600 a população de Londres mais do que duplicou, passando de 100 mil para 220 mil habitantes. A grande operação urbanística começa quando Henrique VIII, em 1536, rompe com o Vaticano e dissolve os mosteiros. Estes edifícios passaram a ter novas funções e as vastas zonas que detinham permitiram a expansão de Londres para fora dos limites da City e de Westminster.

Portugal, pioneiro nas explorações marítimas do mundo, continuava a dar novos mundos ao mundo, como disse o poeta. **Thomas More**, pela voz de um português, desvendou um desses mundos. A *Utopia*, publicada em 1516, deu continuidade a um género literário que coloca em confronto o ideal e o real, o que poderia ser e o que existe. Um discurso usado como um programa político, contra o despotismo das monarquias, o servilismo dos cortesãos, a venalidade dos altos funcionários, o luxo e a injustiça dos nobres e dos monges. Quem na Utopia desvela esse mundo ideal e abre a porta à critica é, como sabemos, um navegador português, de nome Rafael Hitlodeu, dotado de cultura clássica grega e latina, e que numa das suas viagens pelo mundo se encontrou na terra de Utopia. Thomas Moro, inspirou-se nos relatos de viagens de marinheiros que aportavam a Bruges e Antuérpia onde haviam feitorias portuguesas. Não faltam em Londres locais que o evocam o Chanceler do Reino de Henrique VIII, como Tower Hill onde foi, em 1535, executado e esquartejado. Entre eles elegemos junto a Portugal Street o sítio onde está a sua estátua em 51 de Carey Street. O conflito entre católicos e protestantes de que Thomas More foi vítima está aqui bem presente. O nome da rua homenageia Sir George Carey, primo em segundo grau de Elizabeth I (Isabel I). Ganhou o título de cavaleiro em 1569 por a ajudar a reprimir a rebelião católica no norte de Inglaterra, cujo objectivo era depô-la e coroar Maria da Escócia. A estátua de More da autoria de George Sherrin (1843-1909) tem a seguinte inscrição: SIR THOMAS MORE, KT. FOI CHANCELER DA INGLATERRA MARTIRIZADO EM 6 DE JULHO DE 1535, SERVO FIEL DE DEUS E DO REI. Foi inaugurada em 1889.

Como Rafael Hitlodeu refere, os navios portugueses viajam pelos mares de todos os continentes. Os cartógrafos construíam e reconstruíam sem cessar imagens da terra.

5.1. British Museum

Diários de Bordo, roteiros e mapas comprados, roubados ou copiados tornaram-se importantes instrumentos de poder, essenciais para navegar por mares ignotos. Em Londres existam alguns excelentes mapas portugueses, o modo como foram obtidos nem sempre é conhecido.

- **Planisfério de Lopo de Homem (1519).** Estava em Itália, quando foi leiloado, em 1930, pela Sttheby`s de Londres (in **British Museum**).
- **Cartas de Pedro Reinel (1520)** (in **B*ritish Librar****y,*** *encontram-se também na França, e Alemanha).*

- **Atlas (1575)**, de Fernão Vaz Dourado**.** 21 folhas manuscritas iluminadas em pergaminho (in **British Museum**).

Não nos podemos também esquecer que Diogo Homem estava em Inglaterra antes de 1547. Quanto ao diários de bordo, roteiros e outros manuscritos a situação é idêntica, dá-se o caso inclusive de manuscritos terem sido primeiro publicados em inglês e só depois em português. Se Vasco da Gama para os museus ingleses marcou as grandes viagens do século XV, Fernão de Magalhães (Ferdinand Magellan) inicia os grande feitos das realizadas nos séculos seguintes. Não faltam imagens suas em Londres, no **British Museu** sugerimos uma gravura de Adriaen Collaert (c. 1589) pela sua enorme carga simbólica.

Placa em latão com figura de soldado português, Nigéria-Benin. Século XVI/XVII. in British Museum.

Jarra de porcelana, com as armas da família portuguesa Peixoto. c.1522-1566. China, Jingdezhen. in V&A Museum

Artes. O contacto com outros povos e culturas alargado no século XV, gerou diversas artes, onde está bem patente a influência portuguesa na arte de outros povos. Depois da chegada dos portugueses à actual região da atual Nigéria, em 1472, das suas relações com o **reino do Benim** resultaram na produção de obras sincréticas de extrema beleza em materiais como **bronze**, cujo refinamento técnico, geraram durante largos anos polémicas sobre a sua origem. Em 1897, os britânicos apoderaram-se da colecção de bronzes dos palácios reais do Benim, centenas de peças foram levadas para Londres, e as restantes encontram-se espalhadas por outros museus.

Os primeiros contactos de portugueses com os chineses deu-se em Malaca (1509), dois anos depois de conquistarem esta cidade. Em 1513 chegaram à ilha de Ling-Ting e quatro anos depois estão em Cantão, onde desenvolveram um intenso comércio. Macau em 1557 é-lhes dado para aí se estabelecerem. Ao que consta por ajudarem os chineses a combaterem a pirataria. Fruto destas relações seculares desenvolveram-se formas artísticas que reflectem as duas culturas.

Literatura. Desde o século XV que os feitos dos portugueses tiveram uma grande influência na literatura europeia, incluindo a inglesa. John Rastell foi um dos que expressou este fascínio pelas descobertas em *Four Elements* (c.1520). Importantes obras de historiadores portugueses foram traduzidas para inglês, como *História do descobrimento e conquista da India*, de Fernão Lopes Castanheda (1582) ou o *Tratado dos Descobrimentos* de António Galvão (1601). *Os Lusíadas* de Luis de Camões foi publicada em 1655, por sir Richard Fans (1608-1666), cortesão de Carlos I. A obra do poeta que celebrou os descobrimentos portugueses tem sido estudada em Inglaterra, e ainda há pouco anos um dos seus poemas foi celebrada no metro de Londres: *Pero Moniz morreu no mar*", cartaz de Tom Davidson, tradução de Paulo Hynd, 2000, Poems on The Underground, London Transport Museum.

As narrativas sobre outros povos com estranhos costumes de ilhas e terras distantes, assim como os produtos exóticos que chegavam a Portugal provenientes destes lugares

longínquos estimulavam a imaginação dos escritores ingleses. **Shaskespeare** foi um deles. Teve acesso a muitas das narrativas destas viagens.

Em várias das suas peças de forma directa ou indirecta encontramos referências a descobertas marítimas, localidades, produtos e personagens portuguesas, como em *The Two Gentlemen of Verona/ Os Dois Cavaleiros de Verona (1593)*, *A Midsummer Nihgt`s Dream/ Sonho de uma noite de verão (1596)*, *As You Like Like It /Como Você Gosta(1599)*, *Twelfth Night /A Décima Segunda Noite (1602)*, *The Tempest/A Tempestade (1610)*. Na peça *King Henry IV /Rei Henrique IV*, part I, acusa Sir John Felstaff de ter vendido a alma ao Diabo, em troca de um cálice de Vinha da Madeira e uma perna de frango. Na peça King Henry VI /Rei Henrique VI, part. II (1594), refere um vinho português da casta "charneco" da Bucelas (arredores de Lisboa), Na peça T*he Merchant of Venice/O Mercador de Veneza*, alude a um judeu português (Roderigo Lopez) enforcado a 7 de Junho de 1594. Era medico desde 1586 de Isabel I, tendo sido acusado de querer matar a rainha e D. António Prior do Crato.

Acontecimentos recentes, como perda de independência em Portugal, em 1580, também passaram pelos palcos londrinos, em pelo mesmo duas peças: *The Battle of Alcazar* (c. 1589) de George Peele e *Spanish Plays* (c.1589) de Thomas Kyd.

Tem mesmo que fazer uma visita à replica do **Shakespeare's Globe Theatre** nas margens do Tamisa**.** O teatro original de Shaskespeare foi construído em 1599 e encerrado em 1642, após a vitória dos puritanos liderados por Oliver Cromwell na Guerra Civil inglesa (1642-1649) .

Pubs. Feitas estas considerações essenciais, e antes de prosseguirmos, recordamos que perto British Museum se encontra o pub **Barley Mow** (8 Dorset Street), cuja fundação remonta a 1791, sofrendo naturalmente modificações posteriores. Como a maioria dos pubs vitorianos tem a forma em U, sendo o interior dividido por cabines, de modo cada grupo poder falar sem serem importunados.

5.2. Royal Exchange

Mare Clausum. Se as relações entre católicos e protestantes não eram pacificas, no mar havia uma guerra continua. Muitas riquezas circulavam nos navios de duas potências maritimas, Portugal e Espanha, que se reclamavam donas do mundo. O corso e a pirataria que muitas vezes se confundem, não tardou a expandir-se pelos mares. A Inglaterra, a França e os Países Baixos, viram neles um meio de obterem importantes lucros.

Em Junho de 1567, Isabel I, envia a Lisboa Thomas Wilson (1525-1581) para se chegar a um entendimento entre duas nações unidas por um Tratado de Amizade Perpétua. A Inglaterra percebe que Portugal estava cada vez mais alinhado com a Espanha, cuja política externa era agressivamente antiprotestante. Três dos embaixadores espanhóis foram expulsos de Inglaterra (1563, 1571 e 1584). Portugal enviou três embaixadores à corte de Isabel I, em missões diplomáticas (1559, 1560 e 1561) em protesto contra os ataques de piratas e o comércio ilegal de ingleses nos seus mares e territórios. A questão de fundo era todavia outra. Portugal e a Espanha arrogavam-se do direito exclusivo das explorações marítimas e o comércio sobre as duas metades do mundo acordadas no Tratado de Tordesilhas (1494). Um posição que excluía destas riquezas outras nações

europeias, como a França ou a Inglaterra. Foi este o motivo da vinda a Portugal do Embaixador inglês. Em 1565 navios de guerra portugueses atacaram e mandaram para o fundo, perto do Rio dos Cestos [hoje rio Nuon ou Nipoué, em território liberiano], um navio dos Irmãos Winter (cunhados de Thomas Wilson), com 24 tripulantes e uma carga avaliada em £7.600 libras, o que causou a ira dos mercadores ingleses, que apelaram para a rainha. Wilson, pouco mais conseguiu que a libertação dos ingleses, mas sem nenhuma compensação financeira. Portugal, como a Espanha continuaram a destruir os navios estrangeiros que não o respeitassem a partilha do mundo que haviam feito. A Inglaterra embora discordasse da medida não declarou nenhuma guerra contra Portugal, a situação mudou em 1580 quando o trono foi ocupado por um rei espanhol.

Corso e Pirataria. A guerra entre a **Inglaterra** e a Espanha foi declarada em 1585 e a partir daí, corsários ingleses tinham ordens para atacar barcos e povoações espanholas e portuguesas. Nos **Países Baixos**, a revolta contra o domínio espanhol, iniciada em 1566, adquire um novo alento quando os revoltosos recebem apoio da Inglaterra (1585-87), acrescido com a derrota da Invencível Armada (1588). Os Holandeses passam também a dedicar-se ao corso. A **França** manteve uma relação tensa com a Espanha ao longo do século XVI, centrada nos domínios na Itália (Reino de Nápoles), mas também na fronteira da França com os Países Baixos, um questão resolvida em 1559 pela assinatura da Paz de Cateau-Cambrésis. A guerra aberta entre os dois países eclodirá primeiro entre 1628-31, na Sucessão de Mantua, prosseguindo depois entre 1635 e 1659, quando a França se julga rodeada pelos Habsburgos.

Portugal entre 1580 e 1640, como parte da Espanha torna-se alvo bastante rentável para o corso e a pirataria. A sua poderosa armada fora destruída e os comandos militares desagregados.

A Inglaterra desenvolve então uma sólida armada financiada pelo saque dos navios e povoações inimigas. Entre os corsários destacam-se John Hawikins, tio de Francis Drake (1545-1596) e pai de Richard John Hawikns; Robert Withrington e Christopher Lister; Thomas Cavendish, James Lancaster; Henry Mor e muitos outros. O que recebiam e pagavam dependia do que conseguiam roubar.

A célebre viagem circunavegação de John Drake, financiada por Isabel I, entre 1577 e 1580 no comando da *The Golden Hinde* (réplica em Londres), não tinha nenhuma objectivo de exploração maritima ou territorial, mas apenas o saque no Oceano Pacifico. A 19/01/1578 em Cabo Verde aprisionou um navio português (Santa Maria), levando consigo o capitão (Nuno da Silva) muito experiente nos mares da América do Sul. Tinha igualmente dois pilotos portugueses que o conduziram na travessia do Estreito de Magalhães e depois pelas costas do Perú onde fez enormes saques, incluindo depois na Califórnia. No regresso pelo cabo da Boa Esperança terá parado em Lisboa, onde aliás voltaria anos depois ao serviço do Prior do Crato. O embaixador espanhol em Londres escreveu a Filipe II: "*el Draques afirma que si no fuera por dos pilotos portugueses que tomó en un navío que robó y hechó a fondo en la costa del Brasil a la yda no pudiera haver echo el viage. Ha dado a la Reyna un diario de todo lo que le ha sucedido en los tres años y una gran carta*" (Carta de Bernardino de Mendoza a Filipe II, 16/10/1580). O valor estimado do saque acumulado foi de aproximadamente 600.000 libras (equivalentes à arrecadação anual da Inglaterra naquela época) e a rainha recebeu a bela soma de 160.000 libras.

A nau *Madre de Deus*, era o maior navio no seu tempo. Tinha uma tripulação de 700 homens, 32 canhões, era um gigante de 1.450 toneladas. Realizou apenas duas viagens à India. Foi tomada por corsários ingleses ao largo da Ilha das Flores (Açores), em Setembro de 1592, tendo sido rebocado para o porto de Dartmouth. A sua dimensão e riquezas que transportava espantaram os próprios piratas liderados por Sir John Burrough e ajudados por Christopher Newport. Foi o saque mais rentável de navios em todo o reinado de Isabel I (Elizabeth), uma das principais beneficiárias.

Os piratas, ao contrário dos corsários, agiam por conta própria, não raro atacando navios e povoações do próprio reino.

Capitalismo. As expedições de Henrique VII não entusiasmaram Henrique VIII, Isabel I preferiu apostar no saque. Apesar disto foi lançado um novo modelo de negócio que irão impulsionar a economia inglesa: as **companhias comerciais** que exploravam de formam monopolista todo o tipo de produtos, desde o tráfico de escravos, açúcar, bebidas até à colonização de territórios. A primeira foi a **Muscovy Companhy** (Московская компания), fundada em 1555, tinha o monopólio do comércio entre a Inglaterra e Moscóvia. Tem origem na Companhia de Aventureiros Mercantes para a Descoberta de Regiões, Domínios, Ilhas e Lugares Desconhecidos, fundada em 1551, por Richard Chanceler, Sebastian Cabot e Hugh Willoughby que procurava encontrar uma passagem a norte até à China. A frota partiu de três navios partiu de Londres em 1553 e todos se afundaram. O navio de Richard foi dar à Rússia, e ele conseguiu ir a Moscovo onde firmou com Ivan IV as bases de um tratado comercial. A companhia dos aventureiros foi restruturada, em 1555, passando a monopolizar este comércio com a Rússia. Prosseguindo este novo modelo de negócio, em 1592, era fundada outra importante companhia: The **Levant Companhy** que detinha o monopólio do comércio com o Império Otomano.

O carácter tipicamente capitalista destas companhias, baseadas em relações estritamente comerciais, contrastava com o praticado em Portugal e Espanha, onde continuava a estar associados à religião católica, o que condicionava uma visão estritamente capitalista, ainda que fosse igualmente predadora.

Outras das grandes mudança que ajudou a sustentar este modelo de negócio ocorreu em 1562 que foi sugerida criação em Londres de uma bolsa semelhante à de Antuérpia. **Royal Exchange** (Theadneedle Street) inaugurada em 1571 por Isabel I, dando o inicio à afirmação de Londres como a principal bolsa de comércio mundial.

Ruína de Portugal. A pujança comercial dos portugueses na Ásia sofreu um forte abalo em 1580 quando o trono foi ocupado por reis espanhóis. A guerra da Espanha contra a Inglaterra arruinou a marinha portuguesa, deixando as possessões ultramarinas sem protecção. Dois dos célebres galões portugueses desaparecem nestes combates: *São Martinho* (1588) e *Madre de Deus* (1592).

"Derrota da Armada Espanhola, 8 de Agosto de 1588", pintura de Philippe-Jacques de Loutherbourg (1796). Royal Museums Greenwich/National Maritime Museum

O galeão São Martinho portugues, com os seus 54 metros de comprimento e 54 bocas de fogo, surge em primeiro plano com a bandeira do vaticano na proa e a de Castela na popa. Sofreu pesados danos na Batalha de Gravelines, num ataque liderado por Francis Drake. Era o mais poderoso navio da chamada "Armada Invencível" espanhola e por isso foi escolhido para a capitanear. A armada partiu de Lisboa.

Guerra e pirataria andavam ligadas, por isso temos que voltar a recordar **Francis Drake**. O mais famoso pirata inglês foi igualmente um destemido lutador pela independência de Portugal. É lembrado pelo sucesso na viagem à volta do mundo.

D. António, Prior do Crato, Gravura (1589) National Maritime Museum

É menos mencionado pelos acontecimentos de 1589 que se seguiram à destruição da "Invencível armada" espanhola. Aproveitando esta pesada derrota, a Inglaterra deu um passo decisivo no apoio à causa de **D. António, Prior do Crato** ao trono de Portugal. O objectivo era conquistar Lisboa e estabelecer nos Açores uma base permanente. Militares ingleses desembarcaram em Peniche e avançaram para Lisboa, mas acabaram por retroceder. Darke avançou pelo mar, chegado à foz do Tejo desistiu e acabou perseguido e o seu navio destruído. Regressou a Inglaterra caído em desgraça. A patriótica expedição luso-britânica soldou-se em mais de 11 mil soldados e marinheiros mortos.

Diamante Sancy. É famosa a história que D. António, Prior do Crato, pouco antes da Espanha ocupar o trono de Portugal, levou consigo o tesouro real, no qual se incluía um diamante de grande valor. Pertencera a D. Manuel I e era originário da India. Para financiar uma expedição contra os espanhóis, vendeu o diamante de 53,75 quilates, a Nicolas Harlay, senhor de Sancy. Em 1605 estava na Torre de Londres onde foi registado onde recebeu o nome de Diamante Sancy, como veio a ser conhecido. O seu percurso não termina aqui. Em 1978 foi adquirido pelo estado francês que o depositou no Museu do Louvre.

Pubs. É um exagero de sugestões de pubs para um dia? Estamos de acordo. Ficamos pelos já recomendados. Será uma coincidência que Shakespeare tenha dado o nome ao seu teatro de Globe e que os pubs em Londres onde se vendia vinho português, no século XVII, tivessem justamente este nome ? O Globo (esfera Armiral) o símbolo do império português consagrado por D. Manuel I. No século XVIII haviam mais de trinta na cidade. O único que resta com este nome é The Globe, em Moorgate.

6. Londres após a derrota da Invencível Armada que deu à Inglaterra o domínio dos mares, sofreu uma profunda transformação. Em 1600 com cerca de 220 mil habitantes ainda amontoava grande parte deles dentro das muralhas medievais. A **pressão demográfica** não parou de aumentar, fruto das processo de concentração da propriedade rural e despovoamento dos campos. As **epidemias** eram frequentes e devastadoras, assim como a escassez de água. A higiene era mínima. A peste de 1603 matou cerca de 30 mil e a de 1664-65 (bubónica) mais de 60 mil. A violência cresceu assim como as **revoltas da população**. O corso, a pirataria e formação de grandes companhias trouxeram os recursos necessários para a **renovação da cidade e a sua expansão para Oeste**. O arquitecto Inigo Jones projectou o subúrbio de Covent Garden (1630). O grande Incêndio (1666), que eclodiu numa padaria em Pudding Lane, no sul da cidade, consumiu a catedral de St. Paul, 87 igrejas paroquiais e 13 mil casas, obrigando a uma completa transformação da cidade, sob a orientação de Christopher Wren. Ele propôs criar grandes vias, ruas mais largas e retas, isolar as Igrejas e colocá-las em posições visíveis, criar grandes praças, reunir as companhias e fazer um belo caís junto do Tamisa. Os edificios de madeira foram substituídos por outros em pedra e tijolo. Foi aberto o Hyde Park à população (1637), onde se refugiava para fugir às pestes. Fruto destas mudanças, no final do século, Londres controlava 80% das importações de Inglaterra, 60% das exportações e 86% das reexportações.

Lisboa, ao longo do século XVII, entra num crescente decadência. Com a perda da independência nacional (1580-1640), o ritmo de crescimento de Lisboa estabiliza e decresce moderadamente até à Restauração. Em 1639 contava ainda com 180.000 habitantes equivalendo a 9,5% da população portuguesa, situando-se ainda assim ao nível de outras grandes cidades europeias como Veneza ou Amesterdão. A sua orgulhosa marinha estava arruinada. Dos 323 navios que saíram dos domínio portugueses, neste período, 70 foram capturados, sofreram naufrágios ou foram destruídos. Os que sobraram, a maioria estava em mau estado. As suas antigas possessões ultramarinas foram sendo ocupadas por ingleses, franceses e holandeses, numa ação que contou com o contributo de portugueses que renegavam a união ibérica. A queda de Ormuz, tomada pelos ingleses, aliados dos persas, retirou-lhes o controlo dos mares entre Arábia e a Pérsia.

Companhias. A formação de grandes companhias capitalistas para o comércio e domínio territorial foram a grande marca do século XVII. Tinham ao seu serviço exércitos privativos que sustentavam pela força das armas a exploração que era praticada de recursos e povos. Havia que remunerar os investidores. A sua dimensão foi crescendo, assim como o seu poder. Desencadearam saques numa escala sem precedentes em todo o mundo: a **Companhia Inglesa das Indias Orientais** (Company of Merchants of London Trading to the East Indies, 1600); a **Companhia Holandesa das Indias Orientais** (Vereenigde Oost-Indische Compagnie, 1602); a **Companhia de Londres** (1606) para explorar os assentamentos na costa leste da América do Norte; a **Companhia de Plymounth** (1620) para explorar a Nova Inglaterra; a **Companhia Holandesa das Indias Ocidentais** (Dutch West-indische Compagnie, 1621); a C**ompanhia Dinamarquesa das Indias Ocidentais** (1659), **A companhia Francesa das Indias Ocidentais** (1664); a **Companhia da Baia de Hudson** (Hudson`s Bay Companhy, 1670) para explorar o comércio do Canadá, em particular de peles; a **Compagnie française des Indes orientales** (1664).

De todas as companhias a que registou mais rápido crescimento foi a VOC: Em 1669 era a maior e mais rica companhia do mundo, operando com 150 navios mercantes, 40 navios de guerra, 50 mil funcionários, contando com um exercito de mais de 10 mil homens.

O tema conduziu-nos ao Tamisa. Primeiro para uma escala no **Guildhall** (antiga sede do município de Londres, fundada em 1440, em Gresham Street), ponto de encontro dos acionistas da **Royal Africa Company**, fundada em 1660 por Carlos II destinada a monopolizar o comércio transatlântico de escravos africanos para as ilhas Britânicas do Caribe, numa guerra aberta com holandeses e negreiros independentes. Com a protecção da Marinha Britânica tinha os seus principais portos na costa ocidental de África, Londres, Bristol e Liverpool.

A seguir fomos ao cais da **West India Dock Company**, construído na Ilha dos Cães e inaugurado em 1802, o maior empreendimento realizado até então no Porto de Londres. Muito perto do local fica o **Museum of London Docklands** e no outro lado do Tamisa temos Greenwich. Era aqui o coração do comércio londrino mais rentável: **escravos** e **açúcar**. O monopólio dos escravos africanos, como é sabido, pertenceu aos portugueses entre 1444 até ao inicio do século XVII, quando perderam a sua independência para Espanha. Sem marinha para o proteger foram rapidamente ultrapassados pelos holandeses e ingleses que entraram em força no tráfico negreiro. Os ingleses já tinham alguma experiência neste domínio. **John Hawkings** e o seu irmão William, em duas expedições (1555 e 1569) mostraram que era um comércio bastante rentável, e menos perigoso que o corso e a pirataria. Da Serra Leoa levaram mais de 1200 escravos para Hispaniola e Santo Domingo. **Francis Drake** fez três viagens à África, duas patrocionadas por Elizabeth I, para capturar e comercializar africanos. A colonização das Indias ocidentais pela Grã-Bretanha começou em 1623 quando ocuparam a ilha de St. Kitts (Saint Christopher) e a Nevis nas Caraibas, e iniciaram um intenso tráfico de escravos africanos para trabalharem nas plantações, inicialmente de tabaco e depois de cana do açúcar. O negócio de açúcar expandiu-se a outras ilhas das caraíbas, como a Jamaica. O trafico inglês adquiriu uma enorme dimensão após a fundação da **Company of Royal Adventurers Trading to Africa** (1663), e da sua sucessora **Royal African Companhy** (1672), que contou com o apoio do Duque de York, mais tarde Jaime II. Calcula-se que mais de 2,5 milhões de escravos africanos tenham levados para as caraibas. Para sustentar um tão volume de negócios, no final do século XVII foi fundado o Banco de Inglaterra (1694) e o Lloyd`s Bank começou a operar em Londres.

A questão do **Mare Clausum** era um obstáculo à expansão das companhias que foram criadas, daí a sua crescente contestação por parte de novas potências europeias (Dinamarca, Suécia e Holanda). O assunto foi trazido para a discussão pública mundial, quando em 1603, *Santa Catarina*, um navio mercante português, foi apreendido ao largo de Singapura, por Jacob van Heemskerk, um capitão holandês, ao serviço da **Companhia Holandesa das Indias Orientais**. Hugo Grotius, defendeu o princípio de que o mar deveria ser um território internacional e todas as nações livres de utilizá-lo para comércio. Portugal e a Espanha opunham-se a este princípio. A Inglaterra, em competição com a Holanda pelo domínio do comércio mundial, sustentava a posição portuguesa, sustentando que o mar era passível de ser apropriado como o território terrestre, e como tal podia ser conquistado. O consenso internacional foi obtido em 1702, restringindo o domínio marítimo de um país até à distância de um tiro de canhão a partir da costa.

Guerra. Restaurada a Independência de Portugal, em 1640, seguiu-se uma longa guerra (vinte e oito anos) contra a Espanha. A ajuda veio de militares holandeses, ingleses, franceses e alemães. Portugal, em troca, oferecia facilidades no acesso aos seus mercados. Um contingente holandês, comandado pelo coronel Lambert Floris van Til foi o primeiro a intervir no conflito, logo em 1641, com um regimento de cavalaria e outro de dragões (1.200 militares). A contrapartida foi a abertura dos portos aos holandeses. Em Lisboa, entre 1642 e 1678 a maioria dos navios estrangeiros eram holandeses, seguidos dos ingleses. Estes apenas em 1682 superaram os holandeses, representando no conjunto mais de 84% dos navios estrangeiros.

A Inglaterra aproveitou a difícil situação em que Portugal se encontrava, para exigir grandes privilégios económicos no país e colónias, e não lhe faltaram pretextos para o conseguir. Os tratados firmados pouco depois de 1640 com Holanda (1642), Inglaterra (1642) e França, deram mais vantagens aos holandeses. A questão foi aproveitada pela Inglaterra para quebrar as relações entre os dois países. O conflito agravou-se quando estalou a **guerra civil em Inglaterra** (Agosto de. 1642). Portugal deu o apoio a Carlos I contra as forças de Cromwell e acolheu os principes ingleses Rupert (1649) e Maurice que aqui se exilaram. O governo de Cromwell retaliou. Após a decapitação de Carlos I, Portugal não apenas protestou como declarou guerra à república inglesa (1650). Robert Blake, almirante de Cromwell atacou o que restava da frota real inglesa na barra do Tejo. A frota portuguesa do Brasil foi também capturada, obrigando o país a negociar.

O **Tratado de 1654** deu aos ingleses amplas privilégios no comércio com Portugal, e implicou pesadas indemnizações. Uma armada inglesa em Lisboa (1660) pressionou a sua ractificação que vinha sendo adiada.

A guerra com a Espanha prolongava-se sem fim à vista. A situação no campo de Batalha só mudou quando, na sequência do casamento, em 1662, de **Catarina de Bragança com Carlos II, foi enviado um contingente britânico (anglo-irlandês), com cerca de 3 mil homens**. Foi comandado sucessivamente por Murrough O'Brien, conde de Inchinquin (1662), Christopher O'Brien (1662-1663) e, finalmente, por Frederick Herman de Schömberg, 1º. Duke of Schömberg (1663-1668), cuja acção foi determinante no desfecho da guerra. A Inglaterra intermediou, em 1668, as negociações de paz com a Espanha.

Este oficial mercenário, de origem alemã, esteve ao serviço de Carlos II de Inglaterra. A National Portrait Gallery tem dele uma excelente colecção de retratos.

Prato comemorativo do casamento de Catarina de Bragança com Carlos II, produzido em Delft. V&A Museum

Catarina de Bragança. Devia ter começado o século XVII pelo casamento entre **Catarina de Bragança** (1638-1705) com Carlos II, mas este só ocorreu 1662. O sacrificio da princesa portuguesa foi vital para a causa da independência de Portugal. Cada coisa a seu tempo. Catarina levou consigo um dote fabuloso, para além de 2 milhões de cruzados a serem pagos em dinheiro, açúcar e madeira do Brasil, incluía a abertura dos portos no Brasil e na Ásia aos navios ingleses, Tanger em Marrocos ou Bombaim na India. Bombaim foi a porta de entrada dos ingleses no sub-continente asiático. No regimento inglês que foi para Tanger foi denominado *Queen`s Regiment* em honra de Catarina, usando botões com o "cordeiro paschal" que se manteve até 1966, quando deixou de ser usado como distintivo.

Mal amada foi acusada de estar ligada a uma Conspiração Papista. Regressou a Portugal em 1692, sete anos depois da morte de Carlos II que quando faleceu deixou 39 amantes viúvas e 14 bastardos reconhecidos.

Apesar deste ambiente hostil, Catarina de Bragança deixou várias marcas da sua presença em Londres.

No **Palácio de Hampton Court**, onde vivia com Carlos II, as suas amantes e filhos bastardos. No hall de surge uma pintura de Catarina como Santa Cataria de Alexandria. Foi lá que encontramos uma pintura de Sanches Coelho (1531-1588). Pintor de origem portuguesa, como Diego Velasquez. Aluno de António Moro foi o principal retratista na corte de Filipe II. Na casa de vestir de Henrique VIII, sala King`s dressing Room, Sanches Coelho tem aqui três retratos de D. Leonor, 3ª. mulher de D. Manuel I, rei de Portugal, foram pintados aquando do seu casamento, em segundas núpcias, com Francisco I de França. Era a irmã mais velha de Carlos V. Camões retrata-a no *Auto d`el rei Seleuco*.

No **Castelo de Windsor**, nos arredores de Londres. Numa das suas salas está a conhecida apoteose de Catarina de Bragança (The Apotheosis of Catherine of Braganza), da autoria de Antonio Verrio.

No **Whitehall Pallace.** Em 23 de agosto de 1662, ocorreu uma procissão fluvial que foi descrita como "o mais magnífico triunfo que certamente já flutuou no Tâmisa". A procissão celebrava a chegada de Catarina de Bragança, ao Palácio de Whitehall. Construído por Henrique VIII e ampliado pelos seus sucessores, foi o maior palácio da Europa, abrangendo uma área que vai de Trafalgar Square ao Big Ben.

Em **Somerset House** onde também viveu e cuja capela real, sobretudo depois de 1678, passou a frequentar. Foi lá que esteve sepultado Francisco de Melo da Câmara, antes dos seus restos mortais serem trasladados para Portugal. Muito perto fica a **Portugal Street,** entre a Kingsway e a Serle Street. Foi uma homenagem a Catarina de Bragança. No princípio do século XVIII a sua localização era outra. Entre Sackville Street e a Albermarle Street, a via de comunicação, era então denominada Portugal Street. No reinado de George I (1714-1727) deu origem à Piccadely Street.

Capela da Rainha no Palácio de St. James. A capela tem uma história turbulenta. Três rainhas católicas: **Henriqueta Maria de França**, Catarina de Bragança e Maria de Modena mantiveram-na num regime protestante. A primeira, casada com Carlos I em 1625, mandou construi-la, mas da sua magnificência nada resta. Maria acabou exilada em França (1643) e Carlos I decapitado. A destruição de capelas e da iconografia protestante foi implacável na Grã-Bretanha. A segunda, vinda de Portugal, em 1662, exigiu igualmente que a capela fosse restaurada, o que foi feito. Encomendou uma cruz Processional com fragmentos da cruz de St. Thomas Becket, arcebispo de Canterbury. Fez-se representar como Santa Catarina (quadro de Jacob Huysmans). Tudo isto, em plena corte inglesa, provocou a ira dos protestantes. O grande incêndio de Londres, em 1666 , onde arderam 13.200 casas e 87 igrejas, foi interpretado como um castigo pela má influência dos católicos. Em agosto de 1678, um fanático protestante Titus Oates escreveu uma manuscrito onde alertava para uma conspiração dos jesuítas para assassinar o rei. Uma conspiração na qual era também acusada Catarina de Bragança. O parlamento reagiu e aprovou uma lei que proibia os católicos de ocuparem assentos nos parlamento. Vinte e dois católicos foram executados, incluindo o arcebispo de Armagh. Catarina, afastou-se então desta capela, e passou a frequentar a de Somerset House. A Câmara dos Comuns chegou mesmo a afastá-la de Wihtehall e debater o seu envio para a Torre de Londres. Quem ocupou a Capela de St. James foi Maria Modena, casada em 1673 com o Duque de York que se havia convertido ao catolicismo. Entre 1682 e 1685 investiram no luxo da capela. Quando em 1685 ascendeu ao trono, como James II, assumiu que pretendiam restaurar o catolicismo. A reacção foi violenta, acabando exilado em França. Guilherme III, em 1888, quando tomou posse do Palácio de St. James tratou logo de lhe retirar os símbolos que o ligavam ao catolicismo. As armas conjuntas de Catarina de Bragança e de Carlos II sobre a capela-mor e no armário da rainha foram todavia mantidos.

Educação Feminina. Catarina de Bragança revelou uma enorme preocupação com a formação das mulheres. Em 1669 convidou para Inglaterra Frances Bedingfeld, superior de uma irmandade de Munique (Institute of the Blessed Virgin Mary), tendo-se instalado primeiro em **St. Martin`s Lane** e depois uma casa em **Hammersmith**, perto de Broadwat, no terreno da casa de campo do embaixador de Portugal (Francisco de Melo?), a Cupula House, onde foi criado um convento clandestino sob a regra beneditina:

o Convento de Sagrado Coração. Criou uma escola gratuita para raparigas (1679) e um lar para viuvas. O convento, apesar de proibido, persistiu até que em 1780 quando foi destruído pela população, mas não tardou a ser reocupado com freiras que fugiram da França na sequência da revolução de 1789.

Catarina, junto ao Tamisa, depois do falecimento de Carlos I, em 1685, tinha aqui o seu palácio no verão e usou-o até 1692 (Bobak). Manifestou grande interesse pela jardinagem e plantou os olmos que nele se viam. O edificio, com uma fachada de reentrancias, com figuras moldadas em chumbo e o seu salão de banquetes sobreviveu até aos anos 30 do século XVIII. No reinado da Rainha Ana, o célebre médico Dr. Radcliffe (fundador da famosa Biblioteca Radcliffe) morou nesta mesma casa. Ele tinha o projeto de fundar um hospital e iniciou a sua construção, mas nunca o terminou. Faleceu em Upper Mall, em 1710.

Entre as muitas histórias que ligam Catarina a Londres, está um hospital militar. Até 1692 não havia em Inglaterra nenhum para acolher militares. Em 1681 Carlos II mandou proceder à construção do Royal Hospital Chelsea, inaugurado em 1692. Consta que no mesmo foi introduzido o ensino feminino por interferência de Catarina de Bragança, onde se encontra um dos seus belíssimos retratos. Estará favorecida ? Temos dúvidas, e por isso mesmo voltamos a **National Portray Gallery** onde temos três retratos: um com 24 anos (autoria de Dick Stoop, holandês), com trinta anos (autoria de Jacob Huysmans, flamengo) e com mais de quarenta anos (autoria de Simon Pieters Valerst, holandes). É notório que foi engordando e certas feições mais rudes acentuaram-se, e não terá sido por causa do hábito do chá que divulgou em Inglaterra.

No Museum of London existe um belo casaco de malha para bebé que um familiar de Catarina de Bragança trouxe para Londres. Quem seria esta criança? Ou seria para o filho de Catarina que não teve?

Catarina, em sua honra foi-lhe dado o nome de uma rua em Londres: **Braganza Street**. O irmão de Carlos II depois de ter conquistado a Nova Amesterdão aos holandeses, em 1683, resolveu renomear a cidade (Nova Iorque) e dar o nome de Catarina a um dos seus bairros: **Queens**.

Plantas. Voltando aos hospitais, lembrei-me da importância que as plantas tinham na farmacopeia, e nos seus avanços extraordinários que resultaram da sua descoberta nas viagens pelo mundo, de que são exemplo as seguintes obras: ***Suma Oriental*** (1515), de Tomé de Pires que descreve plantas do Oriente, sobretudo da Malásia; ***Colóquios dos Simples e Drogas da India*** (1563), de Garcia da Orta. Publicada em Goa, onde tinha um laboratório e jardim botânico. Foi o primeiro europeu a descrever várias doenças tropicais, como a cólera. Carolus Clausis, publicou uma versão em latim em 1567, reeditado várias vezes. Clements Markhan verteu-a, em 1913, para inglês (Colloquies on the simples & drugs of India). ***Tratado de las drogas y medicinas de las Indias Orientale*s** (1578), de Cristovão da Costa (Acosta), aprofunda o mapeamento das drogas, plantas e frutos do Oriente. A obra foi também reescrita e traduzida em várias linguas. Em 1604 surgiu uma versão inglesa com título *Acost's natural history of the East and West Indies*. Foi no Wellcome Collection que encontramos uma destas versões, e enquanto a consultavamos, vimos também um intrigante desenho português, datado de 1695 de uma mulher com escaras na parte superior do corpo, e com os membros inferiores disformes.

A farmacopeia inglesa rapidamente integrou os conhecimentos adquiridos do poder curativo das plantas do Brasil, India, China e outros lugares, como dá conta a *Pharmacopeia Londinensis* de 1616.

Era a hora de visitar a **Kew Gardens** (Royal Botanic Gardens), cujo começo da sua criação remonta a 1720, e onde são muitas as referências a plantas que foram trazidas para a Europa ou que viajaram pelo mundo com portugueses, mas não só. **Kew Gardens** com os *Museu Britânico ou* ***Linean Society of London****,* por exemplo, enviou para a **Ilha da Madeira**, expedições científicas para estudo da Geologia, Botânica e Flora e recolha de espécies, enriquecendo os seus herbários, muito frequentes desde o séculos XVIII. **Felix de Avelar Brotero** (1774-1791) era membro da *Linean Society of London c*om uma obra notável no estudo da flora portuguesa, classificada segundo o método de Lineu*. Outro dos seus membros foi* **Abade Correia da Serra** *(1750-1823)*, notável cientista no domínio da botânica, paleontologia e da geologia. Em Inglaterra, participou numa expedição botânica, com o presidente da Royal Society, Joseph Banks à costa de Licolnshire. Um dos ramos da botânica - Correia - tem o seu nome. Era amigo intimo de Thomas Jefferson. Em Monticello possuía um quarto privativo. Foi um dos co-fundadores da Real Academia das Ciências de Lisboa. O mapeamento dos recursos globais era uma tarefa fundamental para uma potência que pretende ser mundial, fosse Portugal ou a Inglaterra.

Nem sempre estas viagens das plantas tiveram as melhores consequências, como é ilustrativo o caso da ilha de Santa Helena. Quando os portugueses ali chegaram era uma ilha desabitada, com abundância de árvores e água, tendo-se tornado numa paragem obrigatória na rota do comércio com a India. A paisagem foi rapidamente alterada com a introdução de cabras, porcos, ratos, plantas e arvores de fruto. Em 1657 chegaram os ingleses tendo prosseguido a sua colonização, com resultados devastadores. Hoje das florestas nativas de Scrubwood pouco resta, a não ser exemplares raros em locais inacessíveis. Um problema actual.

Judeus Portugueses. Voltei ao centro de Londres e a Catarina de Bragança. É altura também de voltar a falar de uma poderosa comunidade que desde finais do século XVI estava a moldar as relações da Inglaterra com Portugal: os judeus portugueses. Milhares refugiram-se nos Países Baixos, e depois de 1580 colocaram a sua rede comercial mundial ao seu serviço. **Olivier Cromwel**, durante o seu protectorado (1649-1659)

pretendeu dominar o comércio mundial, e seguiu o exemplo dos holandeses. É neste contexto que entra **António Fernandes do Carvalhal** (1590-1659), instalado na Leadenhall Street. Era um poderoso comerciante português, com vários navios, negociava nas Indias Orientais, Brasil e Levante em pólvora, vinho, peles, cochinilha, milho, prata e obras de arte. Lidera uma comissão de comerciantes judeus, a maioria dos quais portugueses que propõe, em 1656, a Cromwell, em troca do apoio dos judeus à expansão da Inglaterra, a possibilidade de praticarem a sua religião e construirem um cemitério próprio (253 Mile End Road, Stepney). Uma garantia que lhe foi foi dada na sua pessoa. No cemitério que funcionou entre 1657 e 1742, estão sepultados entre outros Carvalhal, David Neto e o médico Fernando Mendes. O rabino de Amesterdão Manasseh Ben Israel (Manuel Dias Soeiro, natural da Madeira) também em 1656 consegue que Cromwell, declare o edito de 1290 sem efeito. A comunidade prospera, assim como os seus negócios. Tem parte activa nas negociações financeiras do casamento de **Catarina de Bragança** com **Carlos II** (1660) que os protege. Em 1698 a prática do judaísmo é legalizada em Inglaterra

O número de judeus, vindos da Holanda e de Portugal aumentou consideravelmente o que levou à abertura da Casa de Oração aberta em 1657, no segundo piso no número **33 de Creechurch Lane**, a primitiva sinagoga londrina. O edifício foi demolido no final do século XIX.

Com chegada de novos membros, foi necessário construir um novo local de culto: a **Sinagoga Bevis Marks**, conhecida como a Sinagoga dos portugueses. É a mais antiga de Londres. Foi inaugurada em 1701, graças a acção do rabino David Neto. Este nomeou em 1698 uma comissão composta por António Gomes Serra, Menasseh Mendes, Alfonso Rodrigues, Manuel Nunez Miranda, Andrea Lopez e Pontalero Rodriguez para a sua construção, na sua maior parte de origem portuguesa. Esta sinagoga tornou-se no ponto de encontro dos portugueses judeus na cidade, definindo também as práticas judaicas no Reino Unido. Possui uma clara influências da Sinagoga Portuguesa de Amesterdão (1675).

O português era a primeira língua dos judeus em Inglaterra e na Holanda nos séculos XVI e XVII, usada nos documentos oficiais em obras como o Halakhic Thesouro dos Dinim, de ou nas mais polémicas de Uriel da Costa (Gabriel da Costa Fiuza, 1585-1640), contra a intolerância religiosa: **Propostas contra a Tradição"** (1618), **Exame das Tradições Farisaicas** (1624) e **Exemplar Humanae Vitae** (1640) que levaram à sua excomunhão. Os sermões na Sinagoga de Bevis Marks até 1830 eram pregados em português, e em Amesterdão até ao período napoleónico.

Catarina da Costa, pintura de retratos em miniatura, foi uma digna percursora das pintoras portuguesas que mais tarde se estabeleceram em Londres. Nasceu em Portugal em 1679. O seu pai Fernando Moisés Mendes (1647-1724), era médico pessoal de Catarina de Bragança. Como muitos judeus portugueses dizia-se católico, mas seguia a religião judaica, da qual foi um dos seus mentores.

A zona não é muito propícia à manutenção dos velhos pubs, um deles é o **Three Tuns** (36 Jewry Street). Á semelhança do que aconteceu em Portugal onde as antigas tabernas desapareceram, os pequenos pubs londrinos parecem ter os dias contados. Há que salvá-los.

Retrato da autoria de Catarina Costa, Juwish Museum of London

Marfim, O Bom Pastor, Indo-Portuguese (Goa), ca. 1650, V&A Museum

Artes. O mote está lançado para uma nova entrada no nosso guia imaginário: **arte.** A expansão portuguesa não terminou no século XVI, prosseguiu, continuando a gerar novas formas artísticas resultantes de interacções com outros povos. O que foi criado na Ásia e que se pode ver nos museus londrinos é fascinante.

Uma das figuras mais emblemáticas deste cruzamento cultural é a figura de Cristo, como o Bom Pastor. Em Londres temos várias de excelente qualidade, selecionamos duas muito expressivas.

Figura em cristal, O Bom Pastor. ca 1600, produzida em Goa ou Ceilão. Foi adquirida em 1876 por Richard Wallace. The Wallace Collection Museum.

Caixa de Marfim maciço feito em Kotte (Ceilão) encomemorar a conversão do rei de Kotte ao cristianismo. V&A Museu

Os portugueses chegaram à **India** em 1498, cinco anos depois criaram a primeira fortaleza em Cochim, seguiram-se muitas outras feitorias e fortalezas como Chaúl, Baiçan, Goa, Damão ou Diu. Desenvolveram um comércio muito activo, não apenas de especiarias, mas também ligado á produção de móveis e outros objectos religiosos que fundiam a arte Oriental e a Ocidental. Uma produção e comércio que chegou às terras do Grão-Mongol e que se espalhou por toda a costa indiana desde o século XVI a meados do século XIX. Em 1961 os últimos territórios portugueses na India, como Goa, foram integradas na União Indiana.

Móveis indo-portugueses, V&A Museum **Ceilão (actual Sri Lanka)** entre 1505 e 1658 esteve sob domínio português. Entre as cidades que aí criaram destaca-se Colombo. Destas interações entre cigales e portugueses dão provas muitas peças nos museus londrinos.

A chegada ao **Japão** em 1543 foi um acontecimento de enorme repercussão para ambos os países. Estabeleceram-se em Nagasáqui em 1568, doada à Companhia de Jesus em 1580. Apesar da ruptura que se gerou, por motivos religiosos, as interacções foram muitas e frutuosas em vários domínios.

"Arrival of a Portuguese Ship, 1600-1630, in V&A Museum

Dir-se-á que em Londres só encontramos objectos artísticos de influência portuguesa, provenientes de várias partes do mundo. Não é verdade, temos **mobiliário** para provar o contrário. Era grande a variedade de madeira que aportavam a Portugal vindas de outros continentes. Esta foi uma das razões que terá estimulado o desenvolvimento em Portugal da arte da marcenaria, cujos museus britânicos testemunham pela apreciável quantidade de peças que possuem dos séculos XVII e XVIII.

Armário português com dois andares, feito em jacarandá (1690), V&A Museum

7. Londres no inicio do século XVIII tinha uma população estimada em cerca de 600 mil pessoas, ultrapassando Paris, mantendo sempre um forte ritmo de crescimento. No censo de 1801 ascendia já a 1,096 milhões de pessoas. A maior parte da população vivia já fora da jurisdição do Lord Mayor, concentrando-se nos arredores. Foi então necessário construir várias pontes sobre o Tamisa, como a Ponte de Westmister (1750), assistiu-se à expansão das docas. As actividades financeiras, comerciais e portuárias predominavam na cidade. A área aristocrática e comercial de **West End** (Westminster, Kensignton e Chelsea) contrastava com **East End**, industrial e operária. As desigualdades sociais eram brutais, reflectindo-se na violência urbana.

Portugal no século XVIII devido ao Brasil, a imensa colónia que havia criado e sustentado na América do Sul, voltou a assumir algum protagonismo mundial. O pensamento e a economia estão contudo bloqueados pela **Inquisição** (1536-1820**)** e o ensino pela **Companhia de Jesus**.

Inquisição. A obra de **Charles Dellon** - *Relation de l'Inquisition de Goa* -, publicada em 1687, em Leiden, rapidamente traduzida para inglês, despertou a curiosidade da Europa para a questão. Em Londres começaram a publicar-se uma série de livros denunciando os crimes da Inquisição em Portugal e Espanha.

Michael Geddes, *Miscellaneous Tracts*, **London**, 1702, inclui.“A Narrative of the Proceedings of the Inquisition of Lisbon”. Geddes entre 1678 a 1686, foi capelão anglicano de uma estrutura corporativa de formada por comerciantes, agentes e factores ingleses residentes na cidade. Em 1686, ele e o cônsul, Thomas Maynard, foram levados à Inquisição de Lisboa por causa de serviços religiosos realizados na casa do cônsul. Em sua defesa, Maynard citou o artigo 14.º do Tratado de Paz e Aliança entre Inglaterra e Portugal de 1654, segundo o qual os ingleses podiam “observar e professar livremente a sua religião nas suas próprias casas particulares” em Portugal. Foi obrigado a regressar a Londres. A campanha prosseguiu com a edição de obras como *An Account of the Cruelties Exercised by the Inquisition in Portugal,* um texto português da década de 1670, publicado em **Londres** em 1722; *A General History of the proceedings and cruelties, of the Court of Inquisition; in Spain, Portugal ...* : Extracted from the best authorities and illustrated with occasional remarks and proper observations. - **London,** 1737. Um dos que as leu atentamente foi Sebastião José Carvalho e Melo, embaixador em Londres (1739 a 1744) e futuro "primeiro-ministro" de Portugal (1750 - 1777). Acabou com as execuções a mando da Inquisição e expulsou os Jesuítas.

A imagem de exotismo e pitoresco que os ingleses desde o século XVI associavam aos países do sul, como Portugal e Espanha, passou a andar ligada à de barbárie, atestando a superioridade dos países protestantes sobre os católicos. Uma imagem que irá perdurar no tempo.

Judeus Portugueses. A **Embaixada de Portugal** funcionou entre 1724 e 1747 em duas casas na Golden Square, 23 e 24. A actual Igreja de Nossa Senhora da Assunção e São Gregório, estava sob a sua protecção. A influente **comunidade judaica** portuguesa na cidade era uma das preocupações dos embaixadores. Marques de Pombal manteve com a mesma uma forte ligação, nomeadamente para recolher informação que enviava para Lisboa. Esta comunidade contava com cerca de 2 mil pessoas. Em 1748 abriram o **Hospital Beth Holim** em Leman Street.

No comércio com Portugal e os seus territórios concentravam-se naturalmente nas áreas onde tinham vantagens especiais como o domínio do idioma (português), parentesco ou experiência pessoal. Assumiram uma sólida posição no comércio marítimo internacional, no tráfico de escravos e na alta finança. Exportavam tecidos ingleses para Espanha e Portugal, importavam lã fina e moedas de prata de Espanha e sal, e açúcar, ouro e pedras preciosas de Portugal. Negociavam com a Jamaica e Barbados. Especializaram-se na importação de diamantes brutos da Índia e do Brasil.

The Portuguese Hospital. Em Mile and Old Town, a comunidade de judeus portugueses adquiriu crescente importância. Em 1793 construiu um moderno hospital - **The Portuguese Hospital**. No final do século XVIII, em diversas publicações é referido entre os maiores de Londres. Nele exerceu medicina, entre outros Joseph Hart Myers (c.1758-1823). Era esta a sua designação até à segunda metade do século XIX. Ao lado do Hospital foi criado, em 1806, um hospício para idosos crianças e depois uma escola de ensino livre. Haviam igualmente três espaços cemiteriais, dois para portugueses (aberto em 1733) e um mais tarde para germânicos. O mais antigo está escondido atrás da residência de Albert Stern. As inscrições nos túmulos são muitas vezes em português ou em hebraico. O epitáfio do túmulo de Isaac Alvarez Nunes (1684), joalheiro da corte inglesa, tem um poema inglês em dísticos alexandrinos: "Sob este mármore tudo o que resta de Isaac Alvares Nunez está confinado/De raça hebraica por nascido em Portugal/ Em Londres sua morada e funeral/Cujo conhecimento adquirido em jóias misteriosas/ Brilhava nos diademas europeus/ Um marido amoroso um pai terno um verdadeiro amigo/ Sincero em todos os seus negócios até ao fim/ E por isto para dar o seu nome à continuação da vida/ O monumento de uma esposa muito amorosa".

Dando um salto no tempo, em 1900, numa esquina dos jardins do **Holland Park** formou-se uma importante comunidade de sefarditas portugueses e espanhóis, cujos antepassados haviam fugido para salónica (Grécia) e Istambul (Turquia). Em 1928 inauguram a sua sinagoga.

Economia. Falando de economia temos que ir à **Abbey Westminster**. John Methuen foi o mais famoso embaixador de Inglaterra em Lisboa (1691-1694 e 1702-1706). Elogiado em Inglaterra pelos dois tratados que estabeleceu com Portugal. O último tratado, conhecido pelo seu nome, derivado às suas consequências negativas ainda hoje é objecto de controvérsia. A Inglaterra, devido ao Tratado de 1654, dominava a economia portuguesa.

O primeiro tratado, em 1703, era sobre a chamada guerra da sucessão em Espanha. Portugal rompeu a aliança que tinha com a França, alinhou a sua posição com a Inglaterra e a Holanda, envolvendo-se numa nova guerra com a Espanha.

O segundo tratado, também no mesmo ano, em dois artigos facilitou ainda mais as exportações de texteis ingleses para Portugal e Colónias, em troca de facilidades na exportação de vinhos. O **vinho do Porto** prosperou. A industria inglesa, cujo produtos eram pagos com ouro do Brasil, desenvolveu-se e a de Portugal definhou. A dependência económica face à Inglaterra acentuou-se ao longos do anos. Na verdade nada disto era novidade. As exportações de vinho para Inglaterra datam do século XIV, o aumento das mesmas ocorreu no final de século XVII. As facilidades económicas dadas aos comerciantes ingleses, levaram-nos a estabelecem-se em Lisboa, mas sobretudo no Porto, onde rapidamente monopolizaram a produção e exportação do vinho para Inglaterra, criando grandes companhias: Warres & Co (1670), Croft & Cº (1678), Taylor,

Fladgate & Yeatman (1692), etc. Marques de Pombal, na segunda metade do século XVIII, procurou criar grandes companhias portuguesas para controlarem a exportação do vinho, mas estas não tardaram a serem boicotadas pelos comerciantes ingleses.

Methuen sofria de gota e reumatismo, faleceu em Lisboa a 2 de julho de 1706. O corpo foi embalsamado e levado para Inglaterra, onde foi sepultado a 17/09/1708, no corredor do coro sul da Abbey Westminster.

Vinhos. Resolvemos não ir a um Pub, mas beber um cálice de **Vinho do Porto**. Há quem prefira o **Vinho da Madeira**. A exportação de vinho para Inglaterra do região do Douro data de final do século XVII. O seu enorme crescimento só se deu todavia a partir da segunda XVIII, quando as qualidades que hoje conhecemos no vinho do porto foram atingidas. Os "rótulos em metal" para as garrafas que o continham difundiram-se a **partir** de meados do século XVIII, revelando grande criatividade. O V&A Museum possui um excelente colecção de rótulos metálicos. Ficou ligado a muitos acontecimentos históricos, como a encenada por Arthur David McCormick (1860-1943), um ilustrador inglês: Lord Nelson, em 1805, cinco semanas antes da batalha de Trafalgar, molha o dedo num cálice do Vinho do Porto, e mostra ao Viscount Sidmouth o plano da batalha.

Rótulo metálico do vinho do Porto.. C. 1750. V&A Museum

A Ilha da Madeira, no século XVIII era estratégica nas rotas comerciais para o Império Britânico, era aqui que aportavam os navios que se dirigiam para as américas e a India. Recebiam provisões frescas e recolhiam **Vinho da Madeira**. Não era novidade absoluta. A primeira noticia do embarque de Vinho da Madeira data de 1456, imagina o leitor para onde foi? Inglaterra. O comércio deste vinho ficou na mãos dos mercadores britânicos, um terço dos quais eram escoceses. Quem disso se aproveitou foram Gordons de Banffshire, dos bálticos para onde exportavam, estenderam a todo o mundo a sua rede comercial, centrada na Madeira, Londres e Banffshire. James Cook, na sua viagem até á Austrália levou-o para prevenir dos efeitos do escorbuto. As histórias são muitas do Vinho da Madeira com a Inglaterra.

Porto. O Porto de Londres, na segunda metade do século XVIII, torna-se no maior do mundo em barcos e mercadorias.

Terramoto de 1755. A sua ocorrência abalou a concepções éticas ao tempo, exigindo uma ruptura completa com religião. Não é todavia aqui a nossa atenção, mas a reconstrução de Lisboa. Fomos visitar a **Sir John Soanes Museum** para vermos os desenhos datados de 1756 dos irmãos Robert e James Adam (vol. 9/ 58 e 61) para a reconstrução de Lisboa.Tratou-se obviamente de um exercício académico, ainda marcado pelo barroco e rococó.

Ciência. Desde o século XVI que milhares de portugueses sairam do país para fugirem à Inquisição ou porque não suportavam o ambiente repressivo. A Holanda (séc. XVI e XVII) e a Inglaterra (séc. XVII-XVIII) foram dois dos destinos mais procurados, gerando a longa tradição dos chamados "estrangeirados". No século XVIII, um deles **Jacob Castro Sarmento** (1690-1762), médico de Marques de Pombal. Foi membro do **Royal College of Physicians** e eleito para a **Royal Society of London** em 1730, em reconhecimento por ter introduzido um novo medicamento para curar febres. Foi defensor e divulgador da obra de Isaac Newton. No século XVIII, a Royal Society, para além de Jacob Sarmento e de Marques de Pombal, contou entre os seus membros António Álvares da Cunha (1668, arquivista), João baptista Carbone (astrónomo), João Chevalier (astrónomo, Director da Real Academia Belga), João de Bragança (militar, Duque de Lafões) e João Jacinto Magalhães (químico, fisico), descendente do navegador Fernão de Magalhães. Uma personagem inquietante.

Magalhães (Jean Hyacinthe Magellan) foi o mais famoso dos membros portugueses da Royal Society. Nasceu em Aveiro em 1722, emigrou para Londres em 1764, depois de ter residido em Paris. Os últimos anos viveu nos arredores de **Islington, no nº.12 de Nevil Court, Fetter Lane**, onde faleceu a 7 de Fevereiro de 1790. Foi sepultado em Islington.

Fez testamento aprovado nas Prerrogativas de Canterbury. Paróquia de Saint Dunstan the West, aprovado a 10/02/1790 (Fonte: UK DATA Archive LL.ref. Wills_1790_1799_253 1742_39634).

Magalhães privou com os maiores cientistas do tempo (Lavoisier, Volta, Walt, Benjamin Franklin, Priestley, Gabriel de Bory, Herschel, etc), e pensadores como Jean-Jcaques Rousseau ou François Hemsterhuis. Desempenhou uma importante papel na difusão dos avanços da ciência em vários países, como a França, Suécia, Holanda, Espanha, EUA e Portugal. Introduziu instrumentos científicos ingleses em França. Celebrizou-se na construção de instrumentos de precisão, e pelos seus estudos de física e astronomia. A sua primeira publicação *Description des Octants et Sextants Anglois* em 1775 foi uma descrição de octantes ingleses e sextantes Hadleyanos (ou refletivos). Editou duas obras de A. F. Cronstedt (mineralogia). Contribuiu para o trabalho de A. G. Lebegue de Presle sobre Jean-Jacques Rousseau. Para além da Royal Society d Londres foi membro da Royal Society of Arts e da Manchester Literary and Philosophical Society. Correspondente das academias de Berlim, Paris, S. Peterburgo, Lisboa, Madrid, Bruxelas, Haarlem (Hollandsche Maastschappij der Wetenschappen) e da American Philosophical Society de Filadélfia . Em 1785 doou a esta sociedade, uma importante verba para atribuição de um prémio ao autor do melhor trabalho sobre navegação ou astronomia (Magellanic Premium) que foi atribuído até 1906.

Em que cemitério de Islington está sepultado: **Bunhil Fields cemetery (**1665-1854) ? **St. Mary`s Church c*emetery*** *? Outro?*

A questão exigia conhecimento dos registos cemiteriais. A nossa salvação foi um pub bem perto: o **Artillery Arm** (102 Bunhil Row, de 1831). Aí mesmo tomei a decisão de apelar à ajuda de Luis Garrido e Carol Garrido. Os jornais falaram de um resgate que haviam feito. Em 2004 depararam-se no cemitério de Bunhil Fields com uma situação insólita: ninguém conhecia o local exacto onde Willian Blake (1757-1827) e Catherine Sophie (1762-1831) foram sepultados. Durante dois anos fizeram uma pesquisa exaustiva e acabaram por o descobrir. Em 2018 foi inaugurada um memorial nesse local, graças a uma subscrição pública que promoveram. Luis Garrido prometeu que me ajudava. Fica a intenção, dado o mistério continuar.

Face da moeda de ouro do prémio de João Jacinto Magalhães

Maçonaria. Demos connosco, quase sem saber como, no **Freemamasons`s Hal**l, e a percorrer a Great Queen Street, onde se guardam muitos segredos sobre a maçonaria em Portugal. A literatura sobre o assunto é enorme. A Grande Loja de Inglaterra (GLI) surgiu, em Londres, a 24 de Junho de 1717. A primeira loja maçónica portuguesa foi fundada em Lisboa por volta de 1728, por um inglês católico William Dugood, sendo regista com o nº. 135, em Abril de 1735 na GLI (substituída pelo nº120 em 1740). A Igreja Católica apressou-se a condenar a maçonaria, levando à prisão de Jean Coustos, um suiço, ligado à maçonaria francesa, e realizou um auto de fé, em 1744, com maçons estrangeiros. Enquanto isto acontecia Lisboa, em Londres, Sebastião Carvalho e Melo, era iniciado pelo príncipe de Gales, Frederico Luís, e admitido na Society Royal. Quando chegou ao poder, proibiu a repressão à maçonaria e esta rapidamente expandiu-se pelo país. A situação mudou quando Marques de Pombal, em 1777, foi afastado do poder. Quem se afastou também foi a maçonaria em Portugal da sua obediência à GLI, aproximando-se da maçonaria francesa. No princípio do século XIX, estava divida entre a Inglaterra e a França, divisão que se agravou durante as invasões francesa (1807-1814).

A aparente carta de alforria deu-se em 1802 quando foi criado o Grande Oriente Lusitano (GOL), cujo primeiro grão-mestre foi um neto de Marques de Pombal. A ligação a Londres não se perdeu. Em 1810, numa Tavern foi constituída uma loja por exilados portugueses, a Lusitânia. Não seria a última, 1828, os exilados que foram para Plymouth fundaram também aí a loja Fidelidade nº14 do GOL. Por hoje terminamos, os arquivos existentes no **Freemamasons`s Hall** até ao presente são muito ricos.

Pubs. Para ganhar animo fui para outro pub muito próximo, o **Angel** (73 City Road, de 1798), onde um sujeito que emborcava uma Peroni ao ouvir a minha história, contou-me a sua. Quando leu de **Thomas Burke** (1886-1945) *The Sun in Splendor* (1926), um de seus muitos romances que girava em torno de um bar de Islington, leu também a observação do revisor do livro. O pub que Burke seria em **Camden Passage**, mas qual era o pub? o **Camden Head (**2 Camden Walk), cuja origem, remonta a 1792, refeito em 1899? É provável. Por cortesia prometemos ajudá-lo, uma trabalheira que pode acontecer a quem anda nestas deambulações por Londres.

Desportos. No final do século XVIII há uma descendente de portugueses que se destaca em Londres: **Daniel Mendonza** (1764-1836), campeão de boxe em Inglaterra entre 1792-1795. Foi o único peso médio a ganhar o campeonato de pesos pesados dada a forma como lutava. Criou a sua academia e escreveu um famoso livro: *A Arte do Boxe*, para além das suas memórias. É uma lenda.

Artes. A pintura e escultura produzida em Portugal não seduziu os museus londrinos. A iconografia católica não ajudava num país evangélico. O que foi dito não se aplica à ourivesaria, azulejos e mobiliário.

Coroa eclesiástica de imagem da Virgem Maria da Colecção Gilbert . Ouro e pedras preciosas.c.1750.Museu VA

A tradição de **joalharia** em Portugal foi muito influenciada no século XVI pelo Oriente de onde chegaram muitas pedras preciosas. Esta arte, desde o final do século XVII até princípios do século XIX conheceu um enorme desenvolvimento devido ao ouro que, em quantidade significativas, chegou do Brasil, assim como diamantes e outras gemas. Em

várias cidades do país, como Lisboa, Évora, Coimbra, Porto, Guimarães e Braga surgiram importantes oficinas de ourivesaria. O mesmo aconteceu no Brasil com a abertura de oficinas no Rio de Janeiro, Baia e Recife devido à migração de vários ourives. Não é pois de admirar que museus, como o Victoria and Albert Museum, possuam excelentes colecções de jóias portuguesas do século XVIII e XIX.

Painel de azulejos da Quinta Formosa, em Lisboa (c. 1720-1730). V&A Museum

A tradição da **arte azulejar** era antiga em Portugal, durante séculos marcada por uma forte influencia árabe. O gosto pelo revestimento interior e exterior de edificios impôs-se nos séculos XVI. No final do século XVII, grandes mestres como Gabriel del Bravo, abandonaram os azulejos policromos, adoptando apenas duas cores (azul e branco). Difundiu-se então o gosto por grandes painéis historiados, expressões icónicas desta arte em Portugal.

Menos conhecido é o fabrico português de **instrumentos musicais**. O violão inglês era um instrumento da moda por volta de 1750. O que reproduzimos foi fabricado em Portugal. A sua caixa de pinos é decorada com um camafeu de papel imitando um medalhão de jaspe, motivo popularizado por Josiah Wedgwood (1730-1795). Um rótulo no interior informa-nos que foi feito por Jaco Vieira da Silva de Lisboa, por volta de 1700 (Museu V&A). Ainda em Londres, no Royal College of Music pode ser vista a mais antiga guitarra do mundo. É portuguesa e foi construída em Lisboa, no ano de 1581, por Belchior

Dias. Era propriedade dos Medici de Florença, tendo sido adquirida num leilão no século XVIII por um britânico que a doou a este conservatório.

Bons Ares. O avanço da industrialização na segunde metade do século XVIII, provocaram um crescimento desordenado da cidade de Londres, repleta de bairros onde se amontoavam multidões vindas dos campos vivendo em condições insalubres. Neste cenário negro, Lisboa era o refugio ideal para tuberculosos, doentes de gota e muitas outras doenças. A comunidade inglesa não parou aqui de crescer, assim os que escreveram sobre a capital de Portugal e arredores. A religião católica era apontada como a causa do atraso do país.

De Londres para Lisboa quem o fez o percurso foi **Henry Fielding**, um dos fundadores do primeiro corpo policial de Londres (*The Bow Street Runners*), batendo-se para abolir os enforcamentos públicos. O seu irmão, John Fielding, sucedeu-lhe como magistrado de Londres, devido á sua habilidade para reconhecer os criminosos pela voz. Resta dizer que era cego. O trabalho de investigação policial era feito nos corredores do escritório Henry Fielding em Bow Street e no tribunal situado no número 4 da mesma rua. Nada disto seria aqui relevante, não fosse dois factos assinaláveis: o primeiro é a sua enorme produção literária, cuja maior obra a *História de Tom Jones (The History of Tom Jones, a Foundling,* 1749*)*, nos conta como uma criança abandonada chegou a ter uma grande fortuna. O narrador é pela primeira vez omnisciente. O segundo é o facto de ter falecido em Lisboa a 8 de Outubro de 1754, onde se encontra sepultado no cemitério dos ingleses. Faleceu vítima de gota, asma entre outras doenças. Lisboa e arredores era já na altura muito procurada pelos britânicos pelo seu clima ameno. Nesta última etapa da vida ainda escreveu *Journal of a Voyage to Lisbon*. Nesta obra póstuma, a bordo do Queen of Portugal com destino a Lisboa, em Junho de 1754, examina a decadência do seu corpo e a corrupção da sociedade inglesa, não deixando de evocar nesta viagem a figura de Catarina de Bragança.

Outra dois escritores ingleses que passaram por Lisboa foi a feminista **Mary Wollstonecraft** (1759-1797) que a refere no seu *romance Mary, A Fiction (1788), e na recessão critica ao relato de Arthur William Costigan (James Ferrier)- Sketches of Society and Manners in Portugal (1787), no periódico nova-iorquino The Analytical Review (1788), e* em *Vindications of the Rights of Women (1792).* Wollstonecraft veio a Lisboa, no Outono de 1785, para se encontrar com a sua amiga Fanny Blood, que viajara para Lisboa doente com tuberculose, para aqui se casar com um mercador irlandês e curar-se. Fanny acaba por morrer em Lisboa, assim como o seu filho prematuro.

Em Londres, desde final do século XVII, eram recorrentes personagens portuguesas no teatro e até cenas passadas em Lisboa, como *The Constant Couple* (1699) de George Farquhar, *The Recruiting Officer* (1706) de Alderman-Smuggler, *Marplot in Lisbon* (1710), *The Wonder* (1714) e *Woman Well Managed* (1715) de Susana Centlivre, cuja popularidade das peças só foi ultrapassada por William Shakespeare. *The Good-Natured Man* (1768) de Olivier Goldsmith, *The Brothers* (1769) e *The West Indian* (1771) de Richard Cumberland.

A morte de **D. Sebastião** subiu também aos palcos ingleses: *The Captive* (1769) de Isaac Biakerstaffe no Theatre Royal Haymarket e *Dom Sebastian, King of Portugal* (1689) de John Drydan no Theatre Royal of Drury . O drama de **Inês de Castro** subira à ao palco, no século XVII - "Agnes de Castro" (1688), uma peça de Aphra Behn. Provando o interesse do público londrino pelo drama, voltou a ser encenada em 1799, no Theatre Royal Haymarket. Mary Russel Mitford ainda em 1841, viu o seu drama (*Inez de Castro*) ser levado à cena no City of London Theatre.

O mesmo se passava nos **romances passadas no mar**, como *Robinson Crusoe* (1719) de Daniel Defoe ou *Aventuras de Gulliver* (1720) de Jonathan Swift, nos quais personagens ou locais portugueses são constantes. Não faltavam também relatos de viagens, em geral com imagens muito negativas do país, como o citado de Arthur William Costigan, *Travels Through Portugal and Spain, in 1772 and 1773 (1775)* de Richard Twiss ou *Travels Through Spain and Portugal in 1774 (1777)* de Wiilliam Dalrymple.

Entre os poetas ingleses, **Camões** tem um lugar de destaque. **William Lisle Bowles** (1762-1850) dedica-lhe um belo poema: *The Last Song of camoens*.

Quem também veio duas vezes a Portugal foi **William Withering** (1741-1799), celebre médico, botânico, quimico e geólogo inglês, quando sofreu de uma tuberculose pulmonar. No inverno 1793-4, fez inclusive um importante estudo sobre as águas termais das Caldas da Rainha, tendo-se tornado membro da Real Academia das Ciências de Lisboa.

Enjeitados. A morte de Fanny Blood em Lisboa comoveu-nos, e levou-nos a visitar **The Foundling Museum** (40 Brunswick Square, em Bloomsbory), onde se preserva o espólio do Hospital dos Enjeitados de Londres, fundado em 1739 por Thomas Coram (1668-1751), destinado a receber crianças em risco de abandono ou abandonadas. Foi lá que descobrimos uma preciosa moeda em cobre de cinco reis, onde foi gravado o nome de uma criança portuguesa e a data do seu nascimento. Moedas transformadas, medalhas e outros objectos identificavam as crianças que eram deixadas neste hospital. Desde a sua fundação esta instituição recebeu mais de 25 mil crianças.

Medicina. Mergulhamos numa dimensão sombria, onde a medicina salva vidas. Um dos que por lá andou foi John Hunter (1728-1793), um inovador cirurgião. Em 1760 foi

contratado como cirurgião do exercito e passou três anos em França e Portugal, durante os quais estudou novos tratamento para os ferimentos de balas e doenças venéreas. Foi neste período que começou então a sua enorme contribuição para a ciência, a colecta de animais para o estudo comparativo com o corpo humano. Um colecta que prossegui quando regressou a Inglaterra. O **Hunterian Museum** reune o seu vasto espólio e tudo o que lhe tem sido acrescentado. Mórbido? Para temperarmos as coisas voltamos ao **Wellcome Collection** para vermos uma cadeira de parto portuguesa do século XVIII. Demos também um salto ao **St. Bartholomew`s Hospital Museum** para a comparar com outra também portuguesa, datado do século XIX (RIHIN/405). Pela amostra parecem ter sido muito apreciadas em Inglaterra. Por aprofundar a temática fomos visitar o **The Old Operating Theatre** - **Museum & Herb Garret**, onde Bernardino Ramazzini (1633-1714) estudou as doenças profissionais dos médicos e parteiras, pedindo coragem na abordagem do problema e nas terapias. Não eram apenas os cheiros desagradáveis que podiam ser maléficos, os agradáveis também o poderiam ser. Os seus efeitos contagiosos poderiam estar ocultados com cheiros agradáveis às narinas. Costumava a este respeito referir uma anedota do médico português Gaspar de los Reyes Franco (século XVII), na qual um pescador que visitava a corte de D. Sebastião ficou tão impressionado com os perfumes ali utilizados (possivelmente para mascarar odores mais desagradáveis) que desmaiou e foi revivido ao ser carregado “para o mar e enrolado em algas e areia molhada, o que significa que, como uma porca que chafurda na lama, ele foi maravilhosamente restaurado”. Na verdade, é um remédio maravilhoso, mas provavelmente não é algo para se experimentar nas margens do Tâmisa. Não saímos de lá sem consultar propriedades medicinais das plantas usadas no antigo **St. Thomas`Hospital**, como o "Ipecacuanha" (psychotria/cephaelis Ipecacuanha), planta brasileira, divulgada pelos portugueses, cujo preparado servia para o paciente expelir veneno...

Radicais. Caledonian Park (Copenhagen House) é um dos nossos locais preferidos em Islington. Não resta nada do seu agitado passado. Em Abril de 1834 foi aqui realizada a última manifestação grandiosa pela libertação dos Martires de Tolpuddle que foram deportados para Austrália. Eram apenas seis trabalhadores rurais que secretamente haviam criado um sindicato (Trade Unions). A manifestação que reuniu mais de 10 mil pessoas contou com o apoio de Robert Owen. Em Islington, o nome Tolpuddle dá nome a uma das suas ruas. No final dos século XVIII, ocorreram neste local grandes comícios na luta contra a concentração da propriedade, as desigualdades sociais e a miséria. Dois dos mais célebres ocorreram a 26 de Outubro e 12 de Novembro de 1795, organizado por partidários das ideias da Revolução Francesa. Apelou-se a que fosse cercado o Parlamento e criada um nova organização social igualitária e solidária. Um movimento revolucionário impulsionado por a London Corresponding Society, e por pensadores como **Thomas Paine** (1737-1809), **William Godwin (**1756-1836) ou **Willian Blake** que sentiram-se não só atraídos pela revolução francesa, mas também procuraram construir a sua própria perspectiva de uma revolução social.

Um dos que viveu este período efervescente na Grã-Bretanha e grande admirador da revolução francesa foi **Francisco Solano Constâncio** (1777-1846). Foi para Londres em 1791, como bolseiro, para aí se formar em medicina. Descontente com o ensino que encontrou, em 1794, mudou-se para Edimburgo e ali permaneceu até 1797, participando ativamente nos debates políticos em curso. Foi nesta altura que entrou em contacto com as ideias de **William Godwin**, autor *An Enquiry Concerning Political Justice and its Influence on General Virtue and Happiness* (1796) e **Mary Wollstonecraft** celebrada

autora de *Vindications of the Rights of Women*, ambos pais de **Mary Shelley**, autora do romance *Frankestein (1818)*.

Na vasta obra de Solano Constâncio, entre 1819 e 1821 debruçou-se sobre a “economia política”, a que viria mais tarde a denominar “ciência social” traduzindo para francês três importantes obras de autores ingleses: **David Ricardo** - *Des Principes de l`Economie Politique et de l`Impôt* (1819); **Thomas R. Malthus** - *Principes d`Economie politique considerés sous le rapport de leur application pratique* (1820); **William Godwin,** *Recherches sur la population, et sur la faculté d'accroissement de l'espèce humaine, contenant une réfutation des doctrines de M. Malthus sur cette matière de (1821*). Não se tratou de um simples trabalho de tradutor, à semelhança de outros "estrangeirados", estas obras faziam parte de um claro programa político. Apoiado em Godwin, Solano Constâncio, combateu a concepção de sociedade de Malthus assente na desigualdade social entre ricos e pobres. Sobre a obra de Godwin publicou em português uma extensa recensão, um marco na difusão das ideias anarquistas em Portugal. David Ricard, como é sabido, era de origem portuguesa. Outro português, Baeta, estudante de medicina, escreveu em português a biografia de **Mary Wollstonecraft.**

Antes de prosseguimos, perto de Islington fomos visitar a campa de Godwin e Mary Wollstonecraft, no cemitério junto da **St. Pancras Old Church** (Pancras Road). Segundo a tradição terá sido junto a este túmulo que a autora do *Frankestein* se encontrou secretamente, em 1814, com Percy Bysshe Shelley e planearam a sua fuga. Shelley era casado. *Frankestein* demostrada uma das teses de Godwin, como um pessoa boa ao ser excluída na sociedade, pode transformar-se num monstro. Mary Shelley dedicou a obra a pai.

Pubs. Ao passar os olhos pelo caderno de viagens reparei que tinha anotado: "Visitar: **Old Red Lion Pub**, cuja fundação remonta a 1415 quando Islington era uma vila rural. No século XVIII, quando a estrada era alvo de bandos de assaltantes, o pub foi retratado por William Hogardh ("*Evening*"). Foi frequentado por Samuel Johnson e Thomas Paine que, no seu pátio, diz-se que escreveu *The Rights of Man*. O edifício actual data de 1899." Apesar da sua longa história a sua decadência é confrangedora. Há que mudar de rumo e de paragens.

8. Londres no final do século do século XVIII contava com cerca de um milhão de pessoas. Em 1850 ultrapassava os 2, 5 milhões e no final do século XIX atingia os 6, 5 milhões. Era a maior cidade do mundo e o centro da economia mundial. Um posição que manterá até ao início da primeira guerra mundial (1914). O melhor reflexo deste domínio era facilmente observado no crescimento das suas docas londrinas, como a Doca da West India Dock Company (1802), a East India Doks (1806), a Doca de St Kathatine (1818), a Victoria and Albert Docks (1855) ou a as Mildwall Dock (1868). A crescente pressão demográfica agravou os problemas da circulação de pessoas e mercadorias, obrigando a importantes obras, como o túnel de Brunel (1806-1859) sob o Tamisa ligando Rotherhithe e Wapping, a Ponte de Londres (1825-1831), redes de comboios e de metro. Obras de engenharia que causavam admiração pela dimensão do investimentos realizados.

Pubs. Ainda mal começamos a deambular é já a sugerir uma paragem no Town Of Ramsgate (62 Wapping High). Faça o percurso a pé até à docas.

A ligação histórica de Portugal a Inglaterra arrastou o país para guerra, com a França e a Espanha. A seguir à revolução de 1789, foram assinados vários tratados. Com a Espanha, uma convenção, a 15 de Julho de 1793, para mútuo auxílio na luta contra os franceses, uma convenção semelhante foi celebrada com Inglaterra, a 26 de Setembro do mesmo ano. Neste contexto, seguiu-se a intervenção do apoio à Espanha (Campanha do Roussilhão, 1793-95). Em Setembro de 1793, zarpavam do rio Tejo, catorze navios, acompanhados por uma esquadra de quatro naus que os escoltava, 6.000 homens, sob o comando do general John Forbes of Skellater. A Espanha acabou por assinar unilateralmente a paz com a França, deixando sozinho Portugal no conflito. Aproveitando a debilidade em que ficou o exercito português, em 1801, escudada no apoio prestado pelos franceses invadiu Portugal (Guerra das Laranjas), e apossou-se de Olivença.

Foi então a vez da França avançar. Napoleão exigiu que Portugal fechasse os portos ao seu aliado britânico, o que era uma manifesta impossibilidade. Em 1807 tropas francesas e espanholas invadiram Portugal, obrigando a família real a mudar-se para o Brasil, acompanhada de 15 mil pessoas (nobres, funcionários, comerciantes, etc). Em Julho de 1808, uma força militar inglesa comandada por Wellington (Arthur Wellesley). desembarca em Portugal para combater os franceses, e derrota-os. Voltou em Abril de 1809, e avançou pela Espanha numa operação mal sucedida. Regressou a Portugal em 1811 para de novo iniciar um avanço militar que o levará a França. Em Portugal foram-lhe dados vários títulos e oferecida a célebre Baixela do General Wellington. Desenho do pintor régio Domingos António Sequeira. Este magnifico conjunto está em exposição permanente em **Apsley House,** a residência dos Duques de Wellington em Londres. Foi usada no célebre banquete de Waterloo

Para dar continuidade a esta história voltamos a Islington, onde um nome causa alguma perplexidade: **Almeida Theatre**. A sua história remonta a 1837 quando aqui foi criada a *Literary and Scientific Society*, com uma biblioteca e um auditório. Em 1874 o edifício foi adquirido por o Wellington Club. O *Salvation Army* comprou-o em 1890, dando-lhe o nome de Wellington Castle Barracks. Abreviando, foram tantas as mudanças que sofreu que na última, em 1972, foi transformando num teatro. Quanto ao nome Almeida Theatre, continua a ser uma evocação a Wellington. O antigo da rua era justamente Wellington Street , o qual foi dado a um arruamento mais central da cidade. O nome actual - Almeida Street - recordada a célebre batalha de Almeida em Portugal. O cerco de praça Militar de

Almeida, entre 7 de Abril e 10 de Maio de 1811, a última grande operação militar contra os franceses na terceira invasão do país. Wellington, numa arriscada manobra cercou Almeida, e foi derrotá-los em Fuentes de Oñoro, estes iniciaram uma fuga precipitada da fortaleza.

Muito próximo de Almeida Theatre estão a **Napier Terrace e Waterloo Terrace**. Antes de avançarmos, em mais uma deambulação, seja prestada a devida homenagem a Sir **Charles John Napier** que serviu em Portugal às ordens de Wellington, assim como três dos seus primos, mas não só. Em 1833 comandou a esquadra naval dos liberais que derrotou na Batalha do Cabo de São Vicente a esquadra miguelista que defendia o regresso a um monarquia absoluta.

Não convém exagerar nesta "amizade inglesa", pois temos o exemplos da Convenção de Sintra (Convention of Cintra, 1808) entre a Inglaterra e a França. O exercito francês, derrotado em diversas batalhas, obteve a garantia de pode sair do país, em segurança, levando tudo o que havia pilhado. O exercito luso-britânico evitava a continuação de combates e assegurava à Inglaterra o controlo de Portugal.

Exilados. Durante as invasões francesas ocorreu a primeira vaga de portugueses que fugiram para Inglaterra, fixando-se sobretudo em Londres e arredores. Entre 1808 e 1822, estão bem identificados os principais locais de encontro dos exilados portugueses e dos que por lá andavam, políticos, funcionários da corte, negociantes, médicos, jornalistas entre outros: a ***City of London Tavern*** (1-3, Bihopsgate Stree); a embaixada de Portugal em Whitechapel (centro da comunidade judaica de Londres no século XIX e início do século XX); o *Theatre Royal of Drury Lane;* a Loja Maçonica (Freemamasons`s Hall), o Salão da poetisa Leonor de Almeida (condessa de Oyenhausen e futura marquesa de Alorna, implicada no assassinato em 1806 do general frances Henri Forestier); a Casa do Negociante José Carvalho e a Holland House, só para citar os mais conhecidos.

No City of London Tavern funcionava desde 1810 um clube português, organizado segundo um modelo britânico, para defender os interesses dos comerciantes portugueses muito prejudicados com o Tratado Luso-Britânico de 1810. Na sua maioria eram defensores de um regime constitucional face ao absolutismo. Neste sentido, na reunião de dia 4 de Junho de 1821, votarem um Memorial congratulatório ao Augusto Congresso

das Cortes Gerais, Extraordinárias, e Constituintes da Nação Portuguesa; e outro à Majestade do Senhor Rey D. João VI (*O Campeão*, 1821, V. IV: 248).

A presença de uma forte comunidade portuguesa neste período, permitiu a criação em Londres de uma dinâmica imprensa depois difundida em Portugal e no Brasil através de barcos ingleses, evitando deste modo a censura. Neste período destacaram-se *O Correio Braziliense ou Armazém Literário* (1808-1822); *O Campeão portuguez ou amigo do rei e do povo* (1819-1821); *O Espelho Politico e Moral* (1813-1814); *O Portuguez ou Mercurio Politico, commercial e litterario* (1814-1822); *O Investigador Portuguez em Inglaterra ou Jornal Literário, Politico* (1811-1819) ou *O Padre Amaro ou Sovela Politica e Literaria* (1820-1828). O governo português financiava uns jornais e os comerciantes outros.

O Clube Português demonstra que as Tavernas (pubs) eram também locais de debates políticos e produção da "opinião pública", uma função que não era exclusiva dos cafés.

A segunda vaga de exilados ocorreu nas lutas entre Liberais e Absolutistas. Em meados de 1828 chegaram aos portos de Falmouth, Portsmouth e Plymouth mais de 2 mil refugiados liberais de todas as classes sociais. Na cidade de Plymouth amontoaram-se em barracões, denominados "Depósito Geral", situação que se prolongou até 1832 quando foram dispersados. Nem todos os que chegaram a Plymouth, como Alexandre Herculano, ficaram nos barracões. **Almeida Garrett,** em 1828, assim que chegou no Theatre Royal de Plymouth levou à cena a peça *Catão* para os exilados. Mudou-se depois para Londres, onde ficou alojado comodamente no nº.13, Oxendum St. Haymarket, muito perto de Piccadilly. Frequentou igualmente a cosmopolita Holland House. Um exílio que lhe permitiu contactar com a literatura romântica.

Holland House. O "Jardim Português" de Holland House foi criado entre 1802 e 1812 pelo poeta italiano Serafino Bonaiuti, rebatizado em 1834 como "Jardim Holandês", representa um marco das ligações do terceiro Lord Holland (Henry Richard Fox, sobrinho do magnata *whig* Charles James Fox) e sua da esposa (Elizabeth Vassall) com Portugal. Visitou o país vindo de Espanha, em 1804-1805 e em 1808-1809, e terá ficado encantado com a sua beleza apesar da pobreza. As suas relações com Portugal foram muito amplas. Desde 1806 insistia junto do governo português que devia acabar com o tráfico de escravos, e no entanto, a sua principal fonte de rendimento provinha justamente do trabalho de escravos na produção de açúcar na Jamaica.

Desde 11 de Fevereiro de 1802 a 1 de Julho de 1838, duas dezenas de portugueses passaram por Holland House, incluindo Almeida Garrett. O Duque de Palmela (embaixador em Londres 1812, 1815-1820, 1825), amigo pessoal do Lord Holland era um visita frequente, chegando ali a residir. Apoiante da causa liberal em Portugal, Lord Holland, opôs-se ao apoio que Wellington pretendia dar a D. Miguel. Após a renúncia de Welington do governo (16 de Novembro de 1830), Holland House torna-se no centro da causa liberal em Portugal. Foi aqui planeada a expedição de D. Pedro IV aos Açores e da dali para o Mindelo, nos arredores do Porto. A tomada de Lisboa, a 24 de Julho de 1833, pelos liberais foi aqui saudada com grande entusiasmo. Holland House foi bombardeada pela aviação alemã, a 28 de Setembro de 1940, o que dela resta é pouco, mas os seus jardins (públicos) são dos mais belos de Londres.

Pubs. Há que fazer uma pausa. Até ao pub The Churchill Arms (119 Kensington Church Street) é um pulo é vale mesmo a pena.

Embaixada. Portugal, segundo a historiografia inglesa depois das 1807 tornou-se num protectorado da Inglaterra, cujo comando do exercito foi confiado a William Carr Beresford de 1809 a 1820. Beresford teve um papel importante na transformação do exército português, de desorganizado e desmotivado tornou-se num dos mais eficientes na Europa. Dado o poder que acumulou foi visto como uma séria ameaçada à independência de Portugal. A revolução de 1820 em Portugal procurou, como é sabido, romper com este domínio.

A embaixada estava então instalada em **Whitechapel**, muito próximo da zona que sofreu no século XIX, uma profunda transformação devido à expansão do porto. Era também o principal centro da comunidade judaica de Londres no século XIX e início do século XX. Sobrepovoada tornou-se um foco de doenças, criminalidade e de agitação social. Fosse pelo que fosse, a embaixada mudou de instalações. Em 1825 (c.), George Basevi projectou o actual edifício em **Belgrave Square**.

Os embaixadores portugueses, recrutados na aristocracia, estavam longe de primar pela competência, nas negociações com a Inglaterra. O Conde de Palmela, talvez o melhor embaixador, submeteu-se à vontade de Wellington na questão de Olivença. A guerra de 1807-1814 devastou a industria industria que na segunda metade do século XVIII se promovera. A guerra civil que lhe sucedeu, entre 1828 a 1834, aprofundou a devastação. A Inglaterra, como a grande potência mundial, soube aproveitar habilmente dos problemas que o país atravessava para consolidar o seu domínio económico, controlando ao longo do século XIX recursos e áreas estratégicas no país: finanças, vinhos, minérios (Minas de S. Domingos), cortiça, cerâmica, transportes, comunicações, etc. A família real e os embaixadores de Portugal em Londres, foram acusados de uma enorme subserviência em relação aos interesses ingleses, conduzindo à queda do regime monarquico.

Buckinghan Palace. Construído em 1703, sofreu profundas modificações até que em 1837 se tornou na residência oficial da monarcas ingleses, com a rainha Vitória. Aí se encontra uma vasta colecção de testemunhos das relações entre os dois países. Não faltam nos palácios reais britânicos retratos de reis e rainhas de Portugal. Fizemos em Buckinghan Palace uma pequena selecção de pinturas: **D. Sebastião** (Cristovão Morais, 1565), **Catarina de Bragança** (Jacob Huysmans, 1664), **D. João VI** (Giuseppe Troni, 1785?), **D. Pedro IV** (John Simpson, 1834), **D. Maria II** (Thomas Lawrence, 1829), Maria II (William Corden the Younger, 1850), **Principe D. Fernando** (Ferdinand Krumbhoolz, 1845), **D, Pedro V** (Franz Xaver Winterhalter, 1854), aguarela do casamento de D. Esfefania com Pedro V (1858) e **D. Luis** (Franz Xaver Winterhalter, 1854).

A profusão de imagens da família real portuguesa não deixa de ser surpreendente. Há todavia um monarca que se destaca: **D. Pedro V**. Em 1853 subiu ao trono com apenas 16 anos, por morte da sua mãe D. Maria II, tendo ficado como regente do reino o seu pai. Em 1854 fez uma Grand Tour por toda a Europa. A 3 de Junho de 1854, entrava no Palácio de Buckingham acompanhado do seu irmão Luis. Esperava-os o seu tio Albert, casado com a rainha Victória. A visita terminou a 3 de Julho, tendo-se reforçado a ligação afectiva entre o sobrinho e o tio. A pedido de Albert, a rainha Victória conseguiu que se voltassem a encontrar no dia 3 de Setembro, em Orborne, quando Pedro e o irmão regressavam de uma visita ao Imperador Napoleão III em Boulogne. Voltaram a encontrar-se em Agosto de 1855. Albert encaravam-no como um filho, o que poderá explicar a profusão de retratos dele existentes em Palácio de Buckingham. Foi nomeado cavaleiro da Jarreteira, cujo emblema encontra-se na capela St. George, em Windsor. A

visita a Londres provocou-lhe um problema: a cidade não o encantou. Era demasiado barulhenta e coberta de fumo. No entanto, os caminhos de ferro, os portos, a industria britânico fascinaram-no ao ponto, de não suportar o atraso nestes domínios de Portugal, mas também da educação da população. Tornou-se pessimista e demasiado interventivo na vida política. Em Outubro de 1856, inaugurava, com grande pompa, os primeiros quilómetros de via férrea em Portugal, entre Lisboa ao Carregado. Em 1855, foi responsável pela introdução do Telégrafo em Portugal, um país pioneiro na instalação da telegrafia. Criou em 1859 o Curso Superior de Letras, tendo assistido às aulas de Rebelo da Silva. A esposa faleceu em 1859 com 22 anos, e ele em 1861 com 25 anos.

Entre as muitas pinturas, desenhos, gravuras, fotografias e objectos relacionados com Portugal, destacamos uma aguarela da exibição de Portugal e Espanha no Palácio de Cristal de Joseph Paxton em Hyde Park em 1851 (Joseph Nash). A qualidade desta spinturas está longe de ser excelente.

Abolição da Escravatura. Estamos à porta de Exeter Hall, um soberbo edifício construído entre 1829 e 1831. Foi aqui que a no século XIX se realizaram enormes comícios pela abolição da escravatura, ao ponto de Exeter Hall ser um do seus sinónimos. A Grã-Bretanha era no século XVIII, a nação que mais lucrara com o comércio de escravos, criou verdadeiros potentados como a parceria **Camden, Calvert and Kings**, a maior empresa negreira de Londres. Nada disto impediu de aqui ter nascido um movimento abolicionista. A 17 de Junho de 1783, entrou no Parlamento uma petição para abolir o tráfego e foi rejeitada, mas não morreu. Muitas razões eram na altura advogadas para o fim do tráfico: morais, económicas (era preciso mão de obra nas colónias) e produtivas (o trabalhador livre era mais rentável que o escravo). Parte destes argumentos já tinham levado Marques de Pombal, em 1761 a promulgar legislação para proibir de forma gradual o trabalho escravo em Portugal continental. Em 1773 estendeu esta proibição aos Açores e Madeira. As colónias ficavam obviamente de fora desta proibição.

Em 1787 era fundada em Londres a *Society for the Abolition of the Slave Trade*. A revolução francesa de 1789, com a declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1791 deu um forte impulso a esta causa. Após um longo debate, a Inglaterra aprovou em 1807, o *Slave Trade Act*, proibindo o tráfico com navios ingleses e a entrada de escravos nas suas possessões. No Tratado da Amizade que em 1810 celebrou com Portugal, obrigava o país a comprometer-se a acabar com o mesmo nos seu territórios africanos. A Inglaterra assumia assim a missão de policiar o mundo na defesa de valores humanistas. Era de facto algo de novo nas relações internacionais.

Não era fácil com a escravatura, tendo em conta que as grandes fortunas inglesas, como a de Lord Holland, assentavam no trabalho de escravos nas colónias. A pressão da opinião pública e as revoltas dos escravos jogaram aqui um papel decisivo. Em 1811 a Marinha inglesa passou a aprisionar navios portugueses envolvidos no tráfico. No novo Tratado a 22 de Janeiro de 1815, Portugal comprometia-se a acabar de imediato com o tráfico a norte do Equador, mantendo todavia livres os carregamentos para o Brasil. Em 1817 era criada uma comissão mista para julgar, sem apelo, os navios negreiros. A comunidade portuguesa no Brasil, muito envolvida no tráfico, depois da sua independência em 1822, sentiu-se abandonada. Em Londres, o movimento abolicionista reforçou a sua força, com a criação da *Anti-Slave Society* (1823) e outras organizações congéneres que surgiram nos EUA e em França. A pressão aumenta, e em 1838 foi declarado que o trafico seria completamente abolido em ambos os países, mas na pratica continuou apesar da repressão. A 3 de Julho de 1843, é assinado um novo tratado com

idêntico propósito, cujos resultados foram mais eficazes. O passo seguinte foi abolir o trabalho escravo nas colónias nos dois países, o que se tornou bastante dificil. A legislação promulgada em 1854, com sucessivos remendos manteve-o legalmente até 1878. O trabalho de escravo persistiu, mas agora agora sob a cobertura legal de um contrato.

Nos arquivos da Wellcome Collection destacamos duas gravuras sobre o tráfico de escravos nas colónias portuguesas, uma em Moçambique (Tete) e outra em Angola (Bié).

Escravos do negreiro Coimbra, um mulato da região do Bié. Ilustração para o livro "O Mundo, suas Cidades e Povos/The World its Cities and Peoples", de Edwin Hopper (Cassell, c.1890).

Gravura em madeira de J. W. Whymper, segundo Johann Baptist Zwecker (1814-1878), datada de 1865, para a obra: "Narrativa de uma expedição ao Zambeze e seus afluentes, e da descoberta dos lagos Shirwa e Nyassa, 1858-1864" (1865) de David e Charles Livingstone. Homens, mulheres e crianças escravas perto de Tete, Moçambique. Livingstone foi o mais famoso dos missionários britânicos, esteve envolvido na abolição da escravatura no sul e leste de África, enfrentando grande resistência dos boeres e dos portugueses. Explorou o interior da África Austral, em busca da mítica foz do Nilo. É acusado de se ter servido de grande número de escravos, e de cúmplice do massacre de africanos. A sua esposa, Mary Moffat Livingstone, faleceu de malária em 1862 e foi sepultada em Chupanga, Moçambique.

A produção de cacau em São Tomé e Principe, o maior centro produtor mundial, abriu outro conflito entre os dois países, com a Inglaterra a denunciar que a produção era feita com recurso a mão de obra escrava. Os portugueses argumentavam que o objectivo destas denúncias era a transferência da produção do cacau para as colónias inglesas do Gana e Costa do Marfim, o que veio a acontecer. A **Fortnum & Mason** continua a vender trufas de chocolate feitas com cacau produzido nesta antiga colónia portuguesa.

Colónias. Desde o século XVII que a Inglaterra procurava conquistar os territórios ocupados por Portugal, e que desguarnecidos depois de 1580. No século XIX o confronto ainda prosseguia, mas estava sobretudo centrado em África. Depois da Independência do Brasil (1822), os portugueses avançaram para o interior do continente africano procurando consolidar os seus domínios. O primeiro conflito surgiu em **1870**, quando a Inglaterra reclamou a **ilha de Bolama na Guiné**. O conflito arbitrado pelo presidente dos EUA Ulysses Grant deu razão a Portugal. Nova disputa em **1875**, quando a Inglaterra pretendeu ocupar a Baia de Lourenço Marques (Delagoa Bay), o conflito foi desta vez arbitrado pelo presidente francês MacMahon que deu razão aos argumentos de Portugal. O principal conflito ocorreu quando Portugal projectou unir Angola a Moçambique tendo organizado para o efeito várias expedições. A Inglaterra tinha os seus próprios planos para este continente, desejava unir o Egito à cidade do Cabo. Em **1890**, o primeiro ministro inglês recusou a pretensão de Portugal e desencadeou uma revolta no país. A Inglaterra, em segredo iniciou conversações com a Alemanha para dividirem entre si o território de Moçambique e Angola. Os republicanos aproveitam a onda de contestação que alastrou no país, e acusam a família real de estar ao serviço dos ingleses, o regime monárquico tinha os dias contados. A casa de Robert Gascoyne Cecil, 3º. Marques de Salisbury, para que conste fica em Fitzroy Square. Para a história ficaram também dois livros, muito irados contra a arrogância de uma potencia hegemónica no mundo e os acontecimento do ultimatum inglês: *John Bull; Depoimento de uma testemunha acerca de*

*alguns aspectos da vida e da civilização Inglesa (*1887), Ramalho Ortigão; *A Inglaterra de Hoje* (1893) de Oliveira Martins. Ambos descrevem viagens a Londres.

Na Ásia, os enclaves portugueses (Goa, Damão e Diu) estavam cercados por domínios britânicos. Os conflitos alfandegários foram a custo resolvidos (1878), assim como a construção de uma linha de comboio Murmujão em Goa para o interior da India, e que se revelou um desastre financeiro. Apesar deles, o principe Albert Edward (futuro Eduardo VII) foi recebido em festa quando regressou da sua viagem ao subcontinente Indiano, onde fora afirmar o domínio britânico. Em Lisboa ficou hospedado no Palácio de Belém em Lisboa, durante uma semana (maio de 1876). Uma aguarela no Palácio de Buckinghan Palace mostra a galera real, com oito remadores, em que o principe britânico e D. Luis I, viajaram até ao arsenal da marinha (aguarela de Sydney Priori Halll).

Barings Bank. A ligação de Portugal a Inglaterra traduziu-se também numa dependência bancária. O Barings Bank (Bishopsgate Street) foi o principal financiador do Estado Português. John Baring, fez fortuna com o comércio da lã, a importação de vinho e peixe seco de Portugal, entre outros negócios. Os seus filhos John e Francis, em 1763, fundaram em Londres uma casa bancária destinada ao financiamento do comercio externo e investimentos, em particular no comércio de escravos. Em 1793 a coroa portuguesa começou a negociar o seu primeiro empréstimo, dando como garantia igual valor em brilhantes do Brasil, pela consignação da receita do imposto sobre o rapé e, no caso de estas garantias não serem válidas, pela promessa de «hipoteca» sobre Moçambique. O empréstimo só se concretizou em 1802. Este banco chegou a ser considerado no século XIX, como a sexta grande potência europeia. Esteve envolvido na venda, em 1803, aos EUA da Louisiana por parte da França, ajudando desta forma a continuação da guerra por parte de Napoleão. Refinanciou o Banco da Inglaterra em 1839 e a reconstituição do Banco da França (Banque de France) em 1849. Em 1848, após a Guerra do México, organizou e financiou a compra do estado do Texas pelo governo dos Estados Unidos, agindo como um mediador junto às autoridades mexicanas. Durante a Guerra Civil Americana, entre os anos de 1861 e 1865, subscreveu a compra do Alasca da Rússia pelo governo dos EUA. Um negócio ruinoso na Argentina gerou uma crise mundial, obrigando em 1890 ao resgate da falência o Banco de Inglaterra, e em 1991 a uma parcial bancarrota de Portugal ! Uma crise financeira que degenerou numa crise económica, levando à estagnação económica do país durante décadas. O padrão-ouro adoptado em 1854, por influência da Grã-Bretanha, e que permitira o lançamento de grande obras públicas, teve que ser então abandonado. Num ambiente de grande desconfiança, o pagamento das despesas dentro do país foram forçadas a usar notas de valor fictício. Os credores externos recusaram-no, queriam ouro, o que retraiu os investimentos e conduziu à bancarrota parcial em 1892. Faliu em 1995, num movimento especulativo na Ásia, por um dos seus operadores.

Cinco banqueiros londrinos receberam títulos portugueses no século XIX, por organizarem empréstimos internacionais: Isaac Goldsmid, judeu nascido em Londres, nomeado Barão de Goldsmid em 1845, pela participação nas disputas entre Portugal e o Brasil; Dennis Samuel, nomeado por D. Pedro V, em 1855, Barão Diniz de Samuel. Era também comendador da Ordem Nª. Srª. da Conceição de Vila Viçosa; Herman Stern nomeado em 1864 Barão Stern e o seu irmão David Stern, em 1870, Visconde Stern; e finalmente Henry Louis Bishoffsheim, judeu de origem alemã, nomeado em 1873, Visconde Bishoffsheim.

Strawberry Hill. Uma casa neogótica, construída em 1790, por Horace Walpole. Atingiu grande esplendor quando em 1883 foi adquirida por Herbert Stern (1851-1919), 1º. Barão de Michelham. D. Luis, rei de Portugal, nomeou o pai, em 1864, barão de Stern. Fazia parte de uma familia de banqueiros judeus europeus, com raizes portuguesas. Era um dos homem mais rico da Inglaterra.

Dinosssauros. O **Natural History Museum** de Londres é assombroso por muitos motivos, a sua arquitectura, as mais de 80 milhões de espécies que conta a história da vida na terra, mas igualmente pelo seus dinossauros. Foi o britânico - Richard Owen (1804-1892) que, em 1842, cunhou o termo Dinosauria, para nomear espécies de animais distintas das que existem. Foi também outro seu conterrâneo Daniel Sharpe (1806-1856), comerciante, que por volta de 1830 faria crescer a paleontologia portuguesa. Foi neste museu que soubemos que em Portugal existiam vestígios de quatro espécies: Allosaurus, Brachiosaurus, Ceratosaurus e os Dacentrurus. O primeiro, carnívoro, com 12 metros de comprimento que também existiu nos EUA. O segundo, herbívoro, com 30 metros, deixou rastos de si também na Argélia, Tanzância e EUA. O terceiro, carnívero, com 6 metros existiu nos EUA. O último, herbívoro, com 6 metros, é o único que foram encontrados vestígios da sua presença no território da Grã-Bretanha e França. Esta informação é todavia muito incompleta. Foram encontrados em Portugal até ao momento mais de 20 géneros diferentes de dinossauros, incluindo os seus principais grupos: Terópodes, Saurópodes e os Ornitísquios. Os achados prosseguem, sobretudo na região Oeste.

Neolitico. A "Idade da Pedra", provocou outro grande sobressalto na historiografia em meados do século XIX. Os museus londrinos guardam testemunhos encontrados em Portugal. A cerca de uma hora de distância, em passos ligeiros, dei um salto ao **British Museum**, outro mundo a descobrir. Por estranho que pareça, numa das visitas, o que me fascinou foram as suas colecções de pedras do neolitico. Uma delas chamou-me particularmente à atenção. Foi encontrada em Vendas Novas por Henry Moelhausen, engenheiro de profissão. Fazia parte de seis artefactos do neolítico/bronze que doou ao museu. Foram achados em 1862, aos quais acrescentou a seguinte nota: "Todos encontrados por trabalhadores na construção da ferrovia Sudeste entre Vendas-Novas e Beja em Portugal, província do Alentejo. Foram encontrados a cerca de 12 pés de profundidade numa colina. No topo da colina havia cerca de 6 ou 8 pedras muito grandes". De repente, para esclarecer estes achado tivemos que recuar ao século XIX e à enorme polémica gerada em torno da concessão a uma companhia inglesa: a South-Easter Line, fundada em 1836, para explorar as ligações ferroviárias no sudoeste de Inglaterra. A concessão foi celebrada 8 de Julho de 1859 em nome da então constituída South Eastern of Portugal Railway Company que concluiu as ligações de Vendas Novas até Évora (1863) e Beja (1864). O que então estava em discussão não era a concessão, mas a bitola das linhas. A companhia inglesa instalou uma bitola europeia (1,44 m), contrariando a bitola adoptada em Espanha (1,67m), uma bitola que acabou por dificultar as ligações ferroviárias dos dois países à Europa. Um entrave, por incrível que possa parecer, continua actual. Vale a pena ir até **Tooley Street**, perto da estação London Bridge, onde se encontra a antiga sede da companhia.

Xorca, encontrada na Serra de Sintra, in British Museum

À procura destes mais achados vindos de Portugal deparamo-nos com uma pedra polida que pertenceu ao Rev. William Greenwell. Não tem a indicação do local onde foi encontrada. Estava longe de ser um simples antiquário, distinguiu-se como arqueólogo do neolítico britânico. Entre outras escavações que realizou, estudou o complexo de mineração de silex neolítico de **Grime`s Graves**, em Norfolk, cuja grande actividade na produção de **pedras polidas** ocorreu entre c. 2.600 e c. 2300 a.C. Outra das suas importantes pesquisas foram os **Drums of Folkton** (tambores), que constituem os três artefactos mais decorados do neolitico britânico. O seu significado constitui um mistério, como mistério é a existência desta pedras polida no seu espólio. É pena que não dela tenha deixado nenhuma anotação, o mesmo acontece a outras pedras polidas provenientes de achados em Portugal.

Sem mistério algum sobre o local onde foi encontrada é uma xorca, espécie de colar em ouro, recolhido em Penha Verde, na Serra de Sintra, e que está em exposição permanente no British Museum.

Pubs. Sempre que termino uma delambulação no British Museum e, o mesmo encerra as portas, impõe-se como obrigação desfrutar uma beer (cerveja) no **Museum Tavern** (49 Geat Russel st) que lhe fica mesmo em frente. Diz-se que abriu em 1723, como o nome Dog and Duck (Cão e Pato). Quando o museu foi inaugurado em 1759, adoptou o nome actual. Foi frequentado por ilustres personagens , como Karl Marx, JB Priestley ou Arthur Conan Doyle que o refere na *The Adventure of the Blue Carbuncle* (1892), uma das suas 56 histórias de Sherlock Holmes. O mistério, como lerá, está no pato. Distinguir a "tavern" de um "pub" é uma tarefa ontológica complicada. Dizem os entendidos que as Taverns serviam bebidas e comida, como o Museu Tavern, enquanto os pubs davam primazia às bebidas, muitos em exclusivo. Estou em crer que a maior das diferença estava no ambiente. O pub barulhento, subversivo. Se não está agradado com o ambiente experimente o **The Lamb** (94 Lamb's Conduit Street).

Veleiros. Estamos há muito tempo sem falar do mar, onde os dois países se sucederam em diversas ocasiões. O mais famoso veleiro inglês - **Cutty Sark** - é disso prova. Grande parte da sua vida activa navegou com bandeira portuguesa. Lançado à água em 1869,

para efectuar a chamada rota do Chá (entre a Inglaterra e a China) foi adquirido em 1895 pela empresa portuguesa (Joaquim Antunes Ferreira & Cª) passando a chamar-se Ferreira, sendo utilizado como navio de transportes de mercadorias, sobretudo entre Portugal e as suas colónias. Em 1922 foi vendido a outro armador português que o registou com o nome Maria do Amparo, após ter sido completamente reparado foi adquirido por armador um inglês. No ano de 1938 foi oferecido ao Thames Nautical Training College, terminando em 1954 fundeado Greenwich. É desde 1957 uma das principais atracções de Londres. Em Maio de 2007, quando se procedia ao seu restauro, sofreu um incêndio que praticamente o destruiu.

O **Thermopylae** não teve a mesma sorte que o Cutty Sark, que até virou uma marca de whisky. Era considerado o clipper mais veloz do mundo. Construído em 1868 nos estaleiros de Aberdeen andou na rota do chá, carregou lã de Sydney, madeira do Canadá até que em 1895 foi vendido ao governo português que o renomeou Pedro Nunes, para servir navio de treino. Em 1907 foi afundado na foz do Tejo por tropedos Whitehead.

Thermopylae (clipper), pintura, 1868 (?), National Maritime Museum

Artes, Ao contrário da pintura e escultura, a poesia portuguesa terá sido mais apreciada pelos ingleses, embora Lord Byron, nos quatro dias que passou em Sintra, em Julho de 1809, onde escreveu parte do seu *Child Harold Pilgrimage*, desdenhe da sensibilidade do povo. **Elizabeth Barrett Browning** (1806-1861) não comungou desta posição quando escreveu *Sonetos da Portuguesa (Sonnets from the Portuguese, 1849)*. O título do livro deve-se não só por ser grande admiradora de Camões, mas também porque quis fazer uma referência ao amor de perdição de Mariana Alcoforado por um cavaleiro francês (*Letras Portuguesas*, 1669), ao ponto do seu marido a tratar por "a pequena portuguesa" . São dos mais populares sonetos da língua inglesa (residiu em Gloucester Place). **Felicia Dorothea Hemnan`s** (1793-1835), retoma o drama de Inês de Castro: "The Coronation of Inez de Castro (1830), inserido em "Songs of The Affections". Numa perspetiva romântica não podemos ignorar **Walter Scott.** Observador e comentador dos

acontecimentos em Portugal, nomeadamente do seu legado literário. Exerceu uma forte influência no romance português, em particular com o romance "Ivanhoe (trad. portuguesa, 1837). Neste abreve referência temos que referir, **Richard Francis Burton**, tradutor de **Camões** e autor de obras de divulgação histórica e antropológicas sobre Portugal.

A música também terá agradado bastante aos ingleses, embora em circunstâncias particulares. No início do século XIX, os dois grandes teatros de opera em Portugal, o S. Carlos de Lisboa (fundado em 1793) e o S. João no Porto (fundado em 1798) continuavam a estar totalmente dependentes de Itália, e assim irão permanecer. A sua sobrevivência foi então posta em causa pelo êxodo que se verificou para Londres. O **King`s Theatre of London** à medida que Napoleão dominava atravessou crescentes dificuldades na contratação de cantores, músicos, compositores, libertistas e até empresários para manter os seus espectáculos. O recrutamento em Lisboa e Porto começou logo em 1801 e prosseguiu até 1815, quando Napoleão foi derrotado em Waterloo. Entre essas figuras memoráveis que foram para Londres, estavam Giuseoe Naldi, Angélica Catalinio ou Giroleno Crescentini. **Marcos Portugal** viu as suas operas ensaiadas em Portugal serem levadas à cena em Londres. Quem por lá andou foi **Domingos Bomtempo** que terá ficado maravilhado com a **Royal Phillarmonic Society** (fund. 1813) que tentou depois replicar em Lisboa.

As colecções de arte portuguesa do século XIX, nos museus londrinos, para além de obras de ourivesaria, reduzem-se praticamente a peças de cerâmica. Há um caso que merece ser referido, a cerâmica das Caldas da Rainha.

As **Caldas da Rainha** é uma terra rica em águas e em barro, cuja produção de cerâmica remonta ao século XV. Uma das fábricas locais, pertencente a Maria dos Cacos, em 1853 foi vendida a **Manuel Cipriano Gomes** (1831-1905) que se autodenominava Manuel Mafra, numa homenagem à sua terra natal. Homem viajado e bom comerciante colocou as suas peças de cerâmica, de gosto naturalista por todo o país e na Inglaterra. Passou o negócio ao seu filho que procurou dar-lhe continuidade, sem o sucesso do pai. Em 1884 instalou-se nas Caldas da Rainha até 1905, o grande mestre da cerâmica portuguesa - **Rafael Bordalo Pinheiro**, sempre com um sucesso assinalável. O **Victoria and Albert Museum** possui uma pequena colecção de Manuel Mafra, mas curiosamente nenhuma do consagrado Rafael Bordalo Pinheiro.

O South Kensington Museum (actual V&A Museum) fundado em 1852, foi o museu londrino mais comentado no século XIX em Portugal. O seu objectivo era apoiar a melhoria da qualidade estética da produção industrial em Inglaterra, cuja Exposição Universal de Londres, em 1851, mostrou ser pobre. As suas colecções de objectos nas diferentes artes visavam fornecer exemplos para a formação de artesãos e artistas. Um modelo de museu-escola que replicado por toda a Europa.

Se o British Museum e o Victoria and Albert Museum não possuem obras de pintura ou escultura portuguesas do século XIX, em contrapartida guardam grandes colecções de **fotografias** e **gravuras** de monumentos e paisagens de Portugal. Um interesse alimentado pelo turismo e fomentado pela literatura de viagens.

Fotografia tirada em Portugal. Século XIX. in V&A Museum

Olhares. A partir da segunda metade do século XIX, aos olhos dos viajantes portugueses é uma verdadeira babilónia. Alguns procuram fazer verdadeiros roteiros, com sugestões sobre o que era obrigatório visitar. Um estudo deste olhares sobre Londres, entre 1860 e 1910, três locais aparecem em lugar destacado: Abbey Wstminster, Charing Cross e Hyde Park. O primeiro lugar impõe-se por razões históricos; o segundo, por ser então a principal estação ferroviária de Londres, inaugurada em 1864. O movimento de passageiros causavam assombro. Em 1905 o tecto desabou. Durante a II Guerra Mundial foi várias vezes bombardeada, está hoje muito modificada. O Hyde Park, onde se realizou a Exposição Universal de 1851, abriu, como parque publico no século XVII.

É sabido que **Eça de Queiróz** foi consul de Portugal em Bristol e Newcastle upon Tyne entre 1874 e 1888. Durante este período escreveu algumas das suas principais obras, como o *Crime do Padre Amaro*, o *Primo Basílio* e *Os Maias*. Para o jornal *Actualidade no Porto,* enviou 15 crónicas entre 1871 e 1978, comentando em todas elas a guerra Russo-Turca, com inconfundíveis páginas sobre a vida inglesa (*Cartas de Londres*). Sabe onde residiu em Londres? 23 Ladbroke Gardens, em Nottin Hill. Não sendo uma novidade, estas crónicas foram prosseguidas. **M. Teixeira-Gomes**, no seu estilo peculiar, em 1905, fica fascinado com os contrastes brutais que encontra, onde a miséria extrema se mostra sem pudor na capital do maior Império do mundo, povoada por seis milhões de habitantes vindos de toda a parte (*Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas*, 1942). **Teixeira de Pascoaes** que, em 1909, foi para Londres em busca da sua amada, escreveu um longo poema sobre a cidade. Não lhe faltaram adjectivos para a descrever, embora confesse que nunca se sentiu tão só e desamparado (*Londres*, 1925). **Júlio Dantas**, na curta estadia londrina nos anos vinte, deixou-nos um longo texto sobre a cidade repleto de notas históricas. Ficou encantado com as mulheres londrinas de todas

as idades. Bonitas e desinibidas desfrutavam a vida no melhor que esta lhes podia dar (*Cartas de Londres*, 1922).

A última referência literária vai para o **King`s College London** que, em 1860, iniciou o ensino do português em Inglaterra. Em 1919 criou a Cátedra Camões. Fruto desta tradição de estudos, em 2010 foi aberto o Centro Camões que promove regularmente diversos eventos culturais.

Pubs. O leitor terá reparado que jornada está a terminar e não demos nenhuma sugestão de um pub londrino. O motivo é simples: as palavras de Ramalho Ortigão na obra já referida continuam na nossa cabeça. Escreveu ele, em 1887, que os operários ingleses faziam ao domingo aquilo que todos os dias da semana faziam: ir para o gim-palace ou para o public-house (pub), os únicos locais como as igrejas que não fechavam, e embebedarem-se até caírem para o chão. A beberem gastavam o salário e o valor da roupa que haviam conseguido obter na casa de penhores. Oliveira Martins, em 1894, na obra já citada, não lhe fica atrás quando denuncia os Palácios do Gim e as casas do ópio em Whitechapel, onde se degradava o povo mais bárbaro da Europa, apesar do poderio do país. O contexto político do ulltimatum inglês a Portugal explica em parte estas diatribes contra Londres e os seus pubs. Os *Gin Palaces* que surgiram a partir de 1830, com uma arquitectura de interiores deslumbrante, com balcões corridos, ambientes bem iluminados e repletos de espelhos, levaram os pubs no final do século a copiá-los para sobreviverem. Quem terminou os seus dias foram os palácios de gim.

Highgate. Por falar em artistas e escritores ocorreu-nos passar pelo Highgate Cemitery. Não foi para visitar o túmulo de Karl Marx, mas de Elizabeth Siddal, a conhecida modelo da *Ofélia* (1852) de John E. Millais. O poeta e pintor Dante Gabriel Rossetti, com quem viveu um grande paixão, quando a mesma faleceu (1862), no seu caixão colocou um manuscrito com os seus versos. É aqui que entra um célebre vilão, nascido em Portugal: Charles Augustus Howell (1840-1890). Negociantes de obras de arte, secretário particular do critico arte John Ruskin, entre muitas outras coisas, foi acusado de servir-se das suas relações intimas com os seus amigos pré-rafaelitas para chantagear, e com a cumplicidade da sua amada Rosa Frances Corder (1853-1893), pintora e poeta para falsificar as suas obras. Pois bem, Howell convenceu Rossetti a exumar o caixão de Siddal e resgatar os versos que ai deixara. Tudo isto aconteceu neste cemitério, em 1869. A fama de changista colou-se a Howell, assim como as suas ligações a conspirações contra Napoleão III e a corte inglesa. Afirma-se que terá aparecido morto à porta de um pub em Chelsea, degolado e com uma moeda na boca. Artur Conan Doyle, inspirou-se nela para escrever mais uma história de Sherlock Holmes: "A Aventura de Charles Augustus Milverton". Não faltam desenhos desta personagem que em Londres se fazia passar por um descendente de nobres portugueses, e de ser membro da Ordem de Cristo. Morou em Chaldon House, Fulhan (1877), 91 Southampton Row, Ol Danner, Selvey Bill, Sussex (1879). Consta que está sepultado no Cemitério de Brompton, Earl`s Court, Royal Borough of Kesington and Chelsea. Um dos seus retratos mais interessantes é um desenho, datado de 1866, feito por Frederic Leighton, conservado no **Leighton House Museum** , em Kensigton

Guerra dos boeres. O dia vai longo. No regresso ao nosso poiso, deparamo-nos com uma estátua em **Higtbury Corner**, num memorial aos soldados residentes em Islington

mortos na segunda guerra contra o boers (1890-1902). O memorial não faz referência, nem seria de esperar aos 1443 boeres, incluindo 173 crianças que fugiram para Moçambique em Setembro de 1900 e foram trazidos para Portugal, em três navios (Benguela, Zaire e Afonso de Albuquerque). No país foram alojados em Alcobaça, Tomar, Abrantes e Peniche. O memorial foi erigido em 1905. Foi a segunda guerra inglesa contra o boers no quadro do domínio inglês do continente africano.

A Africa desde a década de 70 do século XIX estava a ser retalhada pelas potencias europeias. Leopoldo II da Bélgica desde 1876 que, em Bruxelas, concebia projectos para o domínio da África Central. Guilherme I da Alemanha resolveu entrar na corrida. Na África Austral conquistas da inglesas estão associadas a um nome: **Cecil John Rhodes**, um capitalista que sonhou criar um Império britânico desde o Cairo à cidade do Cabo. Em 1870 foi para a Africa do Sul. Dez anos depois funda a **Beers Consolidated Mines**, e promove uma guerra para se apoderar-se da exploração mineira nesta região, iniciando uma guerra com os holandeses. Em 1889 com outros capitalistas funda a **British Soult Africa Company**, criada segundo o modelo da Companhia Britânica da Indias Orientais. A companhia tinha poder para fazer leis, estabelecer tratados, organizar policias e forças armadas. A guerra contra os boeres (holandeses) entra numa nova e violenta fase. Procura também expulsar os portugueses de Moçambique, intima-os a sair do território entre esta colónia e Angola (1891). Apodera-se de territórios que hoje constituem países como o Malwi, Zambia, Zimbabwe e o Botswana. Estabelece uma politica de separação racial, escraviza milhões de negros procedendo à sua aniquilação, considerando-os uma raça inferior. Em 1890 é nomeado primeiro-ministro do Cabo, gerindo ao mesmo tempo um país com o seu nome: Rhodesia.

9. Londres no inicio do século XX, continua a ser a cidade mais populosa do mundo, contando com cerca de 6,6 milhões de habitantes. Em 1939, quando começa a II Guerra Mundial atingia os 8, 6 milhões, um crescimento que abrandou para em 2022 se situar nos 8,9 milhões.

Foi para Londres que se dirigiu **D. Manuel II** (1888-1932), último rei de Portugal, após a implantação da República em 1910, tendo fixado residência em Fulwell Park, Twickenham, nos arredores de Londres. Vários topónimos locais assinalam esta presença, como "Manuel Road", "Lisbon Avenue" e "Portugal Gardens". A família real britânica concedeu-lhe todas as honras de um monarca, sendo habitual a sua presença em cerimónias oficiais britânicas. Frequentava a igreja católica de Saint James. Em 1910, recorde-se, existiam apenas apenas duas repúblicas na Europa, a francesa e a portuguesa.

I Guerra Mundial. A Inglaterra, em 1916, solicitou a Portugal a requisição de todos os navios germânicos que se haviam refugiado em portos portugueses, o que foi feito. A 9 de Março deste ano, a Alemanha declarava guerra a Portugal. Lutou contra a Alemanha em duas frentes de batalha, uma na flandres ao lado da Inglaterra e outra em África. As primeiras expedições militares partiram para Angola e Moçambique em 1914 e para a Flandres em 1916. Nas colecções do **Imperial War Museums** existe uma vastíssima colecção de documentos e outros materiais da participação das tropas portugueses ao lado das britânicas nesta guerra na Flandres. Há todavia, muitos outros acontecimentos marcantes neste conflito.

Um dos grandes símbolos da construção naval britânica, **Lusitânea** foi afundado a 7 de maio de 1915, por único tropedo de um submarino alemão U-20. Morreram 1198 pessoas. Fazia a sua habitual travessia entre Nova Iorque e Liverpool, sendo o ponto fatal a 11 milhas do farol de Kindale, na Irlanda. Os alemães regozijaram-se com o feito. Uma medalha da autoria de Karl Goetz, atribuíu as culpas da mortandade à Cunard Line, por andar a transportar passageiros em tempo de Guerra, "O negócio acima de tudo". O nome deste o transatlântico homenageava a antiga província romana cujo território corresponde em grande parte a Portugal.

Na igreja católica de Saint James (Twickenham), em 2018, foi inaugurado um memorial ao esforço conjunto de Portugal e da Inglaterra na guerra de 1914-1918, um vitral desenhado por Caroline Benyon.

Ditadura. A ditadura em Portugal, instalada em 1926, afirmou-se nos anos trinta segundo um modelo inspirado no fascismo italiano. Quando deflagrou a II Guerra Mundial, a ditadura ficou dividida, optando pela neutralidade. A Inglaterra de inicio nada reclamou. Bastava-lhe uma ditadura ferozmente anti-comunista, ou os seus serviços secretos não colaborassem com os nazis também neste combate.

II Guerra Mundial. No Bar Britânia, no dia 3 de Julho de 1940, houve uma grande agitação. Vindo da outra margem do Tejo, chegou aos Cais do Sodré os **Duques de Windsor** - Edward Windsor e Wallis Simpson, simpatizantes do nazismo. Ficaram durante 29 dias a residir do casa do banqueiro Ricardo Espírito Santo em Cascais, um conhecido germanófilo. Era amigo íntimo do barão Oswald von Hoyningen-Huene, embaixador alemão na capital portuguesa desde 1934. Os duques, sempre observados nas suas movimentações e contactos, deixaram Lisboa na tarde de 1 de agosto de 1940 rumo às

Bahamas, para onde Edward fora destacado como governador. The National Archives (TNA), em Kew, no sudoeste de Londres, preservam-se um importante arquivo desta presença em Portugal.

O tema da espionagen, sempre fascinante, carece de outra visita agora no outro lado do Tamisa, o 54 Broadway, sede do **Secret Intelligence Service (SIS)**, mais conhecido por MI6 (Military Intelligence, Section 6) entre 1924 a 1964. Pouco depois dos acontecimentos anteriores, em maio de 1941, chegava Lisboa mais uma comitiva britânica, chefiada pelo contra-almirante John Heny Godfrey, acompanhado por Fleming, oficial da marina e agente do MI6. Por Lisboa e arredores passaram espiões de vários países, para obterem informação sobre o outro lado da guerra, estabelecer contactos ou relações diplomáticas. Cascais estava povoado de espiões. Foi no Estoril, que Ian Lancaster Fleming (1908-1964), conheceu Dusko Popov (1912-1981), o célebre espião duplo (alemão e britânico), hospede no Palácio Hotel, e terá presenciado uma apostada exorbitante que o mesmo fez Casino do Estoril. Fleming inspirou-se nele para criar a figura do agente James Bond, na sua primeira obra - *Casino Royale* (1953). O Palácio Hotel do Estoril, serviu de cenário para o filme "007 - ao Serviço de Sua Magestade" (1969). Quem não gostou destas inspirações foi Godfrey que, Fleming, transformou num desagradável chfe ficticio da MI6. Dusko Popov, em Novembro de 1947 no bar do Hotel Ritz (150 Piccadilly) em Londres foi condecorado com a medalha da Ordem do Império Britânico, pelos serviços prestados durante a guerra. Até falecer a família nunca soube do seu passado de espião.

Volfrâmio. A mineração do tungsténio em Portugal começou em 1871, nomeadamente no Couto Mineiro da Panasqueira. Este minério adquiriu um grande importância durante os conflitos militares, sobretudo na II Guerra. Desde o início de 1934 - um ano depois da implantação da ditadura nacional-socialista na Alemanha, que britânicos e germânicos competiram pelo controlo do tungsténio português(até Junho de 1944). Apesar do poderio da Grã-Bretanha, a Alemanha conseguiu implantar-se no sector mineiro português e adquirir quantidades relevantes de concentrados, a troco do ouro, muito do qual saqueado aos judeus.

Açores. Em 1943 a situação mudou. A Inglaterra precisava de ter uma base nos **Açores**. Num telegrama ao Ministério dos Negócios Estrangeiros datado de 23 de Junho de 1943, o embaixador britânico em Portugal, Sir Ronald Hugh Campbell, confirmou que "o governo britânico tinha invocado a aliança de 600 anos entre os dois países como base para solicitar a utilização de instalações militares nos Açores", a chamada a base das Lages. Churchill, num discurso na **Câmara dos Comuns**, em Outubro de 1943, descreveu a Aliança como "sem paralelo na história mundial". A **BBC,** no edificio da Busch House até 2011 manteve um serviço de informação em língua portuguesa. A base foi depois posta ao serviço dos EUA, o que não impediu que durante as **Falklands War** (1982) a Grã-Bretanha a tenha também solicitado para operações da sua armada.

A chamada sociedade civil portuguesa, como a inglesa, nunca se manifestaram grandes aproximações culturais. O preconceito inglês de superioridade em relação aos povos do sul, não facilitou. A mudança começou nos anos cinquenta quando surgiram duas organizações que pretenderam colmatar este distanciamento.

A **Fundação Calouste Gulbenkian**, fundada em 1956, abriu uma delegação em Londres **(**50, Hoxton Square). A razão imediata prende-se com o fundador. Arménio de nação, em 1895, foi obrigado fugir do Império Otomano. Mudou-se para Londres em 1897, tendo-se

naturalizado cidadão britânico em 1902. Em 1907 ajudou a organizar a fusão da Royal Dutch Petroleum Company com a "Shell" Transport and Trading Company Ltd. Calouste Gulbenkian graças à sua hábil capacidade negocial conseguiu reter cinco por cento das ações das empresas petrolíferas que ajudou a formar. Foi um dos pioneiros no desenvolvimento do sector petrolífero no Médio Oriente. Razão mais do que suficiente para a sua Fundação, um verdadeiro ministério da cultura em Portugal, ter uma delegação em Londres.

The Anglo-Portuguese Society (59-60, Russell Square), foi fundado em 1938 como um clube, e só adoptou o presente nome em 1950. Não possui, como é evidente, os recursos da anterior fundação, no entanto tem realizado um conjunto de eventos assinaláveis.

Independência das Colónias. Apesar de alguns momentos de tensão, a Grã-Bretanha durante décadas apoiou **ditadura em Portugal**. Tinha uma inimigo comum: a União Soviética/Comunismo. Um apoio que se desvaneceu a partir dos anos 60. Os movimentos de libertação das colónias portugueses em Londres adquiriram grande visibilidade. Os governos conservadores britânicos mantinham uma dúbia posição sobre a independência das colónias portuguesas, temendo as previsíveis consequências que poderiam resultar para o poder dos brancos na Africa do Sul e na Rodésia. Os trabalhistas passaram a apoiar abertamente a Oposição portuguesa à Ditadura. Durante a visita do ditador Marcelo Caetano a Londres, em Julho de 1973, Mário Soares (secretário geral do Partido Socialista), liderou na cidade uma acção contra o regime que teve uma larga cobertura da imprensa britânica e mundial. No dia 10/07/1973 *The Times (1 London Bridge Place),* o jornal de eleição de Fernando Pessoa, denunciou o massacre de Wiriamu em Moçambique. O papa condenou-o, o mesmo fez o parlamento italiano. Os Trabalhistas no Parlamento Britânico pediram um inquérito internacional, apelaram à suspensão de Portugal da Nato (https://hansard.parliament.uk/commons/1973-07-17/debates/1052dffd-4adb-4b5a-ab36-ff2b8f591429/Portugal). Trabalhistas e Liberais uniram-se no boicote à visita do ditador. A embaixada de Portugal foi cercada por milhares de manifestantes. A Suécia afirmou que duplicaria a ajuda à Frelimo. Os conservadores persistiram na sua sua posição ambígua. Era um forte sinal que estava para breve o fim

de um longo período histórico que começara em 1415, com a conquista de Ceuta no Norte de África.

O derrube da ditadura a 25 Abril de 1974 e as tensões políticas que se seguiram, estão amplamente documentadas em museus como o **Victoria and Albert Museum**.

O leitor já percebeu a importância destes museus e bibliotecas londrinas para conhecer a história de Portugal, mas não só. **Oliveira Lima** isso mesmo o constatou, em 1903, num breve levantamento sobre o que existia no **British Museum** a suas diferentes "bibliotecas" com de interesse para o Brasil. Outros o têm igualmente feito.

Música. Não era fácil a um português singrar na música em Inglaterra, o que não impediu que alguns o tenham feito. O melhor exemplo foi provavelmente **Guilhermina Suggia** (1885-1950), uma violoncelista. Com uma formação internacional, em parte custeada pelo governo britânico (1901) actuou nas principais salas de concerto na Europa. Fez de Londres o seu centro de actividade musical, tocou com a Royal Philharmonic Society, a State Simphony Orchestra, a BBC Symphony Orchestra, a London Symphony Orchestra. Os seus recitais no Royal Albert Hall ou no Wigmore Hall receberam as melhores criticas ao tempo.

Guilhermina Suggia - *Madame Suggia* (1925), pintura de Augustus John On (') On, in Tate Modern.

Há **Fado** em Londres, pelo menos desde 1905. M. Teixeira Gomes, na sua crónica *Londres Maravilhosa*, junto a *Somerset House* foi surpreendido pelo repenicar de uma guitarra. Quem assim tocava só podia ser um português, e era mesmo. Ali mesmo ouviu as qualidades sublimes deste género musical. Era "Alfama na City" nas suas palavras. Apesar desta maravilha londrina, o primeiro restaurante onde se cantou o **fado** só abriu no final dos anos 60: **O Fado** (49-50 da Street Beauchamp Place). Amália Rodrigues, a voz internacional desta canção urbana, deu aqui o seu primeiro concerto em 1971, no Palladium. Muita coisa mudou, nomeadamente devido à emigração, umas das últimas casas de fado a abrir foi **Once in Fado** (2016?).

Os interpretes não singraram, não foi por falta de registos sonoros em língua portuguesa. A comercialização em Portugal de registos sonoros em cilindros data de 1893. As gravações de músicos e músicas portuguesas ocorre a partir de 1900. Uma das empresas que os passou a fazer foi a **Gramophone Company (actual EMI) e a Homokord**, cujos arquivos sonoros são hoje repositórios essenciais da música portuguesa.

Artes. No campo das chamadas artes plásticas a situação só mudou também nas últimas décadas. É certo que até ao século XIX os artistas portugueses rumavam para Itália para fazerem a sua formação. No século XIX passaram a fazê-lo em França, e só na segunda metade do século XX se dirigiram também para Inglaterra. A sua presença em Londres , como tempo, acabou por lhes dar visibilidade. Hoje estão representados na Tate Modern: **Helena Vieira da Silva** (*The Corridor e The Tiled Room*), **Paula Rego** (várias obras) e **Pedro Cabrita Reis**. Paula Rego, tinha o seu atelier desde 1993 em Rochester Place, no bairro de Camden Town, no norte de Londres.

Artesanato. No sul de Londres, o **Horniman Museum & Garden** reune um conjunto interessante de peças de artesanato e instrumentos musicais portugueses. O que fascinou os colecionadores parece ter sido as bonecas vestidas com trajes regionais, mas onde também não faltam os celebérrimos galos de Barcelos. O passado colonial de Portugal também não é esquecido, assim como o modo como Frederick Horniman fez fortuna, numa altura que os comerciantes ingleses trocavam ópio por chá...

Desporto. Mudando de assunto para um tema caro a ingleses e portugueses: o **Campeonato do mundo de futebol** de 1966. A semi-final disputada em Wembley, a 26 de Julho, entre Portugal e a Inglaterra assumiu nos dois países dimensões épicas. Bobby Charlton marcou dois golos, Eusébio um. A Inglaterra foi à final e conquistou a taça. Eusébio foi declarado o melhor jogador do campeonato, marcou 9 golos, a selecção ficou em 3º. lugar. O campeonato esteve termido. Meses antes do torneio, no dia 20 de Março o troféu - a Taça Jules Rimet - foi roubado, quando estava em exposição na Central Hall Westminster de Londres, onde ocorria uma exposição de filatelia. Uma semana depois, o Pickles, quando passeava com o dono, farejou e entre os arbustos encontrou a valiosa taça. Pickles foi recompensado com alimentos para toda a vida, oferecidos por uma fábrica de rações. Em 2018 à entrada de St. Valery Flats foi colocada uma placa assinalando o feito. Nas últimas décadas alguns treinadores e futebolistas portugueses, como Mourinho ou Cristiano Ronaldo, tem sido idolatrados por legiões de adeptos ingleses. Os grandes clubes de Londres - Chelsea, Arsenal, Tottenham, West Ham, seguidos do Charlton, Fulham e o Crystal Palace tem contado com jogadores e treinadores portugueses. Mourinho celebrisou-se no Chelsea, quando o dono era Roman Abramovich, um russo que adquiriu a nacionalidade portuguesa devido aos seus alegados antepassados judeus...

Neste tema dos desporto muito havia para contar, mas para o concluir recomendo um pequeno passeio, entre **Putney** até **Mortlake,** passando por **Barnes** e **Hammersmith**, onde se realiza desde 1829 a célebre competição entre Oxford e Cambridge. Em 1908 um português Henry Bucknall, experiente remador nestas regatas, nos Jogos Olímpicos foi o voga da tripulação de Shell 8 inglesa que conquistou uma medalha de ouro. O passeio é lindo.

Little Portugal. A emigração portuguesa em massa para a Grã-Bretanha é um fenómeno relativamente recente. Desde os anos cinquenta tinha como destino na Europa, a França, Alemanha e o Luxemburgo. A Suiça foi pouco depois. A vaga para Grã-Bretanha ocorreu

em consequência da crise financeira de 2008, e acelerou depois de 2014. Era um emigração equilibrada em termos de género, jovem e qualificada (38%, em 2011, possuíam formação superior). O número de emigrantes tem vindo a diminuir depois de 2021, reflexo da aprovação do Brexit (2016).

Teatro. Em 2023 estimava-se que vivessem na Grã-Bretanha cerca de 400 mil portugueses. No South Lambeth, a sul de Londres, entre Vauxhall, Stockwell e Brixton formou-se uma importante comunidade portuguesa no que veio a ser conhecida por Little Portugal. Muitos vieram da Madeira, Açores e do Continente, a que se juntaram galegos e brasileiros. As afinidades linguísticas e culturais tem esta capacidade de atracção. O aparecimento de restaurantes, cafés, delegações de clubes de futebol são mais do que negócios, são locais de encontro, convívio onde muitos matam saudades. Dias depois de regressar de Londres, em Novembro de 2023, era inaugurado um mural evocativo da Litte Portugal junto à biblioteca da Tate South Lambeth Library em Stockwell. As duas autoras Alex Bowie e Eduarda Craveiro escolheram como símbolo deste local o Coração de Viana, com objectos e flores que simbolizam os diversos países lusófonos.

Ainda não terminamos esta curta estadia, falta-nos uma visita ao **Galleon Theatre Company**, uma companhia de teatro independente de Londres, fundada em 1988, por Bruce Jamieson e Alice de Sousa. Desde 1995, reside no Greenwich Playhouse, e onde tem levado à cena peças do repertório português, como Inês de Castro (Alice de Sousa), Os Maias (Eça de Queirós), O Peregrino (Almeida Garrett) entre outras.

Pubs. Chegou ao fim mais uma curta estadia em Londres. De **Witherington Road** à estação foi um pulo. Nada de pressas. Antes de apanhar o comboio para Tottenham Hale e daqui ao aeroporto, não resisti a entrar no **Famous Cock Tavern** (259 Upper St) e beber uma cerveja.

Quanto ao pub de Thomas Burke, no natal de 2023, decidi que o assunto seria tratado em Lisboa. É sempre importante uma boa preparação para tão árdua tarefa de leituras, e dei comigo de novo no **British Bar (BB)**. O BB, honrando a tradição de espaço de liberdade, em maio de 1945, foi palco de uma das maiores manifestações em Lisboa aquando da vitória dos aliados. Dito isto mergulhei nos contos de Thomas Burke. Na BNP deleitei-me com o seu conto "As mãos de Mr. Ottermale", na colectânea "*Doze dos Melhores Contos Policiais de Sempre*", numa edição de 1921, mas decidi não prosseguir com novas leituras dos seus contos. A razão é compreensível, o assassino em série, o sargento Ottermale, sete vítimas no total, afinal gostava de chá e não de cerveja. Quanto ao meu guia de Londres - *Portugal em Londres* - fica aqui publicada a primeira versão, como se verá na segunda, há muito para contar.

Carlos Fontes (Jornal da Praceta)

Londres, Islington, 2024

Portugal em Londres

Indices

Casas

- Magalhães, Islington, no nº12 de Nevil Court, Fetter Lane
- Eça de Queirós
- Marques de Pombal
- Almeida Garrett

Casas Museus

- Apsley House,
- Leighton House Museum (Kensigton)
- Sir John Soanes Museum
- The Wallace Collection Museum
- Strawberry Hill

Cais, Navios

- Pool of London,
- London Doclands
- Cutty Sark

Instituições

- Westminster
 - Secret Intelligence Service (SIS) (54 Broadway)
- Embaixada de Portugal (Belgrave Square)

- Fundação Calouste Gulbenkian (50, Hoxton Square).
- The Anglo-Portuguese Society

- Barings Bank (Bishopsgate Street)
- Freemamasons`s Hall,

- Royal Society of London
- Royal College of Physicians
- King`s College London
- Hospital Beth Holim (Leman Street).
- Royal Hospital Chelsea,

Igrejas, Sinagogas

- Abbey Westminster
- Sinagoga Bevis Marks
- Capela da Rainha no Palácio de St. James.

Jardins

- Kew Gardens (Royal Botanic Gardens),
- Holland Park

Museus. Bibliotecas. Galerias de Arte

- Museum of London Docklands
- Museum of London
- Victoria and Albert Museum
- British Museum
- Tate Modern Museum
- National Portrait Gallery
- Science Museum (South Kensington)
- Tate Britain Museum
- Imperial War Museums
- Natural History Museum
- Museum of the Order St. John
- Royal Museums Greenwich/National Maritime Museum
- Hunterian Museu
- St. Bartholomew`s Hospital Museum
- Juwish Museum of London
- London Transport Museum
- Horniman Museum & Garden
- Museum & Herb Garret / Old Operating Theatre (St Thomas`s Church 9A-St Thomas Street)
- The Foundling Museum (40 Brunswick Square, em Bloomsbory)

- National Archives de Londres (Kew, Richmond, Surrey)
- British Library
- Wellcome Collection

Palácios . Palacetes

- Whitehall Palace.
- Buckinghan Palace
- Hampton Court Palace
- St James`s Palace
- Somerset House
- Windsor Castle
- Tower of London
- Holland House

Pubs. Casas de Chá

- Twinings Tea Shop (216 Strand)
- Famous Cock Tavern (259 Upper St)
- The Lamb (94 Lamb's Conduit Street)
- Museum Tavern (49 Geat Russel st).
- Old Red Lion Pub
- Three Tuns (36 Jewry Street
- The Globe (Moorgate).
- Barley Mow (8 Dorset Street),
- The Windsor Castle (114 Campden Hill Road)
- Camden Head (2 Camden Walk)

- Ye Olde Mitre Tavern (Ely Court, Ely Place)
- Yo Olkd Cheshire Cheese
- The Old Bell Tavern (Fleet Street)
- Artillery Arm (102 Bunhil Row)
- Red Lion (48 Parliament Street)
- The George and Vulture Tavern (3 Castle Court)
- The Old Jerusalem Tavern

Sítios

- Caledonian Park (Copenhagen House)
- Hammersmith
- Trafalgar Square
- Portugal Street
- Little Portugal.
- Higtbury Corner
- Tooley Street
- Carey Street

Cemitérios

- St. Pancras Old Church (Pancras Road).
- Highgate Cemitery.
- Bunhil Fields cemitery
- cemitério judaico (253 Mile End Road, Stepney).

Salas de Espectáculos. Recintos Desportivos

- Almeida Theatre
- Galleon Theatre Company
- Once in Fado
- O Fado (49-50 da Street Beauchamp Place).
- Palladium
- Shakespeare's Globe Theatre
- King`s Theatre of London
- Wembley